

ARLETE DE FALCO

***ENTÃO E POR ISSO* NO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO:  
DO FALAR SULGOIANO PARA UM CONTRAPONTO  
ENTRE O AQUÉM E O ALÉM-MAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em  
Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como  
requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em  
Linguística.

Área de concentração: Estudos em Linguística e Linguística  
Aplicada.

Linha de pesquisa: Teorias e análises linguísticas: estudos  
sobre léxico, morfologia e sintaxe.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maura Alves de Freitas Rocha

UBERLÂNDIA – MG  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
2005

## FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborado pelo Sistema de Bibliotecas da UFU – Setor de  
Catalogação e Classificação – mg / 03/05

- F181e Falco, Arlete de, 1954.  
Então e por isso no português contemporâneo: do falar sulgoiano para um contraponto entre o aquém e o além-mar / Arlete de Falco. - Uberlândia, 2005.  
140.f. : il.  
Orientador: Maura Alves de Freitas Rocha.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Linguística.  
Inclui bibliografia.
1. Língua portuguesa - Advérbios - Teses. 2. Língua portuguesa - Conjunção - Teses. 3. Linguística - Teses. I. Rocha, Maura Alves de Freitas. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. Título.

CDU: 806.90(043.3)

Arlete de Falco

*Então e por isso* no português contemporâneo: do falar sulgoiano para um contraponto entre o aquém e o além-mar.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada.

Linha de pesquisa: Teorias e análises linguísticas: estudos sobre léxico, morfologia e sintaxe.

Banca Examinadora:

Uberlândia, 29 de março de 2005.

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maura Alves de Freitas Rocha – UFU

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marilza de Oliveira – USP

---

Prof. Dr. Evandro Silva Martins – UFU

Para  
Laura e João Artur.

E o pião rodava, rodava...  
Na velha rua de chão batido.  
E eu, distraído, pensava:  
Não quero ser igual ao pião,  
Que roda, roda, e cai  
Cansado, ali no chão.

Quero viver todos os sonhos,  
Os mais belos, os mais risonhos...  
Viver a minha ilusão.  
Torná-la assim verdadeira.  
Sem esquecer da feira  
Que faz rodar o pião.

Toda criança assim diz:  
Quando eu crescer,  
Quero viver num mundo  
Mais justo, mais feliz.  
Viver a minha ilusão  
Torná-la assim verdadeira.  
Não esquecendo que a feira  
É que faz rodar o pião.

(Geni B.Guimarães – informante itumbiarenses)

## AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos à Profª Drª Maura Alves de Freitas Rocha, pela orientação segura, objetiva e lúcida. E, sobretudo, pela disponibilidade em me ajudar, nos momentos de insegurança e angústia, durante o desenvolvimento deste trabalho.

Ao ILES/ULBRA, em especial à Professora Nadabe Fortes, pelo apoio recebido, sobretudo por ocasião do ingresso no Programa de Mestrado.

À Secretaria Municipal de Educação de Itumbiara, por compreender a prioridade desta pesquisa.

À minha família, pelo carinho e incentivo permanentes.

Aos amigos, que direta ou indiretamente, contribuíram para que este trabalho chegasse a seu termo.

E, sobretudo, aos informantes itumbiarenses, que, *fazendo-se feira, impulsionaram e fizeram girar este pião.*

## **HOMENAGEM ESPECIAL**

À minha mãe, que, antes de partir (muito cedo) para o azul e se transformar em idéia, plantou em mim a semente do amor às palavras. E ao meu pai, primeiro a partilhar comigo a árdua tarefa de sondá-las, espreitá-las e (ousadia!) desbravá-las.

## SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS .....	10-11
LISTA DE GRÁFICOS.....	12-13
RESUMO.....	14
ABSTRACT.....	15
INTRODUÇÃO.....	16-22
1 REFERENCIAL TEÓRICO.....	23-51
1.1 Introdução.....	23
1.2 A Sociolinguística Quantitativa.....	23-26
1.3 A Sociolinguística Paramétrica.....	26-31
1.4 Conjunções e advérbios: uma interseccionalidade histórica.....	31-36
1.5 O item <i>por isso</i> .....	36-42
1.6 O item <i>então</i> .....	42-51
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	52-63
3 O EMPREGO DE <i>ENTÃO</i> E <i>POR ISSO</i> NO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO: ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS .....	64-118
3.1 Introdução.....	64-65
3.2 O papel da classe social na seleção de <i>então</i> e <i>por isso</i> como conjunção ou advérbio	66-80
3.3 A relação entre faixa etária e o emprego de <i>então</i> e <i>por isso</i> .....	80-85
3.4 A comutação com <i>logo</i> e <i>por isso</i> mediante o cruzamento com outros fatores internos. . . .	85-102
3.5 A posição de <i>então</i> e <i>por isso</i> na oração e sua implicação com outros fatores internos. . . .	103-106
3.6 A clivagem e sua implicação com outros fatores internos.....	107-109

3.7 Algumas singularidades .....	109-118
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	119-122
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	123-126
ANEXOS .....	127-140
ANEXO A – Tabelas .....	128-135
ANEXO B – Informações gerais sobre os informantes .....	136
ANEXO C – Critério Brasil.....	137-140

## LISTA DE TABELAS

1 Distribuição de <i>então</i> e <i>por isso</i> nas variedades do português . . . . .	128
2 Distribuição de <i>então</i> e <i>por isso</i> nas modalidades da língua. . . . .	128
3 Distribuição de <i>então</i> e <i>por isso</i> de acordo com classe social e faixa etária . . . . .	128
4 O emprego de <i>então</i> e <i>por isso</i> pelos falantes, de acordo com faixa etária e classe social.	129
5 Distribuição de <i>então</i> e <i>por isso</i> nas classes sociais. . . . .	129
6 Possibilidade de comutação com <i>logo</i> e classe social. . . . .	129
7 <i>Então</i> e <i>por isso</i> em relação à classe social e à possibilidade de clivagem. . . . .	129
8 Distribuição de <i>então</i> e <i>por isso</i> face ao cruzamento dos fatores classe social e coocorrência de outro elemento conjuntivo. . . . .	130
9 Distribuição de <i>então</i> e <i>por isso</i> de acordo com a relação entre faixa etária e possibilidade de comutação com <i>logo</i> . . . . .	130
10 A distribuição de <i>então</i> e <i>por isso</i> de acordo com a possibilidade de clivagem e faixa etária. . . . .	130
11 A relação entre faixa etária e coocorrência com outro elemento conjuntivo. . . . .	131
12 Distribuição de <i>então</i> e <i>por isso</i> mediante cruzamento dos fatores comutação e posição na oração. . . . .	131
13 A distribuição de <i>então</i> e <i>por isso</i> mediante o cruzamento dos fatores possibilidade de clivagem e de comutação com ' <i>logo</i> '. . . . .	131
14 Emprego de <i>então</i> e <i>por isso</i> em relação aos fatores possibilidade de comutação com ' <i>logo</i> ' e coocorrência com outro elemento conjuntivo . . . . .	132
15 Distribuição de <i>então</i> e <i>por isso</i> mediante o cruzamento dos fatores coocorrência de elemento conjuntivo e modalidades lingüísticas. . . . .	132
16 Distribuição de <i>então</i> e <i>por isso</i> mediante o cruzamento dos fatores coocorrência de elemento conjuntivo e variedades do Português. . . . .	132

17 A distribuição de <i>então</i> e <i>por isso</i> mediante o cruzamento dos fatores possibilidade de comutação com <i>logo</i> e valores sintático-semânticos. . . . .	133
18 A distribuição de <i>então</i> e <i>por isso</i> mediante o cruzamento dos fatores possibilidade de comutação com <i>logo</i> e modalidades da língua. . . . .	133
19 A distribuição de <i>então</i> e <i>por isso</i> em relação à possibilidade de comutação com <i>logo</i> e às variedades do Português. . . . .	133
20 A distribuição de <i>então</i> e <i>por isso</i> de acordo com a possibilidade de clivagem e a posição na oração . . . . .	134
21 Relação entre posição na oração e modalidade lingüística. . . . .	134
22 Distribuição de <i>então</i> e <i>por isso</i> mediante o cruzamento dos fatores posição na oração e variedades do Português. . . . .	134
23 Distribuição de <i>então</i> e <i>por isso</i> mediante o cruzamento dos fatores coocorrência de elemento conjuntivo e clivagem. . . . .	134
24 Distribuição de <i>então</i> e <i>por isso</i> mediante o cruzamento dos fatores clivagem e modalidade lingüística. . . . .	135
25 A relação entre clivagem e variedades do Português. . . . .	135
26 Os valores sintático-semânticos e as variedades do Português. . . . .	135

## LISTA DE GRÁFICOS

1 Distribuição de <i>então</i> e <i>por isso</i> nas variedades do português . . . . .	64
2 Distribuição de <i>então</i> e <i>por isso</i> nas modalidades da língua. . . . .	65
3 Distribuição de <i>então</i> e <i>por isso</i> de acordo com classe social e faixa etária . . . . .	66
4 O emprego de <i>então</i> e <i>por isso</i> pelos falantes, de acordo com a faixa etária e classe social	67
5 Distribuição de <i>então</i> e <i>por isso</i> nas classes sociais. . . . .	71
6 Possibilidade de comutação com <i>logo</i> e classe social. . . . .	72
7 <i>Então</i> e <i>por isso</i> em relação à classe social e à possibilidade de clivagem. . . . .	76
8 Distribuição de <i>então</i> e <i>por isso</i> face ao cruzamento dos fatores classe social e coocorrência de outro elemento conjuntivo. . . . .	78
9 Distribuição de <i>então</i> e <i>por isso</i> de acordo com a relação entre faixa etária e possibilidade de comutação com <i>logo</i> . . . . .	81
10 A distribuição de <i>então</i> e <i>por isso</i> de acordo com a possibilidade de clivagem e faixa etária. . . . .	82
11 A relação entre faixa etária e coocorrência com outro elemento conjuntivo. . . . .	84
12 Distribuição de <i>então</i> e <i>por isso</i> mediante cruzamento dos fatores comutação e posição na oração. . . . .	86
13 A distribuição de <i>então</i> e <i>por isso</i> mediante o cruzamento dos fatores possibilidade de clivagem e de comutação com ' <i>logo</i> '. . . . .	90
14 Emprego de <i>então</i> e <i>por isso</i> em relação aos fatores possibilidade de comutação com ' <i>logo</i> ' e coocorrência com outro elemento conjuntivo . . . . .	94
15 Distribuição de <i>então</i> e <i>por isso</i> mediante o cruzamento dos fatores coocorrência de elemento conjuntivo e modalidades lingüísticas. . . . .	95
16 Distribuição de <i>então</i> e <i>por isso</i> mediante o cruzamento dos fatores coocorrência de elemento conjuntivo e variedades do Português. . . . .	96

17 A distribuição de <i>então</i> e <i>por isso</i> mediante o cruzamento dos fatores possibilidade de comutação com logo e valores sintático-semânticos. . . . .	97
18 A distribuição de <i>então</i> e <i>por isso</i> mediante o cruzamento dos fatores possibilidade de comutação com <i>logo</i> e modalidades da língua. . . . .	98
19 A distribuição de <i>então</i> e <i>por isso</i> em relação à possibilidade de comutação com logo e às variedades do Português. . . . .	100
20 A distribuição de <i>então</i> e <i>por isso</i> de acordo com a possibilidade de clivagem e a posição na oração . . . . .	103
21 Relação entre posição na oração e modalidade lingüística. . . . .	105
22 Distribuição de <i>então</i> e <i>por isso</i> mediante o cruzamento dos fatores posição na oração e variedades do Português. . . . .	106
23 Distribuição de <i>então</i> e <i>por isso</i> mediante o cruzamento dos fatores coocorrência de elemento conjuntivo e clivagem. . . . .	108
24 Distribuição de <i>então</i> e <i>por isso</i> mediante o cruzamento dos fatores clivagem e modalidade lingüística. . . . .	108
25 A relação entre clivagem e variedades do Português. . . . .	109
26 Os valores sintático-semânticos e as variedades do Português. . . . .	110

## RESUMO

Este estudo analisa o comportamento de *então* e *por isso* no Português Brasileiro contemporâneo, nas modalidades oral e escrita, realizando um contraponto com o Português Europeu, com o objetivo de verificar se esses itens se encontram em processo de mudança lingüística em andamento. Agindo como conectores e/ou como operadores do discurso, esses itens ligam não só orações, como partes maiores do texto, exercendo ora a função de advérbio ou expressão adverbial, ora a função de conjunção. Buscou-se detectar se esses elementos estão caminhando rumo a uma especialização como conjunção coordenativa e que fatores estão condicionando essa mudança. Para tanto, estabeleceram-se alguns parâmetros que, reunidos, definem um item como conjunção: possibilidade de comutar-se com *logo* na mesma posição, rejeição à clivagem e rejeição à conjunção coordenativa precedente. Para o desenvolvimento da pesquisa, trabalhou-se com dois *corpora*: um representante do Português do Brasil, outro do Português Europeu, ambos nas modalidades oral e escrita. Para a composição do *corpus* do Português Europeu foram utilizados dados extraídos do Instituto Camões, de Portugal, além de entrevistas extraídas do banco de dados do Projeto Português Fundamental; para a modalidade escrita utilizaram-se artigos do Jornal de Notícias, de Portugal. Na composição do *corpus* do Português do Brasil, na modalidade oral, foram utilizados dados coletados em 49 entrevistas realizadas com falantes adultos da cidade de Itumbiara-GO. Para a composição do *corpus* da língua escrita foram utilizadas 21 revistas Veja. A análise realizada evidenciou que *então* e *por isso* estão assumindo rumos diferenciados nas duas variedades lingüísticas: enquanto no Português do Brasil o percentual de *então* com valor conclusivo apresenta índices significativos, no Português Europeu esse item mantém-se com fortes características adverbiais; *por isso* conserva expressivas marcas adverbiais nas duas variedades do Português.

**Palavras-chave:** mudança lingüística; então; por isso; advérbio; conjunção.

## ABSTRACT

This study analyses behavior of *então* and *por isso* in the contemporary Portuguese, in the oral and written ways, achieving a counterpoint between the Portuguese from Brazil and the European one, with the aim of verifying if those items are in a process of linguistic change in tempo. Acting as connectors and / or as operators of speech, those items link not only clauses, as greater parts of the text, working either the function of an adverb or adverbial expression, either the function of a conjunction. We sought to detect if those elements are stepping straight to a specialization as a co-ordinative conjunction and which factors are conditioning that change. In order to that, some parameters were established that, assembled, define an item as a conjunction: possibility of commuting with *logo* right in the same position, rejection to the cleavage and rejection to the preceding co-ordenative conjunction. In order to the search development, we worked with two *corpora*: one representative of Portuguese from Brazil, another from the European Portuguese, both in the oral and written ways. In order to the composition of the *corpus* from European Portuguese, data extracted from Camões Institute, from Portugal, were used, besides the interviews extracted from the data-bank from the Fundamental Portuguese Project; in order to the written way, articles from the “Jornal de Notícias” from Portugal were used. In the composition of the *corpus* of the Portuguese from Brazil in the oral way, data collected in 49 interviews carried out with adult speakers from the city of Itumbiara-GO were utilized. In order to compose the *corpus* of the written language 21 *Veja* magazines were utilized. The achieved analysis became evident that *então* and *por isso* are posing differentiated point in the two linguistic varieties: while in Portuguese from Brazil the percentage of *então* with a conclusive value shows significant contents, in the European Portuguese that item keeps itself with strong adverbial features; *por isso* preserves expressive adverbial marks in the two varieties from Portuguese.

**Key-words:** linguistic change; então; por isso; adverb; conjunction

## INTRODUÇÃO

Originário do latim *coniunctionem*, de *coniungere* – unir, ligar – o termo *conjunção* tem sido definido pela gramática tradicional como uma palavra invariável, que é empregada para ligar duas palavras ou grupos de palavras de função idêntica na mesma oração, ou também, duas orações da mesma natureza sintática ou de naturezas sintáticas diferentes. Para Dubois et al (1973, p. 141) “reúnem-se assim, sob a mesma denominação dois tipos de palavras que exercem a função de conectivos ou de articulações lógicas do discurso”.

As relações estabelecidas pela conjunção podem ser de coordenação ou de subordinação, mas interessa-nos, neste trabalho, apenas a primeira. De acordo com Câmara Júnior (1977), a relação de coordenação, na língua portuguesa, é marcada fundamentalmente pela conjunção *e*. As idéias de contraste, alternância, conclusão e explicação são indicadas por palavras ou expressões que se filiam, remota ou recentemente, a advérbios ou locuções adverbiais, uma vez que as idéias que introduzem são, geralmente, modalidades que acompanham a coordenação. Esse fato está na base de todas as discussões sobre esse tema.

Na opinião de Pezatti (2000, p. 61),

Uma das áreas menos precisas da gramática do português é a da classificação de conjunções: a indicação de categorias e subcategorias esbarra freqüentemente na falta de critérios claros e explícitos de delimitação, sendo, por isso, um domínio a que melhor se aplica o conhecido princípio da não-biunivocidade entre forma e função. A falta de correspondência entre o princípio de dependência semântica e o de dependência sintática tem motivado um tratamento escalar e não discreto para a classe.

Nosso foco de interesse nessa pesquisa são os itens *então* e *por isso*, que dividem a opinião dos estudiosos a respeito de sua classificação. Enquanto há autores que sustentam que tais termos não apresentam estatuto de conjunção, algumas gramáticas normativas os

registram como tal. Sabe-se que, para a gramática normativa, as relações de coordenação podem-se dar de cinco maneiras, daí se dividirem as conjunções coordenativas em aditivas, explicativas, adversativas, conclusivas e alternativas. Não é esse, porém, o ponto de vista de Bechara (2003, p. 322), para quem essas relações são apenas de três tipos, e as conjunções coordenativas são apenas as aditivas, as adversativas e as alternativas. Segundo ele,

Levada pelo aspecto de certa proximidade de equivalência semântica, a tradição gramatical tem incluído entre as conjunções coordenativas certos advérbios que estabelecem relações inter-oracionais ou intertextuais. É o caso de *pois*, *logo*, *portanto*, *entretanto*, *contudo*, *todavia*, *não obstante*. Assim, além das conjunções coordenativas já assinaladas, teríamos as explicativas (*pois*, *porquanto* etc.) e conclusivas (*pois* [posposto], *logo*, *portanto*, *então*, *assim*, *por conseguinte* etc), sem contar *contudo*, *entretanto*, *todavia* que se alinham junto com as adversativas. Não incluir tais palavras entre as conjunções coordenativas já era lição antiga na gramaticografia de língua portuguesa; vemo-la em Epifânio Dias (ED. 1) e, entre brasileiros, em Maximino Maciel, nas últimas versões de sua Gramática [Mma.1]. Perceberam que tais advérbios marcam relações textuais e não desempenham o papel conector das conjunções coordenativas, apesar de alguns manterem com elas certas aproximações ou mesmo identidades semânticas.

A opinião de Bechara (2003), como se vê, retoma, ampliando, a visão de Câmara Júnior (1977), mencionada anteriormente. Esse gramático se baseia em alguns pontos para aceitar ou refutar um item lexical como conjunção coordenativa. Em primeiro lugar, a verdadeira conjunção coordenativa não se compatibiliza com outra. Quando isso ocorre, é porque uma delas não é conjunção. Observe-se o exemplo a seguir, extraído desse autor:

(1) Não foram ao mesmo cinema e, portanto, não se poderiam encontrar. (BECHARA, 2003, p. 322)

Para Bechara, a verdadeira conjunção em (1) é a aditiva *e*. De acordo com seu ponto de vista, se se retirar a copulativa *e*, o resultado será uma construção assindética, onde *portanto* desempenha a função de adjunto adverbial, como se vê abaixo:

(2) Não foram ao mesmo cinema; portanto, não se poderiam encontrar. (BECHARA, 2003, p. 322)

Um outro traço característico das conjunções coordenativas, apresentado por Bechara (2003), é a possibilidade de coordenar termos da mesma função, o que podemos ilustrar com o exemplo abaixo:

(3) Quando o outono terminar *e* o inverno chegar rigoroso, estaremos preparados para enfrentá-lo.

O que temos em (3) é a copulativa *e* coordenando duas orações subordinadas adverbiais temporais.

Além disso, Bechara (2003) aponta outro traço que caracteriza a conjunção coordenativa: a capacidade de constituir um bloco unitário de enunciados coordenados, que, por sua vez, está coordenado a outro anterior. O autor ilustra essa situação com o seguinte exemplo:

(4) Luís é vegetariano, mas [não come abóbora nem bebe chá]. (Ibid., p. 323)

O período que aparece entre colchetes organiza-se por meio de uma relação de coordenação e o bloco formado pelas duas orações que se ligam por meio da coordenativa aditiva está numa relação de adversidade, ou oposição, com a oração anterior. Essa estrutura, de acordo com Bechara (2003, p. 323), só pode se realizar com as conjunções coordenativas, o que equivale a dizer que isso só acontece com as conjunções aditivas *e*, *nem*, com as adversativas *mas*, *porém* e *senão*, e a alternativa *ou*, que são, na verdade, as coordenativas que ele reconhece. Parece-nos, porém, que essa construção não é restrita aos elementos acima. Outros itens lexicais podem compor enunciados semelhantes, igualmente aceitáveis e bem formados. Consideremos as duas situações a seguir:

- (5) Realmente já recebi meu pagamento, mas [paguei todas as contas da casa, logo estou sem dinheiro].
- (6) Eu não tinha conhecimento profundo em Inglês, mas [estudei bastante, então consegui aprovação no concurso].

Parece-nos não ser precipitado afirmar que *logo* e *então* desempenham em (5) e em (6), respectivamente, o mesmo papel desempenhado por *nem* em (6), que é o de coordenar duas orações, as quais, por seu turno, se coordenam, em bloco, com a oração anterior. Esse fato indicia o aspecto conjuncional destas palavras e reitera a pertinência de nosso trabalho, ainda mais se considerarmos que a mesma construção realizada acima, em (5) e (6), pode ser feita com *por isso*, que é alternável com *logo* e *então* nos casos mencionados.

Um outro ponto relevante nessa discussão é mobilidade que um termo pode apresentar dentro da sentença. Para alguns, essa mobilidade constitui traço exclusivo de alguns advérbios, motivada por sua frouxa relação com o verbo e está ausente nas conjunções. Esse assunto, contudo, não está bem resolvido entre os estudiosos. De acordo com Cunha e Cintra (2001, p. 581), dentre as conjunções coordenativas, apenas a adversativa *mas* tem posição fixa no início da frase. Em se tratando especificamente de coordenativas adversativas, a opinião desses autores não provoca controvérsias. Porém eles sustentam também que “As conclusivas *logo*, *portanto* e *por conseguinte* podem variar de posição, conforme o ritmo, a entoação, a harmonia da frase” (Ibid., p. 582). A afirmação é polêmica por englobar *logo*, termo que não tem traço de mobilidade, sendo essa uma das razões de essa conjunção ser tida por alguns como conclusiva prototípica.

Bastante relevante no bojo dessa discussão é o ponto de vista de Carone (2003). Segundo ela, a mobilidade existente em algumas conjunções é resquício de sua antiga condição de advérbio e não descaracteriza uma conjunção coordenativa como tal. Podemos ilustrar esse ponto de vista com o exemplo abaixo:

- (7) a. João comprou um carro novo, porém ficou endividado.  
 b. João comprou um carro novo; ficou, porém, endividado.  
 c. João comprou um carro novo; ficou endividado, porém.

Construções como (7) são, de fato, bastante recorrentes na língua e aceitáveis como representantes de estruturas coordenadas, o que mostra que, mesmo itens consagrados como conjunção, podem conservar traços de mobilidade.

Retomando o ponto de vista de Bally (1965), Carone (2003, p. 58) considera que duas orações estão coordenadas quando a primeira oração ou coordenada 1 reaparece na segunda, incorporada à sua estrutura. Esse processo de coordenação obedece a algumas etapas. Primeiramente um termo de valor adverbial, que pertence à estrutura da segunda oração, reitera a primeira oração como um todo, e é um representante da primeira oração dentro da segunda. Esse termo entra em processo de cristalização e lenta e gradativamente se desvanece nele a idéia de que é uma anáfora da oração inicial; ao mesmo tempo a função relacionadora desse termo ganha força: ele é um *laço* com que a segunda oração se *agarra* à primeira. Finalmente esse termo se petrifica como conjunção.

Baseando-nos nas palavras dessa autora, podemos ilustrar essas etapas com o exemplo a seguir:

- (8) a. Economizei muito; como economizei muito, pude viajar.  
 b. Economizei muito; por causa disso, pude viajar.  
 c. Economizei muito; por isso, pude viajar.  
 d. Economizei muito; portanto, pude viajar.

A autora considera ainda que foi dessa maneira que se formaram *no entanto*, *por conseguinte*, *entretanto*, *contudo*, *todavia*, *porém* e tantas outras expressões que passaram da condição de adjunto adverbial à de conjunção coordenativa.

Observe-se que, na expressão *por isso*, ainda reconhecemos a idéia antecedente representada pelo anafórico *isso*, o que não acontece com *portanto*, que, segundo ela, já se cristalizou como conjunção. O valor de advérbio persiste em *por isso* apenas na sua mobilidade na frase e na possibilidade de parafrasear-se em *por causa disso*.

Em suma, Carone (2003) não só aceita a mobilidade das conjunções como também considera que *por isso* está se definindo na língua como conjunção conclusiva. E, com relação a *então*, seu ponto de vista é o mesmo. Para essa autora *então*, assim como *além disso*, *apesar disso* e outros que atuam como elementos de coesão entre partes de um texto, são termos híbridos, que participam da natureza do advérbio e da natureza da conjunção. Segundo ela, esses termos “exprimem circunstâncias várias, mas comportam-se com fatores de coesão, a caminho de cristalizar-se como conjunções coordenativas” (Ibid., p. 59).

De fundamental importância para o desenvolvimento deste trabalho são os estudos de Pezatti (2000) e Pezatti (2001), nos quais a autora se ocupa dos itens que constituem nosso objeto de estudo. Adotando uma postura intermediária entre o ponto de vista de Bechara (2003), que nega o caráter conjuncional desses termos, e o de Carone (2003), que aponta uma transição de ambos a caminho de uma cristalização como conjunção coordenativa, Pezatti faz um estudo do processo de gramaticalização pelo qual os dois itens – *então* e *por isso* – estão passando. Para realizar o estudo e avaliar o estágio dessa gramaticalização, essa autora tem como referência um conjunto de traços que definem um item como conjunção. Assim, dependendo da menor ou maior incidência desses traços é que se define se o item em análise está mais próximo de conjunção ou de advérbio.

É exatamente nesse ponto da discussão que se encaixa esta pesquisa. Partindo de um recorte realizado na língua falada na cidade de Itumbiara-GO, por meio de entrevistas desenvolvidas com falantes adultos, pretende-se investigar o estatuto desses itens no Português do Brasil (doravante PB) e no Português Europeu (doravante PE). Partimos da

hipótese de que esses termos se encontram em processo de mudança lingüística em andamento e é nosso objetivo averiguar o estágio dessa mudança nas duas variedades. Assim, pretendemos investigar se, no português contemporâneo brasileiro e europeu, *então* e *por isso* se comportam como advérbio ou como conjunção. Para procedermos a essa análise nos serviremos dos estudos de Pezatti (2000) e Pezatti (2001), adotando parte dos traços que ela aponta como definidores de uma conjunção, para compor o conjunto de fatores lingüísticos que utilizaremos. Por isso optamos por apresentar com mais detalhes os estudos dessa autora no capítulo 1.

Este trabalho se organiza da seguinte maneira: em seguida a esta introdução, o capítulo 1 apresenta as bases teóricas sobre as quais se sustenta esta pesquisa. São apresentados os princípios e métodos da Sociolingüística Quantitativa ou laboviana, bem como os pontos básicos que norteiam a Sociolingüística Paramétrica. Apesar de esse estudo não se filiar diretamente à Sintaxe Gerativa, pretendemos realizar um contraponto entre duas variedades do português – o brasileiro e o europeu –, razão pela qual nos servimos dos pressupostos teóricos da Sociolingüística Paramétrica. Fazem parte também deste capítulo uma breve retomada histórica a respeito de advérbio e conjunção, bem como uma abordagem detalhada sobre os itens *então* e *por isso*, considerados sob diferentes enfoques.

O capítulo 2 traz informações detalhadas sobre o procedimento metodológico adotado: descrição do material usado, caracterização dos informantes e envelope de variação.

O capítulo 3 contém a discussão e análise dos dados; mostramos que, embora os dois itens em análise apresentem indícios de mudança em andamento, esta mudança está mais acentuada com o item *então*; mostramos também, neste capítulo, os resultados do contraponto desenvolvido entre as duas variedades do português consideradas. Finalmente, o capítulo 5 apresenta as considerações finais.

# 1 REFERENCIAL TEÓRICO

## 1.1 Introdução

Neste capítulo apresentamos o arcabouço teórico que dá sustentação ao nosso trabalho.

Em primeiro lugar, apresentamos os pontos básicos da Sociolingüística Quantitativa ou laboviana, fundamentais para o nosso trabalho, que se estrutura sobre suas bases. Em seguida, tratamos da Sociolingüística Paramétrica, procurando expor seus princípios básicos, bem como alguns trabalhos desenvolvidos nesta linha.

Em seguida, tratamos do advérbio e da conjunção num enfoque histórico e, por fim, apresentamos os principais estudos sobre *por isso* e *então*.

## 1.2 A Sociolingüística Quantitativa

A Sociolingüística Quantitativa é um modelo teórico-metodológico que teve seu início com William Labov. Esta teoria surge de suas reflexões acerca de outras teorias existentes e, numa visão bem mais ampla, pode englobar lingüistas de momentos anteriores, pois, como assegura Tarallo (1986, p. 7): “podem ser chamados de sociolingüistas todos aqueles que entendem por língua um veículo de comunicação, de informação e de expressão entre os indivíduos da espécie humana”.

O grande avanço apresentado pelo modelo proposto por Labov foi considerar a relação língua e sociedade como princípio básico para seus estudos lingüísticos, bem como a possibilidade de sistematização da variação existente na língua falada.

Dessa forma, o estudo lingüístico baseado em dados colhidos das práticas orais cotidianas, particularmente da fala espontânea, é o principal objeto da pesquisa laboviana. A naturalidade

dos dados colhidos pode refletir a interação língua/sociedade, pois esses dados explicitam as escolhas lingüísticas realizadas por falantes diversos, em suas diversas camadas sociais.

Ao assumir a heterogeneidade como elemento constitutivo de um sistema lingüístico passível de ser investigado e sistematizado, a Sociolingüística afasta-se de correntes anteriores, que não levavam essa heterogeneidade em consideração. Saussure (1970), embora entendesse a língua como fato social, tomava-a como homogênea. De acordo com Labov (1976, p. 259), “um exame aprofundado dos escritos de Saussure mostra que, para ele, o termo *social* significa simplesmente pluri-individual, nada sugerindo da interação social sob seus aspectos mais gerais”.

Sabe-se, porém, que uma teoria da homogeneidade não dá conta de acomodar os fatos de heterogeneidade correntes na língua. É, portanto, a partir da concepção de heterogeneidade constitutiva e de inter-relação entre língua e sociedade que se estabelecem os objetivos principais da Teoria da Variação, a saber: analisar as variantes lingüísticas usadas numa comunidade de fala, conforme propõe Labov (1975), bem como entender a relação entre variação e mudança lingüística, de acordo com a visão de Weinreich, Labov e Herzog (1968). É tarefa também da análise sociolingüística explicar o encaixamento de uma variável dentro do sistema de relações sociais e lingüísticas em uma comunidade de fala. Aceitando o princípio de que a heterogeneidade é sistematizável, cabe, pois, à Sociolingüística analisar a forma que apresenta variação, considerando-a em relação ao sistema, buscando identificar sua relação com outros fatos da língua. O encaixamento da variável pressupõe, assim, o levantamento de hipóteses e de fatores relacionados a ela.

O modelo laboviano é também chamado Sociolingüística Quantitativa, uma vez que aplica um tratamento estatístico aos dados coletados. Dentro desse modelo, o pesquisador colhe uma boa soma de dados numa comunidade, dados esses que constituirão o material que será submetido a análises para que o pesquisador possa comprovar ou refutar suas hipóteses. Esse

tratamento assenta-se na teoria da probabilidade aplicada aos dados a fim de extrair regularidades ordenadas que governam a variação nessa comunidade. De acordo com Mattos (2003, p. 16),

A ambição teórica da Sociolingüística como ciência é construir um modelo de análise que, contendo elementos especularmente relacionados aos elementos da estrutura lingüística, possa demonstrar as possibilidades de relacionamento entre esses elementos estruturais a partir da correlação com os fatos empíricos. O objetivo maior é construir um conjunto mínimo de princípios gerais que configurem uma teoria da variação/mudança lingüística.

É preciso ressaltar que, embora a Sociolingüística trabalhe com dados empíricos e utilize um método lógico quantitativo e estatístico, os dados por si só não fornecem um resultado final ao sociolingüista. Os dados coletados são classificados estatisticamente, mas somente o discernimento do analista é que dá o valor final aos resultados. É o sociolingüista que, diante dos resultados numéricos, faz a sua leitura interpretativa dos dados e tira suas conclusões a respeito dos fatores lingüísticos.

Com esse modelo teórico-metodológico, Labov estabelece uma oposição às correntes teóricas anteriores, principalmente àquelas que sustentam suas investigações a partir da concepção da língua como um sistema homogêneo e que negam o componente social como sendo um elemento importante na investigação lingüística.

Dessa maneira, a principal oposição estabelecida pela Teoria da Variação ocorre, então, com a Gramática Gerativa de Chomsky, que propõe estudos lingüísticos tomando como base a competência de um falante ideal, livre de interferências exteriores.

Além de ocuparem posições extremas quanto à concepção da língua – homogênea para Chomsky (1981), heterogênea para Labov –, a Sociolingüística e a Gramática Gerativa adotam procedimentos metodológicos diferentes, que podem ser entendidos como decorrentes dessa concepção da língua. Uma vez que tem como pressuposto que a língua é homogênea, a

Gramática Gerativa não depende de uma abordagem empírica para desenvolver suas investigações. Adotando uma postura racionalista, os gerativistas podem realizar suas investigações lingüísticas a partir de um único dado, e, por ele, fazer deduções. A Sociolingüística, ao contrário, tem o dado empírico como ponto de partida, e só depois de trabalhar com uma amostragem considerável de dados, é que tira conclusões. Em suma, enquanto os gerativistas têm o dedutivismo como método, os sociolingüistas se posicionam como indutivistas.

Há, porém, uma proposta de conciliação para essa situação. É o que discutiremos na seção seguinte.

### **1.3 A Sociolingüística Paramétrica**

Como vimos, a posição adotada pela Sociolingüística laboviana, ou Teoria da Variação, estabelece uma oposição, sobretudo com o gerativismo chomskyano e a principal divergência entre ambas as correntes se situa, principalmente, na concepção da língua. Por considerar a língua como um sistema homogêneo, Chomsky (1981) toma como objeto de estudo a competência de um falante ideal, isolando, assim, todo o componente social que, para Labov é fundamental, uma vez que uma das bases sobre a qual se assenta a Sociolingüística é a relação língua/sociedade.

Labov assume o dado bruto como fato e procura extrair dele todos os mecanismos que determinam as mudanças desse dado. O autor idealiza um modelo de análise de linguagem que, nas palavras de Tarallo e Kato (1989, p. 2) “estatisticamente garante sua cientificidade ao projetar as probabilidades dos fatores que mais favorecem ou, ao contrário, inibem o comportamento de formas em variação e mudança”. Dessa maneira, ao posicionar-se como

ciência das probabilidades, a Sociolingüística volta-se contra toda a lingüística de formalismos e regras que vigorava anteriormente.

De acordo com Tarallo e Kato (1989, p. 2) essa discussão, todavia, não é recente. Já Osthoff e Brugmann (1878, p. 1) posicionavam-se contra os lingüistas de seu tempo, acusando-os de realizarem uma lingüística de gabinete, distanciados dos dados vivos e palpitantes. De acordo com esses autores, só será capaz de proceder a uma análise lingüística confiável o lingüista que renunciar

àquele método de investigação antigamente difundido e ainda muito usado, segundo o qual as pessoas observam a linguagem somente no papel e tudo resolvem através de terminologia e acreditam, assim, terem desvendado a essência dos fenômenos ao terem alinhado um nome para a coisa.

Tarallo e Kato (1989, p. 2) consideram que o que esses autores estão criticando é a postura dos lingüistas que desenvolvem a gramática histórica e comparatista sobretudo na primeira metade do século XIX. E o principal aspecto negativo apontado por Osthoff e Brugmann (1878) é o fato de os comparatistas históricos fazerem uma lingüística de formalismos e regras. Ou seja, exatamente aquilo que Labov critica no gerativismo. O que se vê são duas correntes teóricas, distanciadas pelo tempo, sendo objeto da mesma crítica.

O que está na base de tais confrontos, na opinião de Tarallo e Kato (1989, p. 5), é a antiga oposição empirismo e racionalismo. O gerativismo, assim como a lingüística histórica, adota um procedimento metodológico fundado no racionalismo, enquanto os neogramáticos propõem um procedimento empirista, como fazem também os variacionistas. Para Tarallo e Kato (1989, p. 5), porém, essa discussão, além de antiga, é inconsistente e improdutiva. Os neogramáticos, que defendem uma postura metodológica empirista, apresentam pressupostos teóricos altamente racionalistas, o que faz com que sejam também criticados no seu tempo.

O impasse causado pela adoção de pressupostos teóricos e procedimentos metodológicos diferenciados há tempos está instaurado na lingüística, segundo afirmam Tarallo e Kato (1989, p. 5). Mesmo quando Chomsky propõe uma sintaxe gerativa que se define como paramétrica, atuando à base de princípios e parâmetros, continua metodologicamente muito distante da teoria da variação. Mas, segundo Tarallo e Kato (1989, p. 5) afirmam, ao definir-se como paramétrica, a Sintaxe Gerativa passa a apresentar pressupostos teóricos que a aproximam da Teoria da Variação, uma vez que procura resgatar a variação inter-lingüística. De acordo com a Sintaxe Paramétrica, há princípios universais que regem as línguas. Um desses princípios, por exemplo, estabelece que todas as línguas dispõem de categorias gramaticais de casos. Em algumas línguas essa categoria se expressa concretamente, em outras não. Um outro exemplo é o princípio que define que todas as orações, em todas as línguas, têm sujeito. Algumas línguas parametrizam sua marcação, no sentido de deixá-lo nulo.

O que Chomsky propõe, com a Sintaxe Paramétrica, é determinar as variações inter-lingüísticas, buscando identificar em que moldes estão sendo definidos os parâmetros nas diversas línguas relativamente aos princípios existentes. É exatamente nesse ponto que, de acordo com Tarallo e Kato (1989, p. 5), os pressupostos das duas correntes – Sintaxe Paramétrica e Teoria da Variação – se encontram, pois ambas procuram identificar variações lingüísticas. Esta última trabalha com as variações intra-lingüísticas e aquela, com as inter-lingüísticas.

Diante disso Tarallo e Kato (1989, p. 5) apresentam um novo caminho para a condução das investigações lingüísticas:

aquele que resgata a compatibilidade entre as propriedades paramétricas do modelo gerativo e as probabilidades do modelo variacionista, seja para provar seu espelhamento e reflexo, seja para realinhar um modelo em função do outro.

Os autores defendem a compatibilização das duas correntes, abandonando definitivamente a dicotomia empirismo/racionalismo. Eles propõem um direcionamento mútuo para a variação intra e interlingüística. Tarallo e Kato (1989, p. 5) sustentam que as duas correntes podem caminhar juntas, contribuindo uma com a outra. Enfim eles defendem a harmonia trans-sistêmica.

Para esses autores, é possível promover um equilíbrio entre as propriedades paramétricas da Sintaxe Gerativa com as possibilidades da Teoria da Variação. Assim, de acordo com o maior ou o menor grau com que se manifesta uma variação num determinado sistema, é possível identificar uma mudança. Com a conjugação das duas correntes, tal como sugere a harmonia trans-sistêmica, a partir dos resultados observados na variação intra-lingüística, é possível prever mudanças em termos paramétricos. Em outras palavras, o que a Sociolingüística Paramétrica considera, ao propor a harmonia dessas duas lingüísticas, a de propriedades e a de probabilidades é que, por meio de uma, pode-se chegar a resultados mais precisos na outra e vice-versa.

Alguns pontos básicos sustentam os argumentos favoráveis à implementação da Sociolingüística Paramétrica nos estudos lingüísticos. Em primeiro lugar, sabe-se que, independentemente das origens e de laços genealógicos, as línguas podem convergir em alguns aspectos de sua gramática. A essas convergências é que os gerativistas chamam de propriedades paramétricas. Um dos exemplos de aspectos convergentes entre línguas é mostrado no trabalho realizado por Sankoff e Tarallo (1987), em que os autores, comparando o português e o Tok Pisin, localizaram identidade de processo quanto ao uso da cópia pronominal em orações relativas.

Um outro alcance da Sociolingüística Paramétrica é, conforme já se disse, a possibilidade de compatibilização dos resultados da lingüística de possibilidade com as previsões da lingüística de propriedades e a possível promoção de realinhamento de uma propriedade de

um componente gramatical. Essa situação pode ser exemplificada com fatos do português. Estudos realizados por Kato e Tarallo (1986) mostram que a tendência do português do Brasil de perder as propriedades do Parâmetro do Sujeito Nulo vem-se manifestando concomitantemente a outras ocorrências, como a manifestação do sujeito pleno, por pronomes ou sintagmas, entre outras.

Duarte (1997) também enfatiza a adequação da Sociolinguística Paramétrica e aponta a quantidade de trabalhos que estão sendo realizados no Brasil seguindo essa linha. Ela própria, investigando sobre a expressão nula/plena dos pronomes pessoais sujeito, chegou a resultados curiosos, a que não chegaria, usando apenas a Teoria da Variação: no português atual do Brasil, formas pronominais plenas começam a substituir a categoria vazia de sujeito indeterminado. Segundo ela, à medida que decresce o uso do pronome *se*, aumenta o uso de formas pronominais plenas. São consideráveis os dados que mostram o largo uso que a geração jovem brasileira vem fazendo das formas *você* e *a gente* com caráter indeterminador. Esse fato reforça a hipótese, já mencionada antes, de mudança no nosso sistema lingüístico, no sentido de perda do Parâmetro de Sujeito Nulo.

Em suma, a proposta básica da Sociolinguística Paramétrica é procurar compatibilizar os estudos de variação inter e intra-lingüísticos, de forma a torná-los cada vez mais eficientes.

Essa exposição dos principais pontos sobre os quais se assenta a Sociolinguística Paramétrica é importante para a condução dos trabalhos face ao nosso objeto de estudo. Estaremos discutindo, nos capítulos seguintes, o emprego de *então* e *por isso* no PB e no PE, itens que, conforme se vem apontando, apresentam um comportamento flutuante entre duas classes: advérbio e conjunção.

Pretendemos contribuir com as discussões sobre essa questão, buscando analisar as ocorrências desses itens no Brasil e em Portugal. É sabido que essas duas variedades assumem, em alguns aspectos, rumos diferenciados. Ora, no Brasil, estudos anteriores já

apontam para uma possibilidade de mudança lingüística em andamento, tanto em relação a *então* quanto a *por isso*, no sentido de ambos estarem se comportando como conjunção conclusiva. Essa mudança estaria de fato acontecendo? Trata-se de uma mudança que se caracteriza apenas como intralingüística? Ou teria o alcance inter-lingüístico? Que fatores lingüísticos e extralingüísticos a condicionam num e noutra país?

Como se vê, este trabalho, apesar de não se desenvolver na linha da Sintaxe Gerativa, necessita do suporte teórico da Sociolingüística Paramétrica para dar conta dessa abordagem.

#### **1.4 Conjunções e advérbios: uma interseccionalidade histórica**

Algumas reflexões históricas se fazem necessárias quando se pretende discutir, na língua atual, o estatuto de advérbio ou de conjunção de alguma palavra ou expressão.

Nunes (1969, p. 342), referindo-se às palavras que são agrupadas nas gramáticas normativas sob o título de ‘palavras invariáveis’, considera que a divisão dessas palavras em quatro tipos – preposições, conjunções, advérbios e interjeições – não é a mais adequada. O ideal seria que se fizessem aí duas divisões apenas: uma em que entrassem as interjeições, única categoria a se distinguir do grupo, e outra que envolvesse as demais. A sua opinião é que, como os advérbios, as preposições e as conjunções “servem para mostrar ou as circunstâncias que acompanham a ação ou estado, significados pelo verbo, ou os laços que prendem entre si as palavras ou frases”, o melhor seria chamá-las de partículas de relação e deixar que formassem um único grupo. Não há, segundo ele, uma verdadeira distinção entre essas categorias, uma vez que, na sua origem, a maioria das conjunções saiu dos advérbios, assim como ocorreu com as preposições.

Das conjunções latinas, foram poucas as que passaram para o português e, de acordo com Nunes (1969, p. 353), foi para compensar essa perda que

recorreu a língua a outras palavras, principalmente aos advérbios e preposições, e com elas criou novas, umas vezes, contentando-se com uma só dessas partículas, como *mas logo, ora, u* (arc.), *mentre* (id), *como*, ou reunindo duas, cada qual da sua classe, como *per inde, porende* (arc.), *porém*; outras, habilitando como tais palavras que primitivamente desempenhavam papel diferente, como: *segundo, conforme* [...]; outras ainda, ora reunindo num vocábulo único ou que pelo menos assim se escreve hoje, dois ou mais, igualmente de natureza vária, ora conservando-os separados.

Coutinho (1976, p. 269) reafirma essa questão. De acordo com suas palavras, ao contrário das preposições, que passaram em sua grande maioria do latim para o português, foram poucas as conjunções que o português herdou do latim. E, “para suprir tal deficiência, recorreu a língua às outras classes de palavras, sobretudo aos advérbios e às preposições, dando-lhes função conjuncional: *todavia, também, para que, depois que* etc.”.

Vê-se, então, que é bastante fluido o limite entre essas categorias de palavras, e essa fluidez, que persiste ainda hoje com relação a alguns termos, tem precedentes históricos que a explicam. Vimos, em parágrafo anterior, que Nunes (1969) considera mais adequado para denominá-las a expressão *partículas de relação*. Câmara Júnior (1964, p. 150) aponta em algumas delas, em específico nas conjunções e preposições, a ausência de um sentido externo, o que faz com que sejam vistas como vocábulos-morfema, dotados apenas de uma significação interna ou gramatical.

Essa função relacional que é atribuída à conjunção é posta em discussão por Said Ali (1971, p. 218), que questiona a função de ligar orações atribuída a essa categoria de palavra. De acordo com seu ponto de vista, não faz sentido acreditar que uma língua crie vocábulos para esse fim. Tanto em português como em outras línguas, há inúmeros casos de construções em que se omite a conjunção, e o resultado são frases perfeitamente inteligíveis. Podemos ilustrar essas reflexões de Said Ali (1971) com os exemplos a seguir:

(9) I want he loves me.

(10) Peço a você me escute com calma.

Como se pode ver, tanto em inglês como em português a ausência da conjunção integrante em alguns casos em nada compromete o sentido das frases, o que reafirma as palavras desse autor. Além disso, convém ressaltar que, em inglês, a omissão da conjunção integrante é um fato recorrente na língua e que em português, essa omissão é usada por alguns como recurso estilístico.

Said Ali (1971) lembra que, igualmente possível, é a construção de períodos assindéticos, que são compreendidos por qualquer falante, como podemos exemplificar abaixo:

(11) João levantou cedo, pegou os documentos, foi rápido para o trabalho.

Mas esse mesmo autor ressalta, porém, que essa possibilidade de omissão não significa desconsiderar o valor das conjunções no encadeamento das idéias. Em primeiro lugar, é preciso contar-se com a inteligência e a perspicácia do leitor para intuí-las quando ausentes; em segundo lugar, há conjunções que não se podem depreender nunca, quando omitidas, ficando o teor do enunciado comprometido.

Ao explicitar o papel da conjunção, Said Ali (1971, p. 219) termina por estabelecer uma distinção básica entre advérbio e conjunção: o primeiro exerce influência sobre um vocábulo, ao passo que a segunda influencia o conjunto formado pela oração que encabeça. De acordo com ele,

Não tem a conjunção valor de simples elo mecânico posto entre orações; mas serve à linguagem para evitar que duas proposições se apresentem ambas como iniciais. A partícula dá a uma delas o caráter de seqüente, parecendo-se de alguma sorte o seu papel com o dos sinais com que em meio de um trecho musical se anuncia mudança de tonalidade. Mas a conjunção faz mais: assinala a relação lógica em que a seqüente está para com a inicial.

Dessa forma, percebe-se que o papel da conjunção vai bem além daquele meramente relacional, concebido numa primeira análise. É ela que vai definir os rumos da articulação do pensamento. Além do mais, define-se, com essa análise, uma outra discussão: a que membro pertence a conjunção, se ao primeiro ou primeira oração, ou se ao segundo. Se é dado à conjunção estabelecer qual oração é a seqüente e também que tipo de relação lógica essa seqüente mantém com a anterior, parece-nos claro que a conjunção pertence à seqüente.

Quando trata da origem das conjunções, Said Ali (1971, p. 220) não diverge de outros estudiosos que, como ele, fazem uma abordagem histórica. De acordo com sua opinião,

Obscura é a origem de certas conjunções latinas; porém, a julgar por aquelas cujo histórico se conhece, a linguagem não teria creado (sic) vocábulos especiais para constituir a nova categoria. Serviram a este fim advérbios que, de modestos determinantes de um conceito único, se usaram como determinantes de toda uma sentença.

Said Ali (1971, p. 220) enfatiza também que, da grande quantidade de conjunções de que dispunha a língua latina, muito poucas passaram às línguas românicas. Para o português vieram *e* (et), *ou* (aut), *nem* (nec), *quando*, *se* (si), *como* (que tem o sentido de quom e de quomodo, embora pelas leis fonéticas só se filie ao segundo desses vocábulos) e *que*. A falta das demais partículas é suprimida por criações novas e aí repete-se a mesma situação já ocorrida no latim: advérbios se adaptam ao papel de conjunção. Segundo esse autor, em português ocorreu também outro fenômeno para ampliar o leque das conjunções: o amplo emprego de *que*, simples ou combinado com preposições e com advérbios ou locuções de caráter adverbial, com o valor de conjunções variadas.

Esse mesmo autor chama a atenção para um ponto importante: o fato de alguns advérbios deixarem sua posição na oração principal para juntar-se com a partícula da oração seguinte, atuando como correlatos das conjunções. São os chamados advérbios de reforço. Um dos que

ele destaca como portador desse traço comportamental é *então*, que aparece dessa forma em vários quinhentistas. Observe-se o exemplo abaixo:

(12) A riqueza entam a alcançaram, quando a perderam. (Heitor Pinto, 2, 67 )<sup>1</sup>

Esse mesmo emprego tem *contudo*, *todavia*, *entretanto*, que são usados como correlativos de conjunções concessivas, como se vê em (13) em seguida:

(13) E ainda que alguns sejam de obscura geração, todavia são venerados e acatados. (Heitor Pinto, 1, 133 )<sup>2</sup>

Said Ali (1971, p. 223) refuta a idéia de se incluírem esses elementos entre as conjunções coordenativas. Para ele, essa inclusão ocorre em virtude de semelhança semântica, mas o autor aponta que a sinonímia entre tais elementos não é perfeita e a prova é que podem ser usados concomitantemente com a conjunção *mas*. Para esse autor, tais palavras se acham “na fronteira indecisa que medeia entre o advérbio e a conjunção”.

Essas reflexões, posto que em alguns pontos pareçam fugir ao nosso objeto de estudo, remetem-nos, contudo, a uma conclusão relevante: a língua se transforma e se renova, adaptando-se às necessidades do pensamento humano. A zona fronteira existente entre advérbio e conjunção desde o latim e o fato de aquele, ao longo dos tempos, vir assumindo o papel desta, leva-nos a suspeitar de que esse é um caminho aberto pelo qual outros termos podem trilhar. Se a língua tem uma deriva, esta talvez seja uma de suas feições: o advérbio deixar de cumprir, sempre que necessário, seu papel primário de modificador de um termo, para cumprir o papel de conjunção.

---

<sup>1</sup> Exemplo extraído de Said Ali, 1971, p. 223.

<sup>2</sup> Ibid., p. 223.

Parece ser esse o caso de *então* e *por isso* no português contemporâneo. É cada vez mais significativo o emprego desses termos no papel de conjunção, conforme o atestam estudos anteriores.

Nas seções seguintes discutiremos com mais detalhes o comportamento desses itens, ao arrolarmos os principais estudos realizados sobre eles.

### 1.5 O item *por isso*

Conforme já mencionado anteriormente, não há, segundo Pezatti (2000, p. 61), uma correspondência entre o princípio de dependência semântica e de dependência sintática na classificação das conjunções. Com referência ao nexos conclusivo, essa autora chega a questionar: “a relação se estabelece mediante o uso de advérbios ou de verdadeiras conjunções?”

O que se tem é uma área interseccional entre as duas classes, o que, como vimos, vem de longa data. O que já ocorria no latim, transferiu-se para o português e essa zona fronteira que persiste até hoje evidencia que os limites entre advérbio e conjunção continuam tênues e difusos.

Paiva (1988), numa abordagem histórica, menciona o uso, no séc. XV, dos advérbios *porende* e *perende*, correspondendo a *por isso*, formas que desapareceram com o tempo.

Por outro lado, Coutinho (1976, p. 270), aludindo ao fato de terem sido poucas as conjunções que vieram do latim para o português, aponta o fato de os advérbios suprirem essa deficiência. E dentre as conjunções coordenativas que se formaram por esse processo, ele também arrola *porende*, que evoluiu para *porém*. O curioso é que são poucas as abordagens históricas que fazem referência à grande alteração semântica que se operou entre as formas arcaicas *porende*, *perende*, de função exclusivamente adverbial, e a atual forma *porém*, de

valor adversativo. Isso é feito por Said Ali (1971, p. 187), que esclarece serem, tanto *porende* quanto *porém*, filiados ao advérbio latino *proinde*, de forma abreviada *proin*. Em língua portuguesa arcaica usaram-se as duas formas – *porende* e *porém* – ambas com valor de *por isso*.

Senão, vejamos:

- (14) E vay-se tam toste que o nom poderedes já oje acalçar. E porende vos louva de ficardes (Santo Graal, 116) – Comendo do fruto que lhe elle defendera, e pore foi tirado e lançado do paraíso terreal. (S. Josafate, 10) – Quando elrei esto ouvio, sospeitou que alguma sanha ouvera delle o infante, e que pore se partira delle (Ibid., 18) – Destruio pois porende o castello (Santo Graal, 90).<sup>3</sup>

Said Ali (1971) esclarece que a forma *porende* cedeu lugar à forma *proin*, mais curta, e caiu no esquecimento. A grande alteração semântica ocorreu nos fins da Idade Média. De acordo com Said Ali (1971, p. 187), a forma *porém* já penetrou na linguagem da Renascença com o sentido alterado. Nas palavras desse autor, esse termo,

Em vez de significar *por isso*, *por essa razão*, passa a dizer o mesmo que *mas*, *apesar disso*, *contudo*. Deixa de expressar a noção de causa determinante de certo ato, para denotar oposição de idéias ou pensamentos. O primitivo advérbio transmuda-se em conjunção adversativa

É interessante ressaltar que esse autor localizou um fator lingüístico que condicionou a alteração semântica ocorrida. De acordo com ele, essa alteração foi favorecida pelas frases negativas e foi por elas que principiou a mudança. Vejam-se as ocorrências abaixo:

- (15) Forom feridos... nom porem de perigosas feridas (Zurara, 1841, Guiné 452) – E ainda que quando o levaram diante del-rei desmaiou, não porem em sua firmeza mas foi hum natural pejo (Jerônimo de Mendonça, Jor. de Áfr. 2, 129) – A corda quebrou outra vez, parece que com piedade, mas não quebraram porem os duros ânimos dos creis algozes, antes com gram presteza foram buscar a um poço outra (Ibid., 2, 122).<sup>4</sup>

<sup>3</sup> Exemplo extraído de Said Ali, 1971, p. 187. (Transcrito como aparece no texto de origem).

<sup>4</sup> Exemplo extraído de Said Ali, 1971, p. 187. (Transcrito tal como aparece no texto original).

O que se observa é que, tanto no texto medieval de Zurara, como no moderno, de Mendonça, poder-se-ia substituir *não porém* por *não por isso*, sem prejuízo de sentido.

Barreto (1999), numa perspectiva funcional, realiza um estudo sobre as conjunções do português do século XVI e identifica *por isso* entre os itens conjuncionais que começaram a ser empregados naquele século, expressando relações idênticas às indicadas por *logo* e *portanto*. Segundo essa autora, localiza-se no século XVI a cristalização de *logo* como conjunção, tanto que ela é considerada a conjunção conclusiva por excelência, haja vista não preservar em si nenhum resquício de sua antiga condição de advérbio.

Tal situação suscita algumas reflexões: se *por isso* empregava-se no século XVI para expressar relações idênticas às expressas por *logo*, e se *logo* na época já estava gramaticalizada como conjunção, podemos concluir que *por isso* já assumia, naquela ocasião, valor conjuncional, uma vez que ambos eram comutáveis.

Barreto (1999) destaca, porém, o uso desse item desde o século XIII nas formas *por isso*, *por esto*, *por esso*, como reforço adverbial ou encadeador da narrativa, como se vê nos exemplos abaixo:

(16) E por esso lhe semelhava que se nom ouvesse a sua vontade, que morreria. (Dem. Cap. CX 1.28-29)<sup>5</sup>

(17) [...] e por isso na digo mais sena que praza a Deus que verdade o que se por aqui afirma da yda de sua alteza pera lá. (CT CXXXV, 1.05-07)

Essa situação nos leva a hipotetizar que essa diversidade de emprego acompanha essa expressão desde a sua origem.

Alguns gramáticos incluem a expressão *por isso* entre as conjunções coordenativas conclusivas. É o que se vê em Cunha e Cintra (2001), Kury (1999), entre outros. Apesar disso, a questão é complexa e está longe de ser resolvida. Uma mostra são as aparentes contradições

---

<sup>5</sup> Os exemplos (16) e (17) foram extraídos de Barreto, 1999, p. 90.

que se registram em um mesmo autor. Bechara (2002b, p. 109-111) arrola como conjunções coordenativas as aditivas, alternativas, adversativas, explicativas e conclusivas. E inclui, entre as conclusivas, a expressão *por isso*. No capítulo em que conceitua e lista as conjunções, lê-se: “conclusivas: denotam uma conclusão: *logo, pois* (no meio ou no fim da oração), *portanto, por isso, por conseguinte*”. Já em Bechara (2002a, p.321-324) e Bechara (2003, p. 320-322), temos que as conjunções coordenativas são apenas de três tipos: aditivas, alternativas e adversativas. Segundo esse autor, incluir entre as conjunções coordenativas palavras ou expressões que indicam explicação e conclusão, seria deixar-se influenciar pelo aspecto semântico e tomar como conjunção o que na verdade é advérbio.

O que explica essa aparente divergência de opiniões em um mesmo autor? É provável que, na obra em que aceita os cinco tipos de conjunções coordenativas, esse autor esteja acatando o que propõe a NGB – Nomenclatura Gramatical Brasileira –, e nas demais tenha agido com autonomia. Recorde-se que essa limitação das conjunções coordenativas é defendida por Said Ali (1971) que, igualmente, alerta para o risco de se deixar influenciar pelo aspecto semântico e tomar como conjunção o que, na verdade, é advérbio.

Além disso, há outros pontos básicos nessa discussão. Um deles é o caráter anafórico que algumas palavras ou expressões apresentam, o que as pode descaracterizar como conjunção. Uma verdadeira conjunção não traz nada em sua forma que remeta à oração anterior. Numa situação como a que apresentamos a seguir, podemos afirmar que não há nenhum traço da oração anterior embutido na palavra *logo*. Observe-se:

(18) Luís trabalhou muito, logo pode descansar agora.

O mesmo já não pode ser afirmado para (19):

(19) Economizei muito, por isso comprei um carro novo.

É indiscutível o caráter anafórico de *isso* na oração anterior, que retoma toda a oração ‘economizei muito’. Essa situação é amplamente discutida por Carone (2003), cujo ponto de vista já apresentamos na introdução deste trabalho. Essa autora apresenta todas as etapas pelas quais um item ou uma expressão passa, até que chegue a definir-se como conjunção, momento em que se integrará à segunda oração definitivamente, de forma fixa, na posição inicial. A autora sustenta que *por isso*, assim como outros itens que dividem opiniões quanto à sua verdadeira classificação, está em processo de transformação, a caminho de cristalizar-se como conjunção conclusiva, e o fato de as pessoas grafarem *porisso*, numa analogia com *portanto* é, para essa autora, um indício dessa mudança. Ela admite, porém essa expressão conserva ainda traços adverbiais, que se revelam na mobilidade apresentada e na possibilidade de parafrasear-se em *por causa disso*. Como vimos, é essa mobilidade e a presença da oração anterior dentro de si uma das principais causas da rejeição de *por isso* como verdadeira conjunção.

Por sua vez, Pezatti (2000), na tentativa de esclarecer se o nexos conclusivo estabelecido por *por isso* é efetuado por uma conjunção verdadeira, propõe-se a verificar o comportamento sintático-semântico dessa expressão, mediante alguns critérios que definem uma conjunção.

Mencionamos anteriormente que Barreto (1999) assegura que *logo* foi um dos primeiros itens de natureza adverbial a definir-se como conjunção, o que se deu no século XVI. Como hoje essa conjunção não carrega nenhum vestígio de sua antiga condição, ela é considerada a conjunção coordenativa prototípica, conforme explica Pezatti (2000, p. 65):

A prototipicidade de *logo* se explica em função de cinco fenômenos fundamentais que, juntos, demonstram estar completo o processo de gramaticalização de *logo*, havendo, portanto, no português, um caso de homonímia entre a expressão adverbial e a conjuncional:

- i) Não apresenta mobilidade no interior da sentença que inicia:  
(01) a. O narciso é uma flor, logo pertence ao reino vegetal.  
      b. \*O narciso é uma flor, pertence, logo, ao reino vegetal.
- ii) Não pode ser precedido de outra conjunção, como a aditiva:  
(01) c. \*O narciso é uma flor, e logo pertence ao reino vegetal.

- iii) Pode coordenar termos, como as demais conjunções coor (*e, ou e mas*):  
(01) d. Você está sentindo a sua emoção, daí ser mais fidedigno, logo mais verdadeiro.
- iv) Não aceita focalizadores, como advérbios de inclusão/exclusão, hedges e clivagem:  
(01) e. O narciso é uma flor é logo que pertence ao reino vegetal.

Foi todo esse conjunto que levou Pezatti (2000) a adotar *logo* como referência e a tomar como fator a possibilidade de *por isso* alternar com essa conjunção na mesma posição. A possibilidade de comutação de *logo* com *por isso* na mesma posição, garantindo os mesmos valores semânticos, asseguraria o valor conjuncional desse item.

Desses parâmetros que, segundo a autora, definem a prototipicidade de *logo*, consideramos problemática a situação proposta em (iii), por não vermos, no exemplo apresentado, uma situação de coordenação de termos: as duas situações – ser mais fidedigno e (ser) mais verdadeiro – têm a mesma estrutura, mas não a mesma função sintática em relação à primeira oração, condição essencial para que dois termos ou orações sejam coordenados entre si, formando um bloco que, por sua vez, coordena-se a outro anterior. Além disso, parece-nos que as duas seqüências apresentadas após a primeira oração constituem, não termos, mas orações reduzidas, a segunda delas com o verbo elíptico.

Trabalhando com esses fatores, essa autora chegou a conclusões diferenciadas das que propõe Carone (2003). Ela assevera que esse item ainda conserva traços que o caracterizam como expressão adverbial. *Por isso* estabelece relações entre orações, nunca entre termos. Isso atesta seu caráter de operador argumentativo: ele relaciona um argumento e sua explicação, sem estabelecer conteúdos pressupostos, como acontece com outros elementos, como *portanto e logo*. De acordo com Pezatti (2000), esse item está passando por mudanças, mas caminha para especializar-se com valor explicativo e não conclusivo, como o atesta Carone (2003), e alguns gramáticos.

Essa situação, porém, é discutível. No dia-a-dia temos amostras de que *por isso* pode também estabelecer conteúdos pressupostos. Se retomarmos a situação que apresentamos em (18) e realizarmos a comutação de *logo* por *por isso*, constataremos não haver alteração semântica. Senão vejamos:

(18) Luís trabalhou muito, logo pode descansar agora.

(18) a. Luís trabalhou muito, por isso pode descansar agora.

O que se verifica é que *por isso* continua a exercer a função de estabelecer conteúdos pressupostos que estava sendo realizada por *logo*, sem nenhum prejuízo semântico. Sabemos, todavia, que não é sempre que isso acontece. Há casos em que a comutação não é possível e há ainda aqueles em que a comutação é realizável, mas o resultado é semanticamente diferente do original, como veremos no capítulo 3, em que procedemos à análise dos dados. Porém, antes disso, discutiremos os aspectos mais relevantes do item *então* na seção seguinte.

## 1.6 O item *então*

A palavra *então* tem sido objeto de várias pesquisas. De acordo com Rizzo (1996) esse termo atua também como elemento de coesão entre partes de um texto, estabelecendo aberturas, encaminhamentos, retomadas e fechados de tópicos. Move-se da frase para o texto e articula fragmentos diferenciados. Nas palavras de Pezatti (2001, p. 88),

*então* pode atuar nos níveis frasal e textual, exercendo, naquele, a função de um advérbio dêitico de tempo e assumindo, neste, a de um operador argumentativo, na expressão de uma dependência lógico-semântica de decorrência, conclusão ou resultado, assentada na relação de implicatividade entre fatos ou argumentos, dentro da proposição.

A versatilidade localizada em *então* não é um fato exclusivo de nossa língua. Van Dijk (1981) aponta essa mesma possibilidade com o termo *so*, quando trata dos conectores pragmáticos e semânticos do inglês. Igualmente em espanhol a palavra *entonces* apresenta também possibilidades variadas de empregos. Isso nos mostra que traços lingüísticos não têm, necessariamente, ocorrência intralingüística apenas, mas podem manifestar-se de forma interlingüística.

A diversidade de emprego desse termo provoca divergências entre os estudiosos relativamente à sua classificação, como já mencionamos anteriormente. Enquanto alguns consideram *então* como conjunção conclusiva, há os que sustentam que ele é apenas advérbio. Outros há que o tomam como palavra denotativa. Para Almeida (1964), *então* é um advérbio. Mas quando trata das conjunções coordenativas, esse autor o inclui entre elas e dá o seguinte exemplo:

(20) Ele nos avisou, devemos, então, esperá-lo. (ALMEIDA, 1964, p. 323)

Cunha e Cintra (2001) o incluem entre os advérbios de tempo, mas quando mencionam as palavras denotativas, esses autores citam *então* como palavra denotativa de situação, e dão como exemplo:

(21) Então reconhece o meu irmão? (CUNHA E CINTRA, p. 553)

Igualmente para Bechara (2003), *então* é, a princípio, um advérbio, embora ele o inclua também como palavra denotativa de situação. Para Kury (1999), esse termo é uma conjunção conclusiva, ao lado de *logo*, *por isso*, entre outras. Também para Barros (1985), essa palavra é uma conjunção conclusiva.

O termo *então*, como outros itens de natureza híbrida que atuam no nível frasal e textual, é de origem estritamente adverbial. De acordo com Andrade (1990), trata-se de um advérbio relativo, cuja origem remonta ao século V, no latim vulgar. A forma *intunc*, original, era composta de *in* e *tunc*, significando *nesse* ou *naquele tempo*, *nessa* ou *naquela ocasião*, tanto para tempo passado como para tempo futuro. Esta forma conservou-se no galego-português e em alguns falares. Porém, com exceção do português e do espanhol, os demais romances perderam o uso de *tunc* pelo menos no que diz respeito ao seu uso temporal. A forma *entonce(s)* do espanhol e também presente, embora raramente, no português, é de origem também latina, mas anterior a *tunc*. A forma *in tunc* evoluiu para *in tum*, que no português arcaico deu *entom*, e transformou-se em *então*.

De acordo com Câmara Júnior (1976), os advérbios têm, em português, extrema mobilidade semântica e funcional e, do ponto de vista semântico, há freqüentemente desvios de sentido e de aplicação para os advérbios. Essa mobilidade semântica a que esse autor se refere justifica as diversas nuances e os diversos empregos que essa palavra assume no português atual, conferindo-lhe um papel ao mesmo tempo de articulador no nível frasal e também textual. Nas palavras desse autor,

alguns advérbios fixaram-se até, no estado atual da língua, como conjunções coordenativas; outros têm uma distribuição nítida como tais e como advérbios; outros, enfim, ficam a cavaleiros das duas funções (CÂMARA JÚNIOR, 1976, p. 123).

No caso específico de *então*, há uma particularidade não presente em outros advérbios: mesmo mantendo a mobilidade semântica, há uma unidade-base de sentido que permanece em quase todas as suas aplicações. Mesmo assumindo valores diferenciados, fica retido nele o traço temporal, que realiza uma remissão anafórica a um passado já dado a conhecer. Ao ligar partes maiores do texto, *então* adquire um teor argumentativo, mas com dupla tendência: ao

mesmo tempo em que realiza a relação sintático-semântica de expressão temporal, serve à expressão uma relação de dependência lógico-semântica de decorrência, conclusão ou resultado.

Abordando essa questão, Risso (1996) faz referência às “frases de arrastão” muito comuns na língua falada, em que esse conector faz o papel de alinhavador de fatos numa seqüência temporal, definindo-lhe a linearidade. Mas embutidas na seqüenciação de fatos relacionados pelo conector, podem vir outras idéias. Vejamos o exemplo abaixo, extraído do nosso *corpus*:

- (22) .. ia de muita gente ... ENTÃO quando se chegava lá procurava ele ... marcava o dia certo pra você ser atendido e nós tivemos que ficar lá ... se não me engano por dois ou três dias ... ENTÃO no dia que a gente foi ser atendido cê tinha que levantar quatro horas da manhã porque ele não atendia ... (LAM-22-638).<sup>6</sup>

O que temos em (22) são duas ocorrências de *então* que se definem por marcar apenas a seqüenciação dos fatos. É um caso típico de frase de arrastão, em que esse item exerce a função de alinhavador apontada por Risso.

Porém em (23) a situação já é outra:

- (23) ... no nosso caso aqui éramos ...eu não tenho condições de afirmar corretamente ... mas devia ser uma média de umas quinze pessoas ... só que ele atendia quarenta ... cinquenta pessoas ... muitas vezes até mais que isso ... ENTÃO se a gente desse bobeira cê acabava sem atendimento ... ENTÃO você muitas vezes não tinha prazo nem pra tomar café ... (LAM-22-640).

Diferentemente do que ocorre em (22), nas duas ocorrências em (23) *então* apresenta-se em dupla atuação: ao mesmo tempo em que aponta a seqüência de idéias, estabelece também

---

<sup>6</sup> Todos os exemplos que compõem a amostragem analisada obedecem à seguinte convenção: **DP** = dialetos portugueses; **V** = Revista Veja; **JN** =Jornal de Notícias; **A** = artigo; **PF** = Português Fundamental. Os informantes do PB são identificados por meio de siglas individuais. Dessa forma, os exemplos são codificados ao longo do texto por meio da sigla convencional, seguida de números que indicam, na língua oral, o número da entrevista e o da amostra; na língua escrita do PB o número da revista (1 a 21), a página da ocorrência e o número da amostra. Nas ocorrências de língua escrita do PE, os números indicam o número do artigo em que houve a ocorrência e o da amostra.

a relação de resultado ou conclusão. Tanto que é possível realizar a comutação com uma conjunção conclusiva:

- (23) a. ... no nosso caso aqui nós éramos ... eu não tenho condição de afirmar corretamente mas devia ser uma média de umas quinze pessoas ... só que ele atendia quarenta ... cinquenta pessoas ... muitas vezes até mais que isso ... PORTANTO se a gente desse bobeira cê acabava ficando sem atendimento ... PORTANTO você muitas vezes não tinha prazo nem para tomar café ...
- (23) b. ... no nosso caso aqui nós éramos ... eu não tenho condições de afirmar corretamente mas devia ser uma média de umas quinze pessoas ... só que ele atendia quarenta... cinquenta pessoas ... muitas vezes até mais que isso ... LOGO se a gente desse bobeira cê acabava ficando sem atendimento ... LOGO você muitas vezes não tinha prazo nem para tomar café ...

A configuração de um fato motivado por outro pode apresentar-se de forma gradativa, e, à medida que se vai acentuando o traço semântico e se especializando a idéia de decorrência, conclusão ou resultado, define-se o emprego de *então* como conjunção.

É a essa situação que se refere Moraes (1987) quando aponta essa palavra como um dos coordenantes na língua falada, por sua capacidade de ligar orações apresentando uma seqüenciação de fatos ao mesmo tempo em que indica uma idéia conclusiva. Por ver nele esse valor continuativo e conclusivo é que Moraes afirma que *então* realiza relações anafóricas e catafóricas. Entende-se a anáfora nesse caso não como uma retomada direta de um termo ou expressão dado a conhecer anteriormente, mas como uma continuação daquilo que foi dado a conhecer. O valor catafórico assumido por *então* manifesta-se na sua capacidade de projetar conclusão. Observemos o exemplo abaixo.

- (24) ... aquele trem (a fumaça) foi me deixando encabulado ... aí o frio tava espetando ... aí eu fui lá no vidro do ônibus e abri ... a única saída era aquela ... porque naquele tempo podia fumar dentro de ônibus ... quando eu abri o vento rachou ... mas foi matando lá pra trás ... aí ele achou ruim e cresceu ... ô ... fecha esse vidro aí ... aí eu falei: eu num tô conseguindo respirar aqui ... ENTÃO tem que abrir o vidro ... (AFE-35-03).

Nessa ocorrência vemos que a oração encabeçada por *então* liga-se ao pensamento anterior, o que ilustra a afirmação de Moraes (1987) a respeito do caráter anafórico desse elemento; mas, ao mesmo tempo em que *então* se volta para o que foi dito anteriormente dando-lhe continuidade, ele apresenta também a conclusão ou resultado desse fato. Mais uma vez é possível realizar a comutação:

- (24) a. ... aquele trem (a fumaça) foi me deixando encabulado ... aí o frio tava espetando ... aí eu fui lá no vidro do ônibus e abri ... a única saída era aquela ... porque naquele tempo podia fumar dentro do ônibus ... quando abri o vento rachou ... mas foi matando lá pra trás ... aí ele achou ruim e cresceu ... ô ... fecha esse vidro aí ... aí eu falei: eu não tô conseguindo respirar aqui ... PORTANTO tenho que abrir o vidro ...
- (24) b. ... aquele trem (a fumaça ) foi me deixando encabulado ... aí o frio tava espetando ... aí eu fui lá no vidro do ônibus e abri ... a única saída era aquela ... porque naquele tempo podia fumar dentro do ônibus ... quando abri o vento rachou ... mas foi matando lá pra trás ... aí ele achou ruim e cresceu ... ô ... fecha esse vidro aí ... aí eu falei: eu não tô conseguindo respirar aqui... LOGO tenho que abrir o vidro ...

É curioso ressaltar que, ao discorrer sobre essa função coordenante de *então*, a autora está implicitamente assumindo seu valor conjuncional.

Por outro lado, Andrade (1990), em seu trabalho cujo objeto de investigação são os marcadores conversacionais, realiza um longo estudo sobre *então* como marcador, tendo em vista que seu emprego como tal é altamente recorrente na língua. Nesse estudo, essa autora discute os diversos efeitos de sentido que *então* apresenta como marcador. Mas é interessante ressaltar que os efeitos de sentido desse item como marcador não são muito diferentes de outros que ele apresenta em outras funções. Uma dessas outras funções discutidas por Andrade é a de operador discursivo, em que o conector relaciona porções maiores do texto, determinando-lhe uma orientação argumentativa.

Como operador do discurso, entre outras, a autora relaciona as seguintes funções assumidas por *então*:

a) Indicador de consequência:

(25) Se você atender, então tudo se fará.<sup>7</sup>

b) Indicador de conclusão:

(26) Esse funcionário tem cumprido o seu dever, não deve, *então*, ser despedido.

Quando fala dos efeitos de sentido de *então* como marcador, um dos efeitos que merece destaque é:

a) Indicador de explicação ou justificativa<sup>8</sup>

(27) [...] se a gente for parar para fazer as coisas calmamente não dá [...] *então* a gente corre depressa.

b) Indicador de consequência:

(28) [...] quando a arte é muito grande ou eles estão brincando *então* acusam o pai ou a mãe.

c) Indicador de conclusão:

(29) [...] somos de famílias grandes e [...] *então* acho que dado esse fator nos acostumamos a muita gente.

Além dessas possibilidades, Andrade (1990) apresenta uma exaustiva lista de outras igualmente importantes, mas que não serão trabalhadas por nós, assim como as mencionadas acima. A discriminação detalhada delas torna-se, portanto, irrelevante para nós, nesse momento, uma vez que nosso objeto de pesquisa é outro. Com isso não estamos afirmando, porém, que não é importante conhecê-las, pois a identificação de todos os traços

<sup>7</sup> Os exemplos 25 e 26 foram extraídos de Andrade, 1990, p. 147-149.

<sup>8</sup> Os exemplos 27, 28 e 29 foram extraídos de Andrade, 1990, p. 209, 211, 212.

característicos desse item é importante para a delimitação de seu perfil de advérbio e/ou conjunção, que é o nosso foco de interesse.

O que se constata, contudo, é que, afora algumas situações em que o efeito de sentido é específico, o que se nota, de um modo geral, é uma área interseccional entre os vários casos de ocorrência de *então*, na qual o que predomina é o valor resultativo ou conclusivo, aliado à idéia de temporalidade. E é isso que dá a esse termo a mobilidade mencionada por Câmara Júnior (1976), fazendo com que ele atue ora como advérbio, ora como conjunção.

Devido a esse valor resultativo ou conclusivo, comum à maioria dos empregos de *então*, autores há que consideram que o termo está em processo de mudança. É essa a opinião de Carone (2003, p. 59), para quem *então*, tal como já ocorreu com outros antigos advérbios que se transformaram em conjunção, como *porém*, *no entanto*, *por conseguinte*, *entretanto*, *contudo*, *todavia*, caminha em direção a essa mesma transformação, conforme excerto abaixo:

Situam-se na faixa de transição os marcadores que atuam como elementos de um texto: *além disso*, *apesar disso*, *em vez disso*, *pelo contrário*, *ao contrário*, *ao mesmo tempo*, *desse modo*, *assim*, *então* [...] Como termos híbridos, participam da natureza do advérbio e da natureza da conjunção: exprimem circunstâncias várias, mas comportam-se como fatores de coesão, *a caminho de cristalizar-se como conjunções coordenativas* [...] (grifo nosso).

Nessa mesma perspectiva Pezatti (2001) se volta exclusivamente para o emprego de *então* na função de articulador da relação lógico-semântico de conclusão entre orações. Sua proposta é esclarecer se o nexos conclusivo expresso por esse item é indicativo de uma conjunção coordenativa emergente. Segundo essa autora, apesar de poucos gramáticos registrarem *então* como conjunção coordenativa conclusiva, é nessa direção que ela caminha. Vê-se que o ponto de vista de Pezatti, nesse aspecto, é semelhante ao de Carone, que também aponta para uma cristalização iminente.

Essa autora analisou o comportamento sintático-semântico de *então* considerando alguns traços distintivos que definem uma conjunção conclusiva prototípica que, conforme já vimos, é *logo*. O primeiro deles é posicionar-se de maneira fixa no início da segunda oração. Ressalte-se que a mobilidade na sentença é traço adverbial. Outro traço é a possibilidade de coordenar termos e não só orações. É também um traço característico de conjunção a integração à segunda oração ou coordenada 2 e não representar mais uma relação anafórica com a primeira oração ou coordenada 1. O fato de ser *um braço* da coordenada 1 lançado anaforicamente na coordenada 2 é indício de resquício adverbial, conforme vimos anteriormente ao tratar de *por isso*. Uma das marcas adverbiais que aquela expressão ainda conserva é o fato de parafrasear-se em *por causa disso*, sendo *isso* o conteúdo da coordenada 1. Finalmente, como traço distintivo, tem-se que a verdadeira conjunção não aceita clivagem.

A análise realizada por Pezatti (2001) lhe permitiu concluir que esse item caminha em direção a uma gramaticalização como conjunção, já que expressa valor conclusivo e é comutável em grande parte das situações analisadas por *logo*. Mas *então* ainda conserva traços adverbiais, quer na manutenção de seu valor temporal e anafórico circunstancial, quer na mobilidade na sentença.

Foi essa a principal motivação para o nosso trabalho. Os estudos de Pezatti, desenvolvidos sobre um *corpus* formado com dados do projeto NURC, apontam uma tendência desse termo no Português do Brasil (PB) para gramaticalizar-se como conjunção conclusiva. A nossa intenção é contribuir com as reflexões a esse respeito, ampliando as discussões sobre a situação de *então* e também de *por isso* não só no Português do Brasil (PB) como também no Português Europeu (PE). Conforme discutimos em momentos anteriores, quando tratamos da Sociolinguística Paramétrica, as variações que se dão intra-lingüisticamente, podem também ocorrer inter-lingüisticamente. Buscamos investigar, então, se nas duas variedades do

português esses itens caminham na mesma direção, ou se se trata de uma especialização que vem se manifestando apenas no Português do Brasil.

No capítulo seguinte, procederemos à apresentação dos procedimentos metodológicos adotados na condução deste trabalho.

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O universo desta pesquisa foi formado por dois *corpora* lingüísticos: um representante do Português do Brasil (PB) e outro do Português Europeu, (PE), ambos nas modalidades oral e escrita, os quais totalizaram 1025 dados codificados.

Para a composição do *corpus* do PB na modalidade oral, realizou-se um recorte e tomou-se como referência a língua falada na região sul do estado de Goiás, especificamente na cidade de Itumbiara. Os sujeitos da pesquisa foram 49 informantes adultos de ambos os sexos, todos nascidos nesta cidade ou nela chegados com idade de até sete anos no máximo, e compuseram três grupos de idade: o primeiro envolveu pessoas de 20 a 29 anos; o segundo, informantes de 30 a 49 anos e o terceiro foi composto por aqueles com idade acima de 50 anos (conforme quadro 1, Anexo B).

Outro fator considerado na seleção dos informantes foi a classe social. Para proceder ao agrupamento dos sujeitos em classes sociais, utilizou-se o Critério Brasil, que é um critério que tem como objetivo medir o poder aquisitivo do consumidor. Esse critério propõe que a divisão da população brasileira em classes sociais seja estabelecida tendo como base o grau de escolaridade e a posse de bens de consumo duráveis dos chefes de família (conforme Anexo C). O quadro que investiga o grau de escolaridade tem cinco itens e o que averigua a posse de bens de consumo, dez. A cada possibilidade de resposta corresponde um valor numérico e o total da pontuação obtida permite o encaixamento do indivíduo em classes sociais diferenciadas. Embora o Critério Brasil proponha uma estratificação da população brasileira em cinco classes – A, B, C, D e E, com as duas primeiras se subdividindo em A1 e A2, B1 e B2 –, optou-se neste trabalho por se considerar apenas as classes A, B e C, uma vez que os sujeitos de nossa investigação se situam numa cidade pequena, onde as camadas mais altas

não se fazem tão presentes. Para tanto, foi feita uma adaptação da proposta original, dando mais abrangência à distribuição dos pontos.

A coleta de dados do PB, na modalidade oral, foi feita por meio de entrevistas realizadas pela pesquisadora. Como este trabalho filia-se à Sociolinguística, que tem como objeto a língua falada no seu estado mais espontâneo, procuramos assegurar a maior proximidade possível desse vernáculo durante a coleta de dados. Para tanto, as entrevistas foram conduzidas de forma a deixar o informante à vontade, na tentativa de abrandar os efeitos causados pelo *paradoxo do observador*. Dessa forma, foram priorizadas as questões que propunham avaliações, posicionamentos, julgamentos e narrativas pessoais da parte do informante. Essas situações, dada a carga de emoção que envolvem, levam o falante a libertar-se de prováveis monitoramentos da linguagem e produzir textos mais espontâneos e representativos do vernáculo esperado.

Cada entrevista realizada teve a duração média de 50 minutos e a transcrição dos textos foi feita de maneira integral, tal como foram produzidos pelos informantes. Em alguns casos, desprezamos os quinze minutos iniciais e os finais, conforme orienta Tarallo (1986), que alerta para o fato de que, como consequência do *paradoxo do observador*, o vernáculo fica comprometido nos minutos iniciais de uma entrevista, momento em que o falante ainda está pouco à vontade. Porém, como nosso objeto de pesquisa é o comportamento sintático-semântico de *então* e *por isso*, acreditamos que a seleção de um ou outro não fica comprometida por prováveis momentos de nervosismo do informante, razão pela qual não seguimos à risca essa orientação.

A fim de assegurarmos representatividade aos dados, selecionamos, a princípio, cinco pessoas para cada fator extralingüístico. Como trabalhamos com dois desses fatores, cada um subdividido em três subfatores, o número de informantes seria quarenta e cinco. Esse total, no entanto, ficou alterado: na classe A, no primeiro grupo de idade, e na classe C, no segundo e

terceiro grupos de idade, tivemos um número maior de informantes, porque ocorreram aí, embora em quantidade mínima, entrevistas com duração inferior aos cinquenta minutos propostos. O aumento no número de informantes, nesses casos, visou à garantia do equilíbrio dos dados.

Quanto ao *corpus* do PB na modalidade escrita, ele foi composto de vinte e uma revistas Veja, das quais foram analisados todos os artigos, sem distinção de gênero textual. Optamos por trabalhar com esta revista por ser a que apresenta uma linguagem mais neutra e de maior abrangência dentro da linguagem escrita do PB. Embora este trabalho não tenha compromisso diacrônico, as revistas selecionadas distribuem-se nos anos de 2002, 2003 e 2004, em proporções iguais para cada ano.

Os dados que compuseram o *corpus* do PE, na modalidade oral, provieram de duas fontes. Uma delas foi o banco de dados do Instituto Camões, site <http://www.instituto-camoes.pt/cvc/hlp/geografia/som76.html>, de onde foram extraídas entrevistas com falantes portugueses, representantes de dialetos variados. As amostras foram agrupadas em vinte e nove blocos, de acordo com a área e a subárea dialetal a que pertencem. Integraram também o *corpus* de língua oral do PE entrevistas extraídas do banco de dados do Projeto CRPC – sub-*corpus* oral espontâneo, fonte Português Fundamental. Do total de entrevistas que compõem o *corpus* do projeto original, selecionamos noventa e oito, feitas com pessoas portuguesas adultas, de ambos os sexos. A esses dados não foram aplicados, porém, os fatores extralingüísticos aplicados aos representantes do PB, uma vez que esse projeto não trabalha com classe social dos informantes, mas com grupos profissionais. Apesar de esse *corpus* apresentar a idade dos informantes, nos demais aspectos não havia uniformidade, razão pela qual fizemos essa opção.

Finalmente, completamos o *corpus* do PE utilizando, para a modalidade escrita, artigos do Jornal de Notícias, de Portugal. Por meio do site <http://jn.sapo.pt>, selecionamos duzentos e

trinta artigos, de colunas variadas, dos quais cento e noventa e quatro foram extraídos de publicações diárias, durante o período compreendido entre 11 ago. 2004 e 11 set. 2004. Os demais artigos foram obtidos no arquivo do mesmo jornal, todos, porém, pertencentes a edições de 2004.

Como a natureza deste trabalho exige um tratamento estatístico, lançamos mão de alguns programas do Pacote Varbrul (SANKOFF, 1988). Trata-se de um programa fundamental para a análise variacionista, pois, operando com processos matemáticos, apresenta porcentagens e estatísticas ao analisar grupos de fatores em função de uma variável dependente.

Embora esses programas sejam extremamente úteis já que auxiliam na detecção e ordenação de fatores relevantes para o entendimento das escolhas feitas pelo falante, é preciso que se tenha claro que eles constituem apenas ferramentas que auxiliam o pesquisador na análise dos resultados obtidos. Em momento algum tais programas devem substituir o bom senso e a capacidade interpretativa do pesquisador diante dos dados que eles fornecem.

A Sociolinguística, como se sabe, propõe estudos linguísticos a partir da relação língua/sociedade. Isso porque a variação linguística é sensível ao contexto de produção dos enunciados. Como o nosso propósito é investigar se os itens *então* e *por isso* se encontram em processo de mudança linguística em andamento, consideramos neste trabalho, tanto fatores linguísticos como extralinguísticos, como já ficou sugerido em momentos anteriores. Os fatores extralinguísticos considerados são idade e classe social, conforme se vê no envelope de variação abaixo. Interessa às investigações sobre mudança linguística determinar que fatores a condicionam e/ou a retêm, e tanto idade como classe social são decisivos no favorecimento das escolhas feita pelo falante.

Para a seleção dos fatores linguísticos, utilizamos parte dos estudos de Pezatti (2000) e Pezatti (2001). Partindo do fato de *logo* ser a conjunção conclusiva por excelência, esta autora a considera prototípica na identificação de um termo como conjunção conclusiva.

O que faz a conjunção *logo* ser considerada prototípica é o fato de ela reunir um conjunto de traços que definem uma verdadeira conjunção. Os principais deles são a ausência de mobilidade no interior da oração que inicia, a rejeição à outra conjunção precedente, a possibilidade de coordenar termos e a rejeição a focalizadores. Acatamos esse ponto de vista e compusemos, a partir dele, nossos fatores lingüísticos e o envelope de variação por nós trabalhado ficou assim constituído:

### **Variáveis dependentes:**

#### **1 – Então**

##### **Ex.:**

- ... o primeiro filho ENTÃO é uma mistura de emoção e insegurança ao mesmo tempo ... (MB-01-19)

#### **2 – Por isso**

##### **Ex.:**

- ...eu era muito novinha né ... eu acho que foi POR ISSO que eu não lembro muito bem ... (ELO-03-21)

### **Grupo de fatores:**

#### **Grupo 1 – Classe social**

- a) Classe alta
  - b) Classe média
  - c) Classe baixa
- / - não se aplica

## Grupo 2 – Faixa etária

- d) – 20 a 29 anos
- e) – 30 a 49 anos
- f) – 50 anos em diante
- / - não se aplica

## Grupo 3 – Comutação com *logo*

### g- [+ Comutação]

Ex.:

- ... O convite foi específico: claríssimo: está vindo um amigo que mora na Inglaterra ... que vai conversar com vocês ... mas que vai conversar em Inglês. ENTÃO ninguém tá aqui enganado ... (LEF-42-908)
- Penso que a afinação do elenco governativo, cinqüenta e tal dias depois, tem de estar concluída, POR ISSO é a partir de agora que temos de analisar com mais atenção e menos complacência o que o governo fizer. (JN-A229-798)

### h- [-Comutação]

Ex.:

- ... eu tenho medo né ... porque a gente tá cansado de ver aí ... das menores coisas sai morte ... sai tudo né ... ENTÃO eu sabendo que ele não é capaz de fazer isso ... mas e o outro? (VEF-19-610)
- ... ele tá chegando frente a frente com o gol e não tá tendo aquela tranquilidade de fazer os gols. POR ISSO que o Flamengo tá tendo essas derrotas ... (FAJ-05-22)

## Grupo 4 – Posição na oração

### i- início da oração

Ex.:

- ... uai ... é igual eu tava falando procê ... na época do casamento né ... ENTÃO a gente pegava ... naquele tempo não tinha carro ... ia de carrinho né ... (DOM –18-607)

- ... eu estudava e depois do meu horário eu ia ajudar o meu pai ... POR ISSO eu tenho profissão... ( JOL-07-67)

#### **j- interior da oração**

Ex.:

- O conselho consultou a Comissão Nacional de Residência Médica, órgão vinculado ao Ministério da Saúde, para saber se o hospital de Campinas era credenciado. Era [...] O órgão ENTÃO deu o registro a Caron. (V21-90-534)
- Os congressos do PS e do PCP constituem, a vários títulos, pontos privilegiados da agenda política. Justificam, POR ISSO, a atenção sobre a forma do debate [...]. (JN-A130-776)

#### **k- final da oração**

Ex.:

- É dessa crônica de luto que Nanni se ocupa ENTÃO. (V21-132-536)
- ... e agora eu pergunto: que dia cê bateu num filho seu porque ele não toma banho na hora? Não ficar sem tomar banho ... Ou tomar banho na hora de dormir? É ... mais ninguém bate num filho porque não toma banho ... e eu apanhava POR ISSO. (ROB-20-624)

### **Grupo 5 – Clivagem**

#### **l- [+ Clivagem]**

Ex.:

- ... nessas alturas ele já tinha reconhecido que tá desencarnado e não precisa mais banheiro para atender os trabalhos fisiológicos ... não necessita mais ... ENTÃO os espíritos foi conversando com ele ... (MAS-24-672)
- ... diz que ele enfiou debaixo duma pedra lá ... POR ISSO que o corpo de bombeiro não achou ... (Ivs-15-228)

#### **m- [-Clivagem]**

Ex.:

- ... as pessoas têm me procurado ... na empresa também eu vejo que o pessoal tá gostando do meu trabalho ... ENTÃO eu estou me sentindo muito feliz com tudo isso ... (MLI-26-692)

- ... já existe pai e mãe POR ISSO mesmo ... porque se fosse pra eles viverem igual a porco eles não teriam pai e nem mãe ... (MAC-08-79)

## Grupo 6 – Coocorrência com elemento conjuntivo

### n- [+ Coocorrência]

Ex.:

- ... porque é claro, as vacas, é claro, dão as crias E ENTÃO quer-se dizer, tem mais vantagem nisso ... (DP-11-538)
- O controle sobre o número de sementes é necessário porque elas necessariamente têm de receber doses de fungicidas para evitar pragas E POR ISSO, são nocivas à saúde. (V3-136-294)

### o- [-Coocorrência]

Ex.:

- ... depois começa a gente as cavas das vinhas ... Se já estão podadas, a gente começa ENTÃO a cavá-las. (DP-18-435)
- Enfim os poderes terapêuticos dos antioxidantes são vastos. POR ISSO despertam tanto o interesse da ciência. (V10-114-381)

## Grupo 7 – Valor sintático-semântico na frase

### p- seqüenciação

Ex.:

- E aquela serra lá (num todo alto) que viram, é, onde há os macacos. Nós enchemo-nos de estar lá. E ENTÃO esse tal rapaz ia à ronda à Espanha. (DP-28-566)
- (Não houve ocorrência de *por isso* com esse valor).

### q- conclusão

Ex.:

- ... eu nasci na religião católica ... fiquei sessenta anos na religião católica ... nas festas ... quermesses da igreja católica ... lá eu aprendi a fumar ... a beber ... junto com os padres

...fumando e bebendo junto com os padres ... via eles fumar ... padre é servo de Deus ... ENTÃO eu vou beber e fumar também ... posso fazer ... (MAS-24-667)

- Educar é uma missão que começa em casa e continua na sala de aula. POR ISSO, pais e filhos devem ter muito critério na escolha de uma escola. (V20-69-526)

#### r- consequência

Ex.:

- ... eu acho que na escola particular o professor tá mais interessado ... por o número de alunos ser menor ... ENTÃO eu acho que o professor tá ali interessado em passar o conteúdo ... (MAY-25-686)
- O que mais pena lhe dá, religiosa como é, é não poder ler a Bíblia. POR ISSO socorre-se de uma vizinha. (JN-A178-787)

#### s- tempo

Ex.:

- ... quando a mãe questionou isso foi a gota que derramou ... foi a gota que derramou porque eu ainda fui além e perguntei: por que você tá me perguntando? Não ... porque o meu filho adora os lápis dela ... e aí ... eu inocente até ENTÃO ... (CEL-33-822)
- (*Por isso não se emprega com esse valor*).

#### t- causa

Ex.:

- ... cê pega um rabo de tatu e dá uma correadas nele pra ele voltar a correr ... eu vou passar pra ele uns fortificantes que é a única coisa que ele vai usar ... ENTÃO ele não tem nada ... vai ficar normal ... (LAM-22-647)
- De maneira que às vezes, vou daqui para, para os arredores, chego já cansada e, às vezes não tenho disposição de voltar a sair e às perco assim umas coisas um bocadinho POR ISSO. (PF-710-1123)

#### u- explicação/justificativa

Ex.:

- ... para o professor pode até ser uma coisa boa ... porque está na casa dele ... só que eu acho que pro aluno passa a ser desconfortável ... o ambiente de escola é outra coisa ... ENTÃO eu aluguei uma salinha ... (ANIG-40-876)
- Os homens, é claro, nos serviços mais pesados, que as mulheres não podem fazer. Mas como geralmente os serviços aqui não são pesados, é POR ISSO que temos menos homens e muito mais mulheres. (PF-147-1006)

#### v- outros

Considerou-se como *outros* aqueles empregos em que *então* e/ou *por isso* apresentam valores distintos dos arrolados acima. Optamos por essa generalização para não nos alongarmos muito, já que nosso objetivo neste trabalho não é fazer uma descrição detalhada de todos os valores sintático-semânticos que os itens em questão podem apresentar, mas identificar os mais recorrentes. Dessa forma, nos interessam mais de perto aqueles casos em que *então* e *por isso* se comportam como conjunções conclusivas por apresentarem os traços que definem um item como tal.

Ex.:

- ... pegavam ele ... de carro ... saíam ... levavam até mamadeira vazia ... paravam numa lanchonete e mandavam fazer uma mamadeira pra ele ... Ou ENTÃO ia pra casa de uma amiga .. (ROH-41-893)
- (Não ocorreram no *corpus* amostras em que *por isso* se apresentasse nessa situação ).

### Grupo 8 – Modalidades lingüísticas

#### 2 - oral

Ex.:

- ... aí ele me levou e me deixou lá ... aí ENTÃO fiquei a gravidez ... os nove meses ... meu pai cuidou de mim e do menino... (MAM-23-657)

- Aqueles não têm ... espécie de civilização nenhuma, tão habituados às mães a berrarem com eles. POR ISSO a única hipótese que há é gritarmos também pra eles nos ouvirem ... (PF-485-1034)

### 3- escrita

Ex.:

- A idéia de esculpir o corpo muito além de qualquer ideal atlético até ENTÃO conhecido pela humanidade surgiu na década de 50. (V20-75-527)
- Hoje com tanta mulher nua, o homem está perdendo o estímulo. É POR ISSO que os homens estão impotentes. (V16-15-506)

## Grupo 9 – Variedades do português

### 4 – PB

Ex.:

- Eu acho que ela precisa dar mais exercícios ... mas como ela entrou agora e eu me ausentei ... e ela também ... ela trabalha em outra escola ... ENTÃO a metodologia é um pouco diferente. (COL-36-832)
- E foi desde menina assim ... ela era muito rebelde ... acho que é POR ISSO que ela apanhou mais ... (MB-01-06)

### 5 – PE

Ex.:

- No início do ano, as unidades de PAZ da ONU estavam presentes em treze países, precisou Kofi Annan. Desde ENTÃO, a organização enviou missões à Costa do Marfim ... (JN-A198-793)
- Nani mostra como cada momento da vida é cercado de infinitas oportunidades de morte e como, justamente POR ISSO, essa é a possibilidade que nunca se contempla. (V21-132-535)

Neste capítulo procuramos apresentar os procedimentos metodológicos que nortearam a proposição dos fatores de variação, com o objetivo de investigar o emprego de *então* e *por*

*isso* no português contemporâneo, bem como realizar um contraponto entre o Português do Brasil e o Português Europeu.

Além disso, cabe esclarecer que, subjacente à utilização dos fatores, está a manutenção da decisão apresentada em Tarallo e Kato (1989, p 38-39), a saber:

Conscientes e cientes da querela e do impacto das críticas de Lavandera [...] ao modelo variacionista, e norteados por uma previsível e quase fatalística virada no modelo laboviano [...], decidimo-nos, mesmo assim, por um tratamento quantitativo da ordem sintática do Português falado, atendo-nos principalmente à distribuição de dados (nesse sentido valendo-nos essencialmente de percentagens) e considerando os grupos de fatores como meros organizadores do universo da amostra analisada, e não como pesos probalísticos para a explicação da variável dependente [...].

No capítulo seguinte, procederemos à análise e discussão dos resultados.

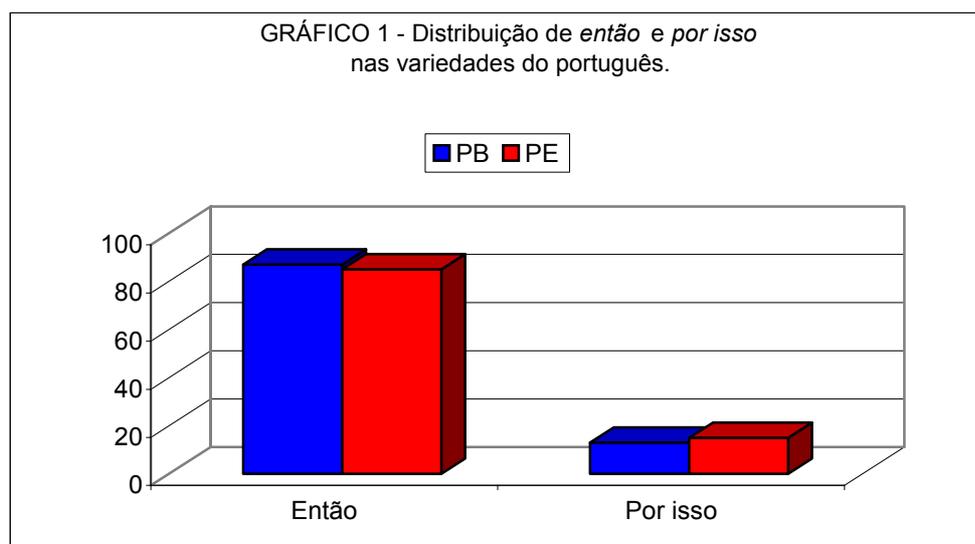
### 3 O EMPREGO DE *ENTÃO* E *POR ISSO* NO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

#### 3.1 Introdução

Neste capítulo apresentamos a descrição e análise dos dados obtidos, após o cruzamento das variáveis dependentes e os grupos de fatores apresentados no capítulo anterior.

No intuito de tornar a exposição mais clara, procuraremos fazê-la por tópicos, de acordo com os fatores em foco. Antes, porém, apresentaremos os dados em sua distribuição nas duas variedades consideradas – PB e PE –, nas duas modalidades lingüísticas – oral e escrita –, visando a uma compreensão mais global do processo.

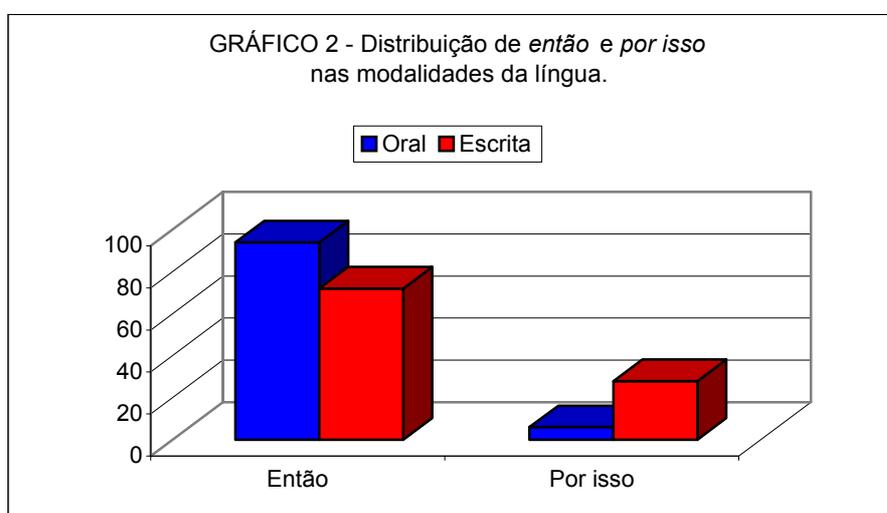
O *corpus* compõe-se de 1025 dados, distribuídos nas duas variedades do português – PB e PE. Desse total, 814 são do PB e 211 do PE. Apesar de, quantitativamente, ser bastante significativa a diferença entre as duas variedades, uma leitura horizontal do Gráfico 1, abaixo, revela um equilíbrio de ocorrências.



No PB, confrontando-se o emprego dos dois itens – *então* e *por isso*, nota-se que é pouco significativo o emprego de *por isso*: 13%, enquanto *então* atinge o percentual de 87%.

Ora, a mesma situação ocorre no PE: de acordo com o Gráfico 1, *então* apresenta um percentual de 85% de ocorrência, enquanto *por isso* tem um índice de 15%. Esses dados parecem revelar que, tanto no PB quanto no PE, a expressão *por isso* é muito pouco produtiva no português contemporâneo.

Já o Gráfico 2, a seguir, mostra a situação por outro ângulo: a distribuição dos dados de acordo com as modalidades oral e escrita.



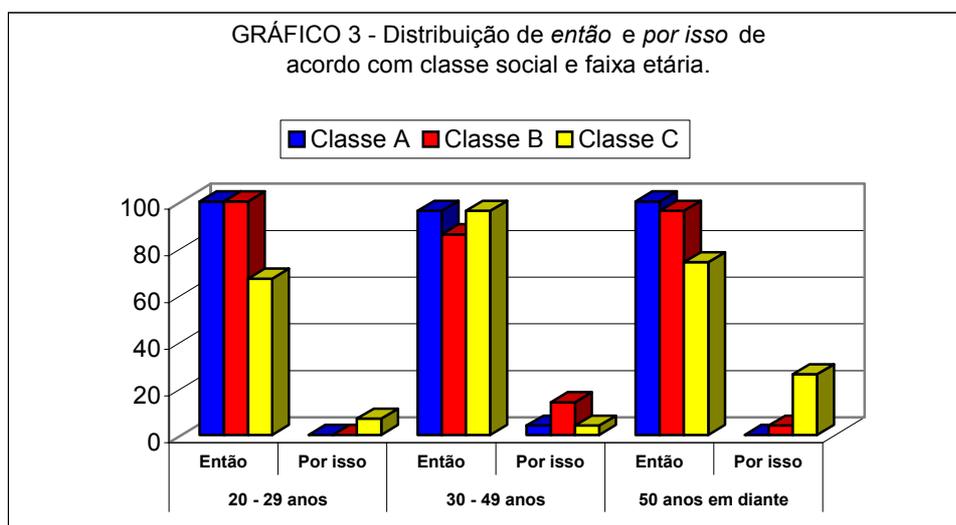
De acordo com o Gráfico 2, o emprego de *então* na língua oral atinge o percentual de 94%, ao passo que *por isso* ocorreu num percentual de apenas 6%. Na língua escrita, os dados indicam 72% de ocorrência de *então* e 28% de *por isso*.

Os dados acima reforçam o que já apontamos anteriormente: a baixa produtividade de *por isso* no português contemporâneo. Observa-se também que, além de ser pouco usado, esse uso está praticamente restrito à língua escrita. Ao longo desse capítulo, retornaremos a esse ponto, para confirmá-lo ou refutá-lo de acordo com os dados resultantes de outros cruzamentos de fatores. Na seção seguinte, discutimos a relação entre classe social e o emprego de *então* e *por isso*.

### 3.2 O papel da classe social na seleção de *então* e *por isso* como conjunção ou advérbio

Os fatores externos apresentados no capítulo anterior não se aplicam ao *corpus* do PE, uma vez que não se teve acesso à classe social, tampouco à faixa etária dos informantes daquela variedade lingüística. Portanto, os resultados apresentados nesta secção referem-se apenas ao PB na modalidade oral.

O Gráfico 3, a seguir, nos mostra a distribuição de *então* e *por isso* de acordo com a classe social e a faixa etária.

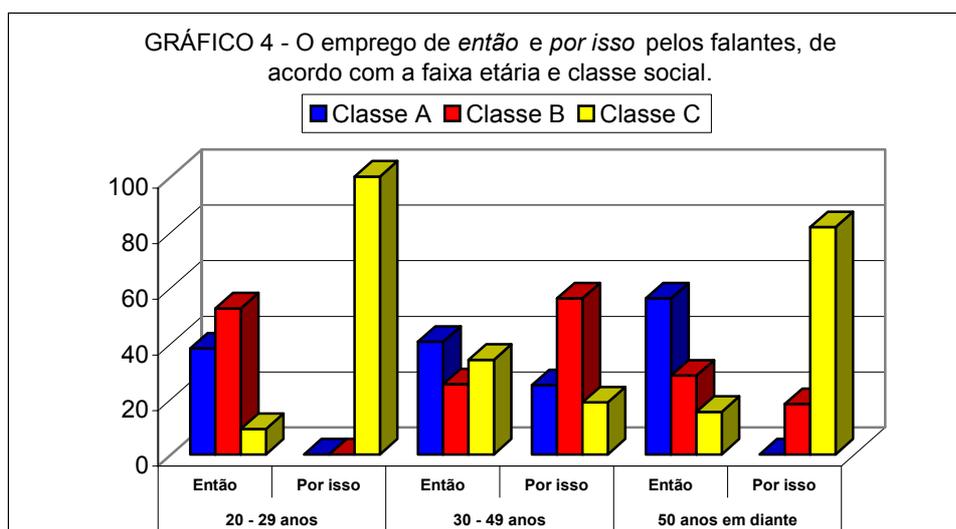


Conforme nos revela o Gráfico 3, o uso de *por isso* é muito pouco significativo na língua oral, dentro do recorte proposto. No primeiro grupo etário (20-29 anos), esse uso é praticamente nulo: tanto na classe A como na classe B, o emprego de *então* é de 100%, aparecendo na classe C um índice de 33% de ocorrência de *por isso*, ficando os 67% para *então*.

No segundo grupo etário (30-49 anos), a situação é semelhante. A escolha de *então* ocorre numa porcentagem de 96% entre falantes da classe A, 86% entre B e 96% entre os da C. Na terceira faixa de idade (50 anos em diante), os dados nos mostram uma pequena elevação do

emprego de *por isso* na classe C, onde se registra um índice de 26% do emprego desse item, contra 74% de *então*. Na classe A, porém, a ocorrência de *então* manteve-se em 100% e na classe B, o percentual foi de 96%.

Embora não estejamos desenvolvendo o trabalho considerando os dois itens lexicais em questão como formas concorrentes, não se pode deixar de registrar a pouca produtividade de *por isso* entre os falantes de todas as idades. O Gráfico 4, abaixo, nos dá uma visão mais detalhada da distribuição de *então* e *por isso* entre os falantes de classes sociais e idades diferentes:



Analisando-se, em primeiro lugar, o emprego de *então* por falantes pertencentes ao primeiro grupo de idade (20-29), o que se verifica é que esse emprego é mais significativo entre os falantes pertencentes à classe B: do total dos casos em que esse item foi empregado pelos falantes dessa faixa etária, 52,6% encontram-se nesta classe, o que é um percentual bastante significativo. Em seguida, vem a classe A, onde o emprego foi de 38,2%. A menor incidência foi entre os falantes pertencentes à classe C: 9,2%.

Já no segundo grupo etário (30 – 49), a situação aparece invertida nas classes A e B: ocorre um aumento no emprego de *então* na classe A – 40,6%, e uma queda classe B – 25,3%.

Entre os falantes da classe C também verifica-se uma variação significativa entre essa faixa etária e a primeira: o emprego de *então* atingiu a porcentagem de 34,1% do total das ocorrências nessa faixa etária.

Finalmente, no terceiro grupo de idade (50 anos em diante), observa-se que o maior número de empregos desse item concentra-se na classe A: 56,2% do total, enquanto na classe B esse índice foi de 28,4% e na classe C apenas 15,4%.

Como se pode ver, é baixo o emprego de *então* pelas pessoas pertencentes à classe C, sobretudo nas duas faixas etárias das extremidades. O uso desse item ocorre entre os falantes pertencentes à faixa etária intermediária. Esse fato nos leva à hipótese de que esse emprego coincide com o momento de maior atividade social, no momento em que o falante está mais integrado ao mercado de trabalho. O declive identificado no terceiro grupo de idade leva-nos a deduzir que o uso desse item lexical não estaria incorporado à linguagem desse indivíduo, mas ocorreria por influência de meio. Convivendo com uma parcela da população que emprega esse termo, o indivíduo passaria a usá-lo por influência do grupo. Isso nos sugere que há uma relação entre a seleção de *então* e a classe social, fato também apontado por Tavares (1999), num trabalho que, apesar de se desenvolver numa outra perspectiva, interessa-nos por investigar também o papel de fatores externos na seleção de itens lexicais.

Em uma abordagem funcionalista, essa autora faz um estudo sobre *aí*, *daí*, *então* e *e*, analisando a função retroativa-propulsora de informações, desempenhada na fala, por esses elementos, que funcionam como uma ponte entre o que foi e o que vai ser enunciado. Partindo do princípio de que todos esses itens compartilham essa função na fala, Tavares (1999) se propõe a fazer um estudo variacionista, com vistas a identificar se há, dentre eles, formas se especializando e que fatores externos estariam condicionando esse fenômeno. O resultado a que ela chega, dentre outras coisas, é que a escolaridade é um fator que determina escolhas: pessoas com mais escolaridade optam por *então* e *e*, enquanto os de menos escolaridade escolhem *aí* como seqüenciador.

Essas conclusões corroboram nosso ponto de vista de que há uma estreita relação entre classe social e emprego de *então*. Mas o que estaria na base dessa relação? Julgamos que esse fato pode estar relacionado a um traço bastante singular que caracteriza a palavra *então*: mesmo quando é empregada como seqüenciadora, essa palavra traz embutida a função de anunciar uma conclusão, conforme afirma Pezatti (2001, p. 62). Essa situação pode ser ilustrada como o exemplo abaixo:

- (30) ... nada derruba ... porque a gente tá sempre com aquela base de que foi muito feliz na adolescência ... na infância ... ENTÃO se hoje tem algum percalço ... alguma coisa que faz a gente sofrer ... a gente não fica pensando que foi a vida toda que a gente sofreu ... (GEB-44-928).

O que se entende é que, ao mesmo tempo em que garante a seqüência textual, o que se constata pela possibilidade de comutação com *e*, a palavra *então* anuncia uma conclusão do falante, e aceita a comutação com um elemento conclusivo. Senão, vejamos:

- (30) a. ... nada derruba ... porque a gente tá sempre com aquela base de que foi muito feliz na adolescência ... na infância ... LOGO, se hoje tem algum percalço ... alguma coisa que faz a gente sofrer ... a gente não fica pensando que foi a vida toda que a gente sofreu ...

A comutação de *então* com *logo* não provoca alterações semânticas no texto acima, o que corrobora nossa afirmação de que essa palavra tem a função de anunciar uma conclusão do falante. No entanto, pode-se questionar que a conjunção *logo* não realiza no texto um encaixe semântico perfeito, fato previsível, pois, como afirma Guimarães (2002, p. 151), as conjunções de um mesmo tipo nem sempre são substituíveis umas pelas outras. Porém, a possibilidade de se comutar *então* com *portanto* reafirma o valor conclusivo de *então* no texto acima. Observe-se:

- (30) b. ... nada derruba ... porque a gente tá sempre com aquela base de que foi muito feliz na adolescência ... na infância ... PORTANTO, se hoje tem algum percalço ... alguma coisa que faz a gente sofrer ... a gente não fica pensando que foi vida toda que a gente sofreu ...

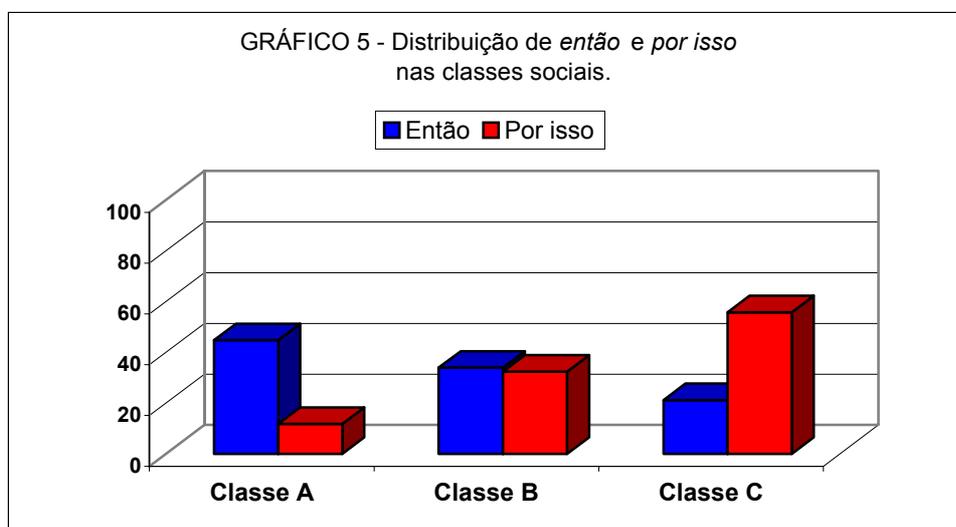
A nossa interpretação é que, o fato de *então* trazer implícita a função de anunciar uma conclusão mesmo quando é empregada, *a priori*, com outra função, explica a interdependência entre o emprego dessa palavra e a classe social. De acordo com Pezatti (2000, p. 63), a construção conclusiva estrutura-se sobre uma relação de implicação entre uma proposição antecedente e uma conseqüente, em que a primeira é uma das premissas e a segunda, a conclusão. Ora, se a relação conclusiva se estrutura sobre uma relação de inferência, esse fato pode ser favorecido pela escolaridade. Reforça essa hipótese o fato de o emprego de *então*, entre os falantes pertencentes à classe A, aumentar à medida que aumenta a faixa de idade. O pressuposto é que o aumento de escolaridade está ligado ao aumento de idade.

Julgamos oportuno reiterar que, para o agrupamento dos informantes em classes, utilizamos o Critério Brasil, que conjuga poder aquisitivo e escolaridade.

Relativamente ao item *por isso*, como se afirmou anteriormente, é pouco significativa a sua ocorrência na língua falada na comunidade de Itumbiara. No primeiro grupo de idade, essa expressão só aparece entre os falantes da classe C, mesmo assim em número bastante reduzido. No segundo grupo etário ela tem representatividade em todas as classes: 25% na A, 56,2% na B e 18,8% na C, embora também no total a ocorrência seja pouca. No terceiro grupo de idade, como se pode constatar pelo Gráfico 4 (p. 67), não há nenhuma ocorrência de *por isso* na classe A; na classe B o número de ocorrências foi de 18,2% e na classe C, 81,8%.

Esse resultado nos leva a algumas conclusões. Em primeiro lugar, parece claro que *por isso* não é uma expressão produtiva na língua oral, sobretudo entre os mais jovens. Em segundo lugar, o seu emprego, mesmo pequeno, ocorre quase apenas entre falantes das classes

B e C. A presença dessa expressão entre falantes da classe A é pouco significativa. Com base no que vimos discutindo, podemos, propor uma nova visualização desse fato.

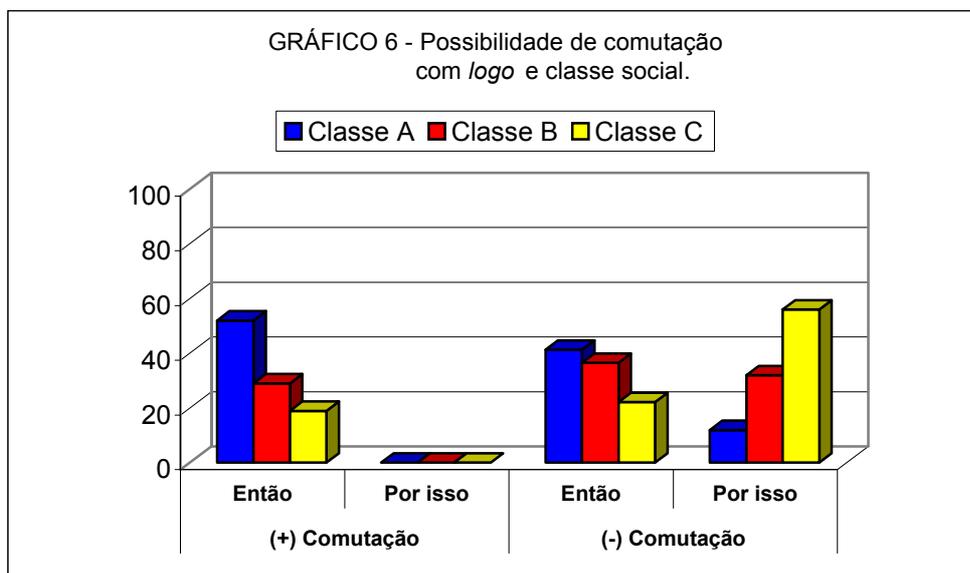


O gráfico evidencia o que já foi sugerido anteriormente: o emprego de *então* é mais acentuado na classe A, realizando um movimento decrescente em relação às classes B e C; o contrário se verifica com *por isso*, cujo emprego aumenta à medida que decresce a classe social.

Como se vê, os dados parecem apontar uma estreita relação entre o emprego desse termo e a classe social.

Porém a questão central que norteia esse trabalho é avaliar não apenas a ocorrência de *então* e *por isso* nesta ou aquela classe social, mas, sobretudo, investigar se esses dois itens se encontram de fato num processo de mudança lingüística em andamento, rumo a uma definição como conjunção conclusiva. Por isso selecionamos alguns fatores internos, mediante os quais se define o caráter dos itens em análise. O principal desses fatores é a comutação com *logo*, conjunção considerada conclusiva prototípica. Conforme estabelecido no capítulo anterior, considera-se conjunção conclusiva o termo que comuta com *logo*, na mesma posição, sem que isso provoque alterações semânticas. Como buscamos também averiguar se há relação entre a classe social e a seleção de *então* ou *por isso* como conjunção ou advérbio, realizamos o

cruzamento desses dois fatores. Os dados nos revelam que, com relação à palavra *então*, não é grande a sua incidência como conjunção. Fazendo um confronto entre [+Comutação] e [-Comutação], percebemos que a ocorrência de [-Comutação] é mais significativa, o que, porém, não nos autoriza a afirmar que os resultados de [+Comutação] sejam irrelevantes no quadro geral. Pelo contrário, apontam, na nossa opinião, para uma mudança em estágio considerável. Vejamos o Gráfico abaixo:



Uma leitura horizontal dos dados, observando a distribuição de [+Comutação] em classes sociais, revela que o maior índice se encontra na classe A, o que reitera nossa interpretação, já antes mencionada, da inter-relação entre o uso de *então* e classe social: as ocorrências de *então* comutável com *logo* apresentam um percentual de 52% na classe A, 29% na classe B e 19% na classe C. Veja-se que o percentual apresentado na classe A é maior que a soma dos que aparecem nas classe B e C.

Quando se faz uma leitura de [-Comutação], a alta porcentagem localizada na classe A – 41,3% – pode sugerir, num primeiro momento, a idéia de que há aí um contra-senso, em comparação com os dados de [+Comutação]. Na verdade, esse fato se explica por ser mais elevado o emprego de *então* na classe A. Além do mais, conforme os dados nos revelam, o

total de [-Comutação] é bem superior ao de [+Comutação], o que resultará em percentuais elevados de um modo geral: 36,5% na classe B e 22,2% na classe C.

Por outro lado, se é relativamente baixo o percentual que indica a possibilidade de se comutar *então* com *logo*, há nesse item certas características que o aproximam da conjunção.

Vejam-se alguns casos:

- (31) ... eu nunca tive problema forte de ... problema sério de doença ... eu nunca tive ... ENTÃO eu não sabia como me portar ... (ALE-17-581)

No exemplo acima, a comutação com *logo* é perfeitamente possível:

- (31) a. ... eu nunca tive problema forte de ... problema sério de doença ... eu nunca tive ... LOGO eu não sabia como me portar ...

Observe-se que o exemplo acima se encaixa perfeitamente na estrutura silogística que, conforme Guimarães (2002), caracteriza as construções conclusivas. É possível, a partir do texto do informante, fazer o resgate de sua premissa maior:

- (31) b. (Todo mundo que já teve problema sério de doença sabe como se portar – premissa maior).  
(Ora) eu nunca tive problema de ... problema sério de doença ... eu nunca tive ... LOGO eu não sabia como me portar ...

O mesmo acontece no exemplo abaixo:

- (32) ... a anemia nunca vai dar leucemia ... cê fala assim: cê tem anemia ENTÃO cuidado que você vai ter uma leucemia ... isso não existe. (ALE-17-604)

Veja-se que a comutação é possível:

- (32) a. ... a anemia nunca vai dar leucemia ... cê fala assim ... cê tem anemia LOGO cuidado que você vai ter uma leucemia ... isso não existe ...

Observe-se agora (33) a seguir:

- (33) ... eu respondia ... eu respondia ... levava tapa na boca ... e ia me bater eu reagia. Ela me jogava no chão ... jogava no chão pra mostrar que ela podia mais e era pra eu ter respeito ... ENTÃO eu trago isso sabe .... (CEL-33-820)

Em (33) a comutação de *então* com *logo* não é possível, o que distancia esse termo do caráter conjuncional. Por outro lado, a clivagem também não é possível.

- (33) a.\* ... eu respondia ... eu respondia ... levava tapa na boca ... e ia me bater eu reagia. Ela me jogava no chão ... jogava no chão pra mostrar que ela podia mais e era pra eu ter respeito ... É ENTÃO QUE eu trago isso sabe ...

Assim como no exemplo acima, na grande maioria das ocorrências, *então* resiste à clivagem. Em alguns casos essa clivagem até seria possível, mas com alterações semânticas, ficando o texto com mais de uma possibilidade de leitura. Observe-se a situação abaixo:

- (34) ... você vai juntando isso em símbolo ... quando você acorda está mais leve ... porque tudo é uma questão do seu cérebro ter guardado que o vermelho com o branco é o bom ... ENTÃO você pega e enche o vermelho de bom .... (MEL-14-217)

Realizando-se a clivagem teremos:

- (34) a. ... você vai juntando isso em símbolo .. quando você acorda você está mais leve ... porque tudo é uma questão de seu cérebro ter guardado que o vermelho com o branco é o bom .. É ENTÃO QUE você pega e enche o vermelho de bom ....

A leitura que o texto permite, após a clivagem, é absolutamente temporal: “É nesse momento que você pega e enche o vermelho de bom [...]”. Porém, lendo o texto no original, ficamos com a sensação de que não é essa única idéia veiculada por *então*. Mesclada à idéia de temporalidade, há também uma idéia de consequência ou efeito, que desaparece quando se efetua a clivagem.

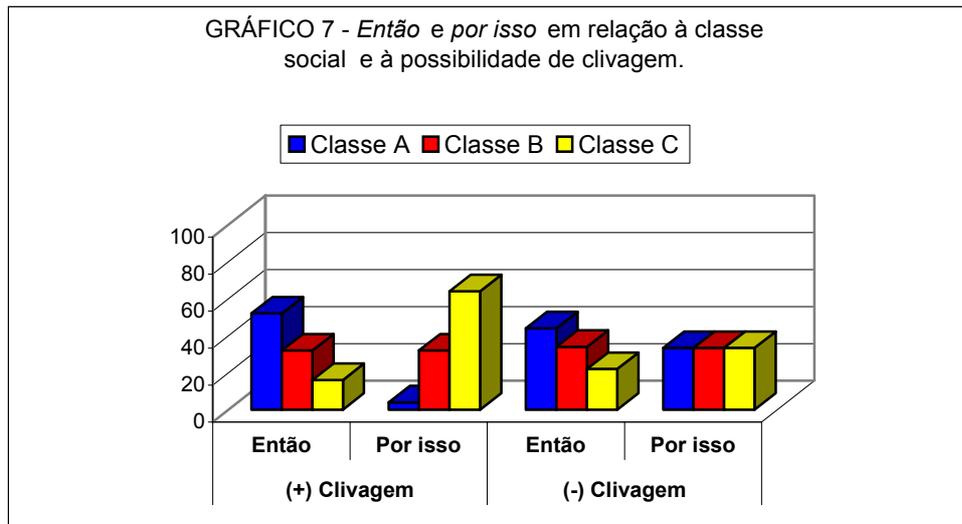
Poucas foram as ocorrências na língua falada em que a clivagem de *então* realiza-se sem comprometimento semântico, como em (35):

(35) ... miudinha como sempre sou né ... ENTÃO chegando lá a diretora disse que ainda não podia .... (MB-01-07)

Veja-se:

(35) a. ... miudinha como sempre sou né ... FOI ENTÃO QUE chegando lá a diretora disse ainda não podia ...

A resistência à clivagem é um traço característico das conjunções. E se observarmos o Gráfico 7, os dados nos revelarão que é muito baixo o índice de *então* com possibilidade de clivagem. Se fizermos uma leitura horizontal dos resultados de [+Clivagem], ficaremos num primeiro momento com a impressão de que esse fato é recorrente com esse item, pois os percentuais são elevados: 52% para a classe A, 32% para a classe B e 16% para a classe C. É importante, porém, lembrarmos que o número de ocorrências de [+Clivagem] é muito baixo. Observe-se o gráfico a seguir:



Observando o item *por isso* pelos mesmos aspectos sob os quais enfocamos *então*, parece-nos poder afirmar que essa expressão segue na língua um rumo diferenciado do de *então*.

Conforme dados do Gráfico 6 (p. 72), foi nulo o emprego dessa expressão com possibilidade de comutação com *logo*. Isso nos revela que, de acordo com os parâmetros definidos no capítulo anterior, essa expressão não se comporta como conjunção conclusiva. Fazendo a leitura horizontal do Gráfico 6 observamos, em [-Comutação], que o maior emprego de *por isso* ocorre entre pessoas pertencentes à classe C. Observemos os percentuais: 12% na classe A, 32% na classe B e 56% na C.

Um outro ponto que reforça o caráter não-conjuncional de *por isso* no PB oral, no recorte realizado é a grande predisposição que esse item apresenta para a clivagem. Vejamos um exemplo:

(36) ... casamento é um só ... POR ISSO estou sozinha .... (MACR-39-871)

(36) a. ... casamento é um só ...] É POR ISSO QUE estou sozinha [...].

Como se vê, a clivagem realiza-se sem provocar nenhuma alteração semântica no texto original. Aliás, um fato curioso foi identificado: em grande parte das ocorrências, *por isso* já vem clivado na fala. É o que se vê em (37) e (38) abaixo:

(37) ... a gente estudava na fazenda ... entrei cedo ... É POR ISSO QUE eu vim e parei ... porque quando a gente veio para cá aí eu continuei ... (IVS-15-223)

(38) ... você pode ficar esperando ... agora cê já pensou ... uma pessoa faz uma coisa errada ... penso assim: não ... não vou dizer isso porque não dá certo ... É POR ISSO QUE acontece ... porque é quando você tá tranquilo ... (MAS-24-675)

Em muitos casos essa expressão apareceu parcialmente clivada, como em (39):

(39) ... todo dia ela chegava lá em casa minha mãe cheirava o rosto dela ... batia nela ... e ela fumava de novo ... POR ISSO QUE eu tô falando ... eu nunca fumei .... (ROB-20-626)

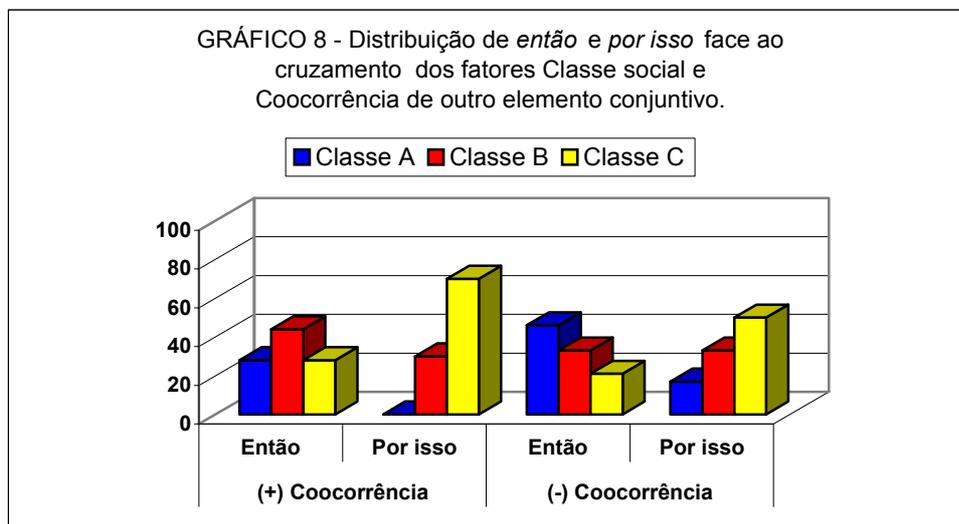
Um outro dado curioso, que aponta mais uma vez para a relação entre classe social e o emprego desses itens, é o fato de a maior incidência de clivagem ocorrer na classe C. Observemos os resultados no Gráfico 7 (p. 76): 4% na classe A, 32% na B e 64% na C. Quanto às ocorrências em que não é possível a clivagem, não se registram divergências entre as classes. Os percentuais distribuem-se igualmente nas três classes: 33%.

Considerando tudo que vimos discutindo, parece-nos não ser precipitado afirmar que há uma estreita relação entre o emprego desses dois itens – *então* e *por isso* – e a classe social. Porém, é importante introduzirmos um outro ponto nessa discussão. Conforme Bechara (2003) e Pezatti (2000), uma verdadeira conjunção não aceita ser precedida de uma outra conjunção. Foi devido a isso que selecionamos como um de nossos fatores internos a coocorrência com elemento conjuntivo, como ficou estabelecido no capítulo anterior. Assim, a presença de uma conjunção junto de *então* ou de *por isso* descaracteriza esses elementos como conjunção naquele contexto. É o que ocorre nas situações abaixo:

- (40) ... eu perdi minha mãe eu estava com 11 anos de idade ... MAS ENTÃO tem umas lembranças que é até bom a gente contar .... (NAM-06-35)
- (41) ... eu oriento as pessoas a dizer ... a pedir desculpas OU ENTÃO traga notícias boas ... (MEL-14-197)
- (42) ... a gente chegava ... entregava na mão da minha mãe e ela pagava o aluguel ... que nós viemos para a cidade morando numa casa muito boa E ENTÃO naquela época era 80 cruzeiros o aluguel .... (ROH-41-887)
- (43) ... me criei trabalhando ... não sobrava tempo E NEM POR ISSO eu não estudava ... (JOL-07-68)

Observe-se que em nenhum dos casos apontados, *então* ou *por isso* aceitam comutação com *logo*. Além do mais, o valor semântico que permanece é o da conjunção que os precede.

Além de investigarmos sobre a presença ou não de conjunção precedendo *então* e *por isso*, procuramos detectar se há alguma relação entre a coocorrência de conjunção juntamente com esses itens e a classe social. Para tanto, realizamos o cruzamento desses dois fatores e o resultado pode ser observado no Gráfico 8, a seguir:



O primeiro ponto que precisa ser ressaltado é que estamos nesse momento lidando com os dados da língua oral PB, já que é sobre ele que incidem os fatores externos. Ora, dentro desse recorte, a leitura do Gráfico 8 revela que é pouco significativa a presença de elementos

conjuntivos coocorrendo com *então* ou/ou *por isso*. Uma leitura vertical do Gráfico focalizando os totais de [+Coocorrência] e [-Coocorrência] nos mostra que os percentuais são maiores em [-Coocorrência], sobretudo com relação a *então*.

Porém, uma leitura horizontal permite-nos uma visão mais clara desse fato com relação às classes sociais. Observando a situação de *então*, vê-se que a maior incidência de elemento conjuntivo junto dele se dá na classe na B: 44%. Já nas classes A e C, o percentual é o mesmo: 28%. Essa equivalência de percentuais em duas classes extremas nos sugere, num primeiro momento, que esse fator externo não é relevante para a determinação de elemento conjuntivo junto de *então*. Mas a leitura de [-Coocorrência] traz um dado curioso: a maior rejeição à conjunção localiza-se na classe A, onde o percentual é de 46%. A classe B apresenta uma porcentagem de 33%, enquanto o menor índice de [-Coocorrência] se encontra na classe C: 21%.

Em relação a *por isso*, os dados constantes no Gráfico 8 nos revelam que, mesmo sendo pequena a incidência de elemento conjuntivo junto desse item, o percentual é mais elevado na classe C. Observem-se os índices em [+Coocorrência]: 0% na classe A, 30% na classe B e 70% na classe C.

De tudo que foi apresentado relativamente à presença ou não de conjunção junto a *então* e *por isso*, é preciso que resgatemos alguns pontos que consideramos centrais: i) É muito baixa a coocorrência de elemento conjuntivo junto de *então*; ii) o índice de [-Coocorrência] de elemento conjuntivo é maior na classe A e menor na classe; iii) é alto o percentual que indica [+Coocorrência] junto a *por isso*; iv) a maior porcentagem de [+Coocorrência] junto a *por isso* localiza-se na classe C.

Esses resultados precisam ser confrontados com outros que vimos anteriormente: i) o item *então* apresenta um percentual relativamente significativo de [+Comutação] com *logo* e o mais elevado concentra-se na classe A (conforme Gráfico 6, p. 72); ii) *por isso* apresenta índice nulo de [+Comutação] com *logo*; iii) *por isso* apresenta percentual elevado de

[- Comutação] com *logo* e o mais alto encontra-se na classe C; iv) o item *então* rejeita a clivagem na grande maioria dos casos e o maior índice de rejeição está na classe A (conforme Gráfico 7, p. 76) ; v) *por isso* é sensível à clivagem e o maior índice localiza-se na classe C.

Todos esses pontos levantados nos induzem a afirmar que é inegável a relação existente entre a seleção desses itens como conjunção ou como advérbio e a classe social.

Os resultados apresentados até aqui apontam para uma mudança de *então* rumo a uma especialização como conjunção. Essa mudança, embora não se encontre tão avançada, está se manifestando na classe A.

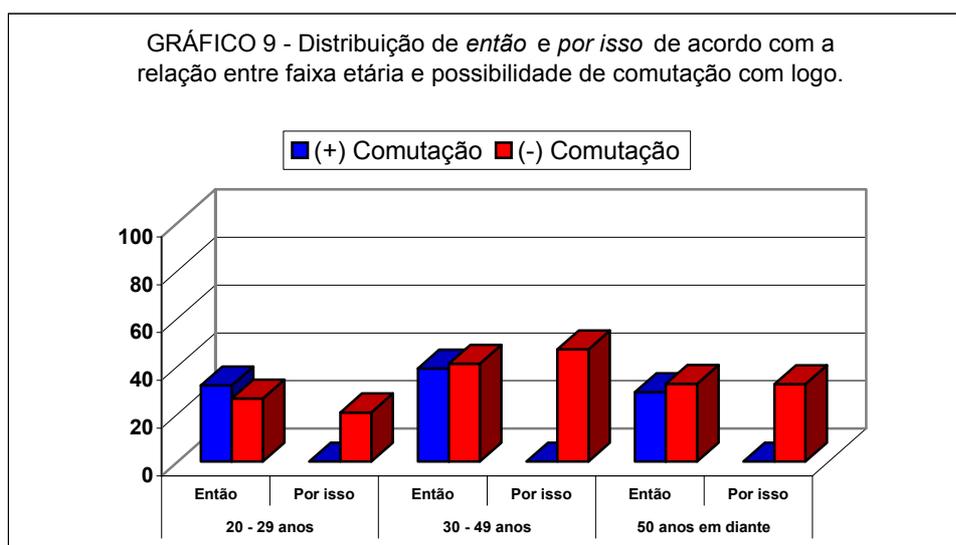
Por outro lado, todos os pontos que arrolamos acima nos dão a sustentação para afirmar que, contrariamente a *então*, *por isso* emprega-se mais como advérbio e seu emprego se acentua na classe C.

No início desta seção abordamos rapidamente a faixa etária quando falamos da distribuição de *então* e *por isso* mediante o cruzamento dos fatores classe social e faixa etária. Na seção seguinte retomamos esse tópico e mostramos os resultados do cruzamento desse fator externo com alguns fatores internos que consideramos fundamentais no nosso estudo.

### **3.3 A relação entre a faixa etária e o emprego de *então* e *por isso***

Nesta seção apresentamos os dados relativos ao cruzamento do fator externo faixa etária com três fatores internos: comutação com *logo*, clivagem e coocorrência com elemento conjuntivo. Fizemos esse recorte por serem esses três fatores internos os fundamentais na definição de um item como conjunção ou não. Além do mais, em outros momentos do trabalho teremos oportunidade de discutir o universo total que compôs a base empírica de nosso estudo e, nesse momento, retomamos outros pontos que foram também considerados, conforme estabelecido no capítulo anterior.

Tomemos inicialmente a distribuição de *então* e *por isso* observando a relação faixa etária e a possibilidade de comutação com *logo*. Conforme evidencia o Gráfico 9, a seguir, o índice de ocorrências em que há possibilidade de comutações com *logo* é pequeno em relação a *então* e nulo em relação a *por isso*. Essas ocorrências de *então* comutável com *logo* são pequenas, mas significativas dentro do *corpus*, sobretudo se considerarmos que há muitos casos em que o valor semântico é conclusivo, mas a comutação com *logo* é impossível, ou pela posição – lembremos que essa conjunção só ocupa a posição inicial na oração a que pertence –, ou pelo fato de as conjunções nem sempre serem substituíveis umas pelas outras, conforme afirma Guimarães (2002, p. 151). Vejamos o Gráfico:

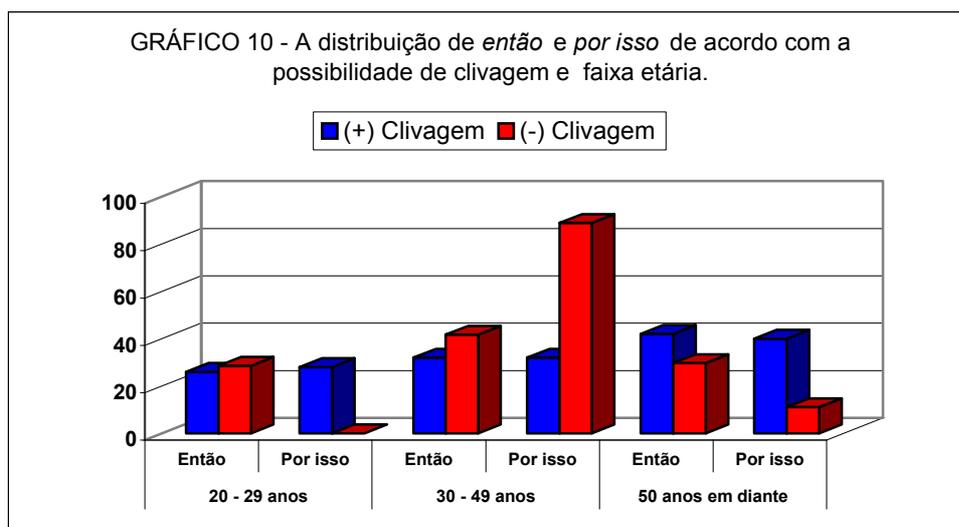


O Gráfico 9 nos mostra que a maior incidência de *então* comutável com *logo* encontra-se no segundo grupo etário e o menor, no terceiro. Esses dados reforçam a nossa interpretação de que esse item se encontra em processo de mudança, ainda mais se observarmos que o índice de ocorrência no primeiro grupo etário é pequeno, mas é superior ao que ocorre no terceiro grupo, o que aponta um movimento ascendente do fenômeno, ou seja, o emprego de *então* comutável por *logo* e, portanto, de valor conjuncional, está em processo de crescimento. A leitura horizontal do Gráfico acima nos mostra os percentuais de [+Comutação]: 31,9% para o primeiro grupo etário, 39% para o segundo e 29,1% para o terceiro.

O Gráfico 9 revela também que em [-Comutação], o emprego de *então* é o mais elevado no segundo grupo etário: 41%, enquanto no primeiro é de 26,4% e no terceiro, 32,6%. Na nossa interpretação isso não significa uma contradição à idéia de mudança, porque, conforme já apontamos na seção anterior, o emprego de *então* é mais significativo entre os falantes do segundo grupo etário, qualquer que seja seu valor sintático-semântico.

Já a expressão *por isso*, que, em nenhuma ocorrência do *corpus* de língua oral do PB é comutável como *logo*, apresenta o índice mais alto de [-Comutação] também na segunda faixa etária. Apesar de a representação no gráfico sugerir uma ocorrência pouco significativa, vale a pena observar como esses dados se distribuem em termos percentuais nas três faixas etárias. Conforme podemos ver pelo Gráfico 9, *por isso* teve em [-Comutação] 20,6% de ocorrência no primeiro grupo etário, 47% no segundo e 32,4% no terceiro.

Com relação à clivagem, já apontamos em momento anterior que a palavra *então*, ao contrário de *por isso*, manifesta grande resistência a ela. Observando-se esse fenômeno em relação à faixa etária o que se nota, tanto em relação a *então* como a *por isso*, é uma linha ascendente: à medida que aumenta a faixa, aumenta a porcentagem de casos em que a clivagem é possível. É o que se pode ver no Gráfico abaixo:



Relativamente a *então*, mesmo o total de casos de [+Clivagem] sendo pouco significativo, o índice mais elevado que se observa é no terceiro grupo etário, onde se registram 42%. Por

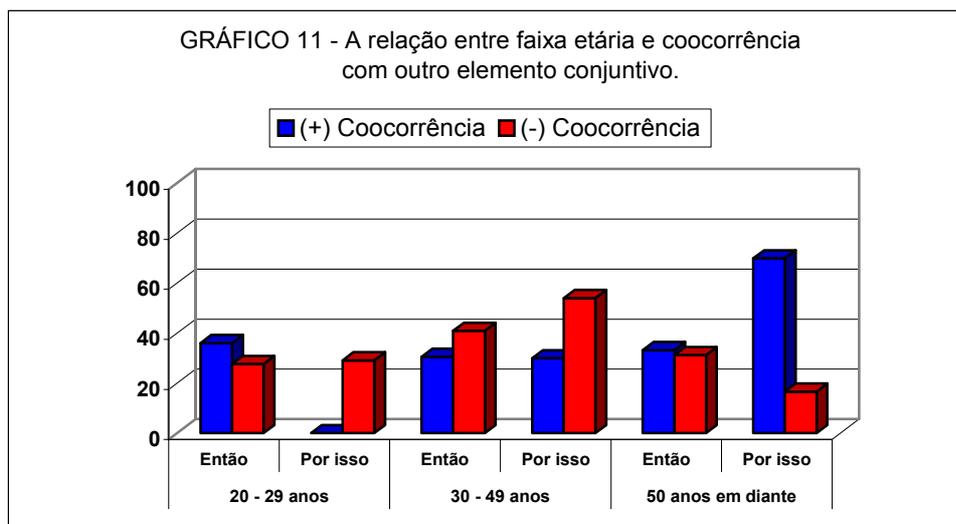
outro lado, além de o número de ocorrências com rejeição à clivagem serem altos, os índices de [-Clivagem] são significativos em todas as faixas etárias: 28,6% no primeiro grupo, 41,7% no segundo e 29,7% no terceiro. Esses dados parecem confirmar a nossa hipótese de mudança em andamento. A população mais jovem, que via de regra acelera um processo de mudança, emprega esse item com valores que rejeitam a clivagem e isso é um ponto favorável ao caráter conjuncional. De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (1968, p. 187-188). “Fatores lingüísticos e sociais encontram-se intimamente relacionados no desenvolvimento da mudança lingüística”.<sup>9</sup> Nesse caso, pode-se afirmar que temos a conciliação das duas situações – fatores externos (sociais) e internos, favorecendo o processo de mudança.

Por seu turno, a expressão *por isso* é empregada, sobretudo, por falantes do segundo e terceiro grupos de idade, o que revela sua baixa produtividade entre as camadas mais jovens. Os índices de [+Clivagem] apontados no Gráfico 10 revelam essa ascendência: 28% no primeiro grupo etário, 32% no segundo e 40% no terceiro. É interessante retomar aqui que a ocorrência de *por isso* concentra-se principalmente na linguagem dos falantes pertencentes às classes B e C, onde, conforme já se apontou antes, é maior a incidência de clivagem. O conjunto dessas características parece apontar para um distanciamento de *por isso* do comportamento conjuncional.

Observemos, por fim, a relação entre coocorrência de elemento conjuntivo e faixa etária. Como já mencionamos antes, no total geral das ocorrências, é pouco significativa a presença de elemento conjuntivo junto a *então* e *por isso*. O Gráfico 11, a seguir, nos dá uma visão mais clara do fenômeno.

---

<sup>9</sup> “Linguistic and social factors are closely interrelated in the development of language change.”



Considerando, primeiramente, o item *então*, verifica-se que os índices que indicam [+Coocorrência] apresentam-se equilibrados nos grupos etários: 36,1% no primeiro grupo, 30,6% no segundo e 33,3% no terceiro. Como se vê, os poucos casos de elemento conjuntivo coocorrendo com *então*, que tiveram representação nos dados, distribuem-se por todos os grupos etários, numa proporção equivalente, o que nos leva a deduzir que não há muita relação de dependência entre os dois fatores.

Já em [-Coocorrência], o Gráfico 11 assinala um leve aumento no segundo grupo etário: 41%, ao passo que no primeiro grupo esse índice é de 27,7% e no terceiro, 31,4%. Como já mencionamos antes, esse fato se explica por estar concentrado nessa faixa etária o maior número de empregos de *então*, o que provoca aumento no percentual.

Em relação a *por isso*, o Gráfico nos mostra um percentual de 30% de [+Coocorrência] no segundo grupo etário e de 70% no terceiro. Embora esses percentuais sejam altos, é preciso lembrar que o número de ocorrências de *por isso* no total do *corpus* é bastante reduzido, bem como o total de [+Coocorrência]. Os casos de [-Coocorrência] de elemento conjuntivo junto a *por isso* distribuem-se nos grupos etários da seguinte maneira: 29,2% no primeiro grupo, 54,1% no segundo e 16,7% no terceiro.

Chamamos a atenção para alguns aspectos relevantes: embora os casos de [+Coocorrência] de elemento conjuntivo junto a *por isso* sejam poucos dentro do *corpus*, esse item revela grande aceitação à presença de conjunção antecedente, conforme veremos mais adiante.

Um outro ponto digno de nota é o fato de o menor índice de [-Coocorrência] de elemento conjuntivo junto a *por isso* dar-se no terceiro grupo etário.

Procuramos, nesta seção e na anterior, tecer algumas considerações sobre o *corpus* da língua falada no PB porque, como se disse antes, é sobre ele que incidem os dois fatores externos considerados. Nas seções seguintes procedemos à discussão dos dados totais que compõem a pesquisa. Com o objetivo de assegurar a clareza na exposição e discussão dos dados, consideramos um fator interno de cada vez, mostrando os resultados de seu cruzamento com os demais. Dessa forma, nosso primeiro foco será a possibilidade de comutação com *logo*.

### **3.4 A comutação de então e *por isso* com *logo*, mediante o cruzamento com outros fatores internos**

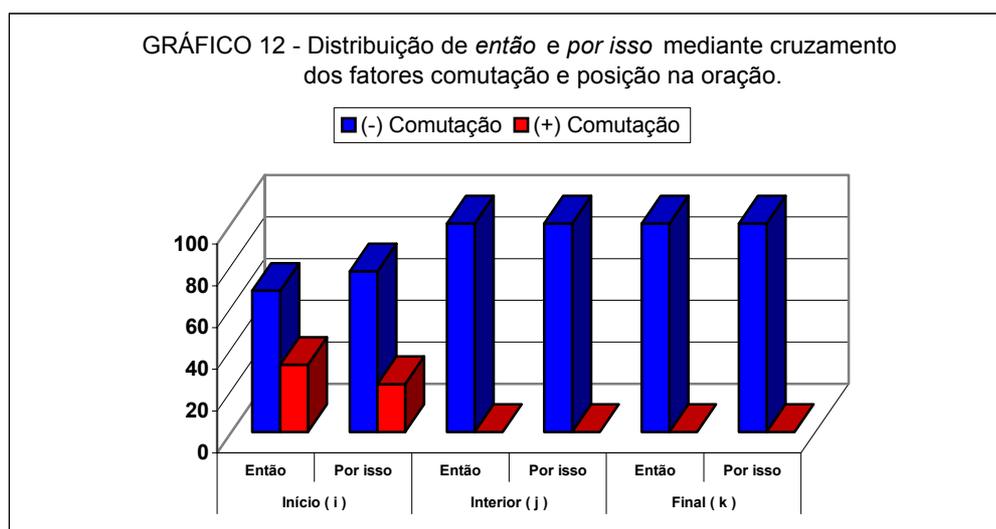
Como já se abordou antes, de acordo com Pezatti (2000) e (2001), a conjunção *logo* é a conjunção conclusiva prototípica. O que garante essa prototipicidade são alguns parâmetros básicos, dentre os quais a ausência de mobilidade, a ocupação da posição inicial na oração a que pertence e a rejeição à presença de outra conjunção antecedente.

Adotamos nesse trabalho a possibilidade de comutação com *logo* como um dos principais traços caracterizadores de conjunção e o confrontamos com outros. Como nossos dados estatísticos provieram do pacote do Varbrul, aproveitamos a distribuição combinatória feita por esse programa para analisar os dados. Assim, apresentamos nesta seção o resultado do cruzamento desse fator com outros: Posição na oração, Clivagem, Coocorrência com

elemento conjuntivo, Valor sintático-semântico, Modalidades da língua e Variedades do Português.

Observemos, primeiramente o cruzamento dos fatores Comutação com *logo* e Posição na oração. É interessante apontar que, na maioria das ocorrências, tanto *então* como *por isso* se encontram na posição inicial da oração. E somente com os itens que se encontram nessa posição há possibilidade de ocorrer comutação com *logo*, uma vez que, pela sua própria natureza, essa conjunção conclusiva só ocupa a posição inicial na oração. Com os itens que aparecem nas outras posições não é possível, naturalmente, realizar-se a comutação.

Observe-se o Gráfico abaixo:



Como se pode ver, dentre as ocorrências de *então* em posição inicial, foi possível realizar-se a comutação com *logo* em 32,2% dos casos, o que é um percentual significativo.

A análise dos dados revelou também que, com o item *por isso*, apenas 23% dos casos foram passíveis de comutar-se com *logo*.

- (44) A Câmara de Gondomar só faz obras que pode pagar e, ao contrário de outros municípios, cumpre regularmente os pagamentos de seus fornecedores. POR ISSO a travessia para a outra margem terá de esperar. (JN-A81-769)

No caso de (44) acima a comutação com *logo* é possível:

- (44) a. A Câmara de Gondomar só faz obras que pode pagar e, ao contrário de outros municípios, cumpre regularmente os pagamentos de seus fornecedores. LOGO a travessia para a outra margem terá de esperar.

Porém o mesmo não acontece com (45), em que *por isso* se encontra no interior da oração, situação, aliás, muito freqüente no PE.

- (45) Os congressos do PS e do PCP constituem, a vários títulos, pontos privilegiados da agenda política. Justificam, POR ISSO, a atuação sobre a forma do debate. (JN-A130-776)

Veja-se que a comutação resulta numa construção agramatical:

- (45) a\*. Os congressos do PS e do PCP constituem a vários títulos, pontos privilegiados da agenda política. Justificam, LOGO, a atuação sobre a forma do debate [...].

Vale a pena ressaltar que o entrave à comutação no caso de (45) é a posição, uma vez que o valor sintático-semântico de *por isso* no contexto é de conclusão. Tanto que a comutação com *portanto* é totalmente adequada, e não provoca nenhuma alteração no sentido. Isso é, a nosso ver, uma das explicações para o baixo índice, sobretudo de *então*, comutável com *logo* no PE, variedade em que é significativo o seu emprego com valor conclusivo, mas em posição não-inicial, como se vê em:

- (46) Não comia porque queria levar toda a comida para o irmãozito, que passava mais fome do que ele. Ele sempre arranjava maneira de procurar alguma comida, pouca e má que fosse, mas o irmão ... O senhor enterneceu-se e a esmola teve ENTÃO razão e sação ... (JN-A130-778)

Observe-se que a comutação com *portanto* é possível, mas o mesmo não acontece com *logo*:

- (46) a Não comia porque queria levar toda a comida para o irmãozito, que passava mais fome do que ele. Ele sempre arranjava maneira de procurar alguma comida, pouca e má que fosse, mas o irmão ... O senhor enteneceu-se e a esmola teve PORTANTO razão e sação...
- (46) b\* Não comia porque queria levar toda a comida para o irmãozito, que passava mais fome do que ele. Ele sempre arranjava maneira de procurar alguma comida, pouca e má que fosse, mas o irmão ... O senhor enteneceu-se e a esmola teve LOGO razão e sação...

Observe-se agora o exemplo:

- (47) Toda a gente sabe que são as tropas de Bashir que apóiam Janjawid. ENTÃO, se assim é, continua a ser muito estranho que não se faça nada. (JN-A96-774)

Neste caso, a comutação com *logo* é perfeitamente possível:

- (47) a. Toda a gente sabe que são as tropas de Bashir que apóiam os Janjawid. LOGO, se assim é, continua a ser muito estranho que não se faça nada.

Passemos ao cruzamento dos fatores Comutação com *logo* e Clivagem.

Em princípio são situações excludentes: o item que comuta com *logo*, em tese, resiste à clivagem. Isso porque a clivagem é um traço [-conjuncional] e [+adverbial]. Assim sendo, o termo que é passível de ser clivado está mais próximo de advérbio que de conjunção, enquanto o que comuta com *logo* aproxima-se, ou melhor dizendo, comporta-se como conjunção. Vejamos o que ocorre em (48), abaixo:

- (48) ... o adulto assume o risco e é responsável pelos seus atos e o menor não ... o pai é que fica responsável pelos atos do menor ... se acontece alguma coisa com a criança o pai é responsável ... se a criança faz alguma coisa ... o responsável é o pai. ENTÃO é um cuidado que o pai tem que ter pelos dois ... (ARC-31-749).

O que se constata é que item *então*, em (48) aceita a comutação com *logo*:

- (48) a. ... o adulto assume o risco e é responsável pelos seus atos e o menor não ... o pai é que fica responsável pelos atos do menor ... se acontece alguma coisa com a criança o pai é responsável ... se a criança faz alguma coisa o responsável é o pai. LOGO é um cuidado que o pai tem que ter pelos dois ...

A comutação de *então* com *logo* realiza-se perfeitamente. Isso implica uma impossibilidade de clivagem. Vejamos:

- (48) b.\* ... o adulto assume o risco e é responsável pelos seus atos e o menor não ... o pai é que fica responsável pelos atos do menor ... se acontece alguma coisa com a criança o pai é responsável ... se a criança faz alguma coisa o responsável é o pai. É ENTÃO QUE é um cuidado que o pai tem que ter pelos dois ...

Em (48), a clivagem de *então* provocou agramaticalidade no texto. Nem sempre, porém, o efeito é esse. Em muitos casos analisados, a clivagem de *então* era possível num mesmo texto em que era também possível a comutação com *logo*, mas com alteração semântica, como acontece em (49):

- (49) ... eu tinha tanta coisa pra falar ... tanta coisa pra dizer pra alguém ... pra falar pra outra pessoa ... que eu falei: gente ... se eu morrer agora ... e se não der tempo? ENTÃO o que mais me doeu foi não trabalhar esse meu lado entendeu? Esse lado durão ... (ALE-17-583).

Embora o exemplo não apresente a estrutura silogística canônica que caracteriza uma construção conclusiva, é possível realizar-se a comutação com *logo*, sem que isso provoque agramaticalidade. Senão, vejamos:

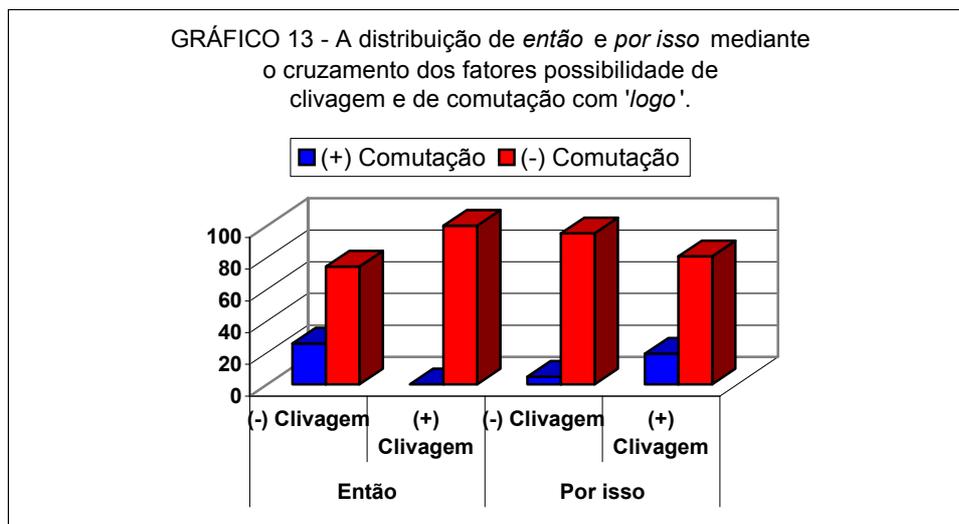
- (49) a. ... eu tinha tanta coisa pra falar ... tanta coisa pra dizer pra alguém ... pra falar pra outra pessoa ... que eu falei: gente ... se eu morrer agora ... e se não der tempo? LOGO o que mais me doeu foi não trabalhar esse meu lado entendeu? Esse lado durão ...

A idéia de conclusão, que permite que a comutação seja possível, é confirmada pela possibilidade de substituição com *portanto*. No entanto, quando se propõe a clivagem, ela se realiza sem problemas. Vejamos:

- (49) b. ... eu tinha tanta coisa pra falar ... tanta coisa pra dizer pra alguém ... pra falar pra outra pessoa ... que eu falei: gente ... se eu morrer agora ... e se não der tempo? FOI ENTÃO QUE o que mais me doeu foi não trabalhar esse meu lado entendeu? Esse lado durão ...

A clivagem de *então* no exemplo acima é possível, como se viu, porém provoca uma redefinição de sentido, uma especialização da idéia de temporalidade que, como já vimos em capítulo 1, está sempre amalgamada a essa palavra. No caso de (49), acima, a clivagem deixa o trecho encabeçado por *então* com o sentido de “[...] *nesse momento* o que mais me doeu foi não trabalhar esse meu lado entendeu?”

Em casos como os acima não consideramos a possibilidade de comutação. Conforme se pode observar no Gráfico 13, abaixo, apenas em [-Clivagem] se localizam ocorrências de *então* com [+Comutação]: 25,8%, enquanto em [-Comutação] o percentual é de 74,2%. Em [+Clivagem], só temos ocorrências de *então* em [- Comutação].



Com o item *por isso* o Gráfico 13 apresenta uma aparente contradição: [-Clivagem], tem-se apenas 4,8% em [+Comutação] e 95,2% em [-Comutação]. Ou seja, dentre os casos em que *por isso* resistiu à comutação, resistiu também à clivagem, o que é surpreendente, já que *por isso* é consideravelmente sensível à clivagem. A análise dos dados revelou, porém, que a clivagem só se realiza com *por isso* quando esse item está em posição inicial. Isso explica essa aparente contradição.

Já os dados de [+Clivagem] revelam que 19,3% das ocorrências que aceitam clivagem aceitam também comutação com *logo*, ficando um índice de 80,7% para os casos em que a comutação não é possível. É esse ponto que causa estranhamento. Como se disse, em tese, se um item é passível de clivagem, ele não aceita comutação com *logo*. Mas vários foram os casos em que as duas situações – comutação com *logo* e clivagem – foram possíveis, como se vê em nos exemplos abaixo:

- (50) Veja que, com relação à política econômica, havia uma expectativa negativa em relação ao PT. Mas os petistas tiveram a visão necessária para perceber que o Brasil não pode viver isolado. POR ISSO, ainda que tivessem um discurso diferente, mantiveram o rumo adotado no governo anterior (V1-15-250).
- (51) A verdade é que a parceria entre China e Brasil é boa, mas limitada, seja por motivos estruturais, seja por questões circunstanciais. POR ISSO, também, é uma besteira imaginar que os dois países possam formar um eixo. (V2-42-275)
- (52) Na sociedade dos nossos dias não podemos ver os homens e as mulheres apenas como cidadãos eleitores. Eles e elas são igualmente trabalhadores ou camponeses, produtores ou consumidores, jovens, pais, mães e famílias. POR ISSO, é natural que os diferentes interesses se associem com outros na busca de soluções (JN-A10-471).
- (53) ... aqueles não têm ... espécie de civilização nenhuma; tão habituados às mães a berrarem com eles, POR ISSO a única hipótese que há é gritarmos também para eles nos ouvirem .... (PF-485-1034)

Em todas as situações apresentadas, a comutação de *por isso* como *logo* é possível, sem prejuízo de sentidos.

Observe-se:

- (50) a. Veja que, com relação à política econômica, havia uma expectativa negativa em relação ao PT. Mas os petistas tiveram a visão necessária para perceber que o Brasil não pode viver isolado. LOGO, ainda que tivessem um discurso diferente, mantiveram o rumo adotado no governo anterior (V1-15-250)
- (51) a. A verdade é que a parceria entre China e Brasil é boa, mas limitada, seja por motivos estruturais, seja por questões circunstanciais. LOGO, também, é uma besteira imaginar que os dois países possam formar um eixo.
- (52) a. Na sociedade dos nossos dias não podemos ver os homens e as mulheres apenas como cidadão eleitores. Eles e elas são igualmente trabalhadores ou camponeses, produtores ou consumidores, jovens, pais, mães e famílias. LOGO, é natural que os diferentes interesses se associem com outras na busca de soluções.
- (53) a. ...aqueles não têm ... espécie de civilização nenhuma; tão habituados às mães a berrarem com eles, LOGO a única hipótese que há é gritarmos também para eles nos ouvirem ...

Porém, em todos os casos acima, *por isso* é sensível à clivagem, com se pode constatar abaixo:

- (50) b. Veja que, com relação à política econômica, havia uma expectativa negativa em relação ao PT. Mas os petistas tiveram a visão necessária para perceber que o Brasil não pode viver isolado. FOI POR ISSO QUE, ainda que tivessem um discurso diferente, mantiveram o rumo adotado no governo anterior.
- (51) b. A verdade é que a parceria entre China e Brasil é boa, mas limitada, seja por motivos estruturais, seja por questão circunstanciais. É POR ISSO QUE, também, é uma besteira imaginar que os dois países possam formar um eixo.
- (52) b. Na sociedade dos nossos dias não podemos ver os homens e as mulheres apenas como cidadão eleitores. Eles e elas são igualmente trabalhadores ou camponeses, produtores ou consumidores, jovens, pais, mães e famílias. É POR ISSO QUE, é natural que os diferentes interesses se associem com outras na busca de soluções.
- (53) b. aqueles não têm ... espécie de civilização nenhuma; tão habituados às mães a berrarem com eles, É POR ISSO QUE a única hipótese que há é gritarmos também para eles nos ouvirem ...

Esse comportamento se deve ao fato de *por isso*, apesar de sustentar uma relação conclusiva, que expressa um nexos semântico de causa-consequência (PEZATTI, 2000, p. 63),

essa relação não se constrói sobre as relações de inferência entre premissas, como ocorre com a conclusiva prototípica *logo*.

Retomando o ponto de vista de Carone (2003, p. 58), que explica os passos que um item segue até cristalizar-se como conjunção, diríamos que esse comportamento ambíguo de *por isso* se deve ao fato de ele ainda trazer dentro de si, por meio do anafórico *isso*, a oração anterior, o que é um traço adverbial. Assim, *por isso* aceita em muitos casos a comutação com *logo* porque exprime nexos conclusivos, mas ainda está semanticamente cheio o bastante para não comportar a relação de inferência presente na conclusiva canônica.

Isso explica, a nosso ver, o fato de, em muitos casos, *por isso* aceitar a comutação com *portanto*, mas rejeitar comutar-se com *logo*. A palavra *portanto* está mais cheia semanticamente, e, conseqüentemente, mais próxima de *por isso*. O mesmo não ocorre com a palavra *logo*, que é vazia semanticamente.

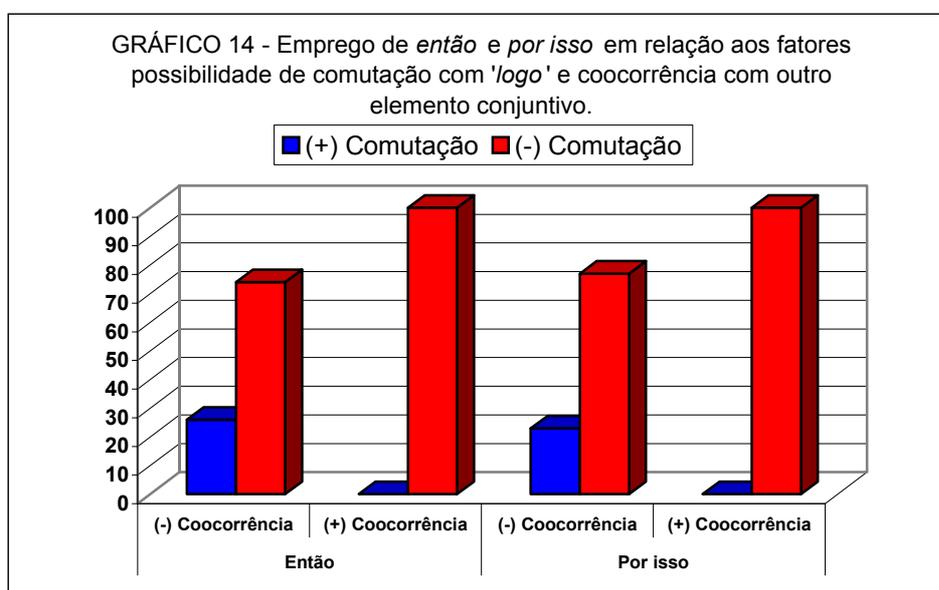
Dessa forma, carregando dentro de si a oração anterior por meio do anafórico *isso*, a expressão *por isso* mantém ainda forte característica adverbial e se apresenta bastante vulnerável à clivagem. Em grande parte das ocorrências, essa expressão já se apresentou clivada, o que foi bastante freqüente no PE, conforme se vê em (54) e (55) a seguir:

- (54) ... portanto ela não pega ... É POR ISSO QUE chamam-lhe ... eu não sei ... chamam-lhe a erva de solema .... (DP-16-554)
- (55) Os homens, é claro, nos serviços mais pesados, que as mulheres não podem fazer. Mas como geralmente os serviços aqui não são pesados, É POR ISSO MESMO QUE temos menos homens e muito mais mulheres. (PF-147-1006)

A grande ocorrência, no PE, de *por isso* empregado já clivado, ou focalizado por meio de advérbios, está diretamente ligada ao baixo índice desse item comutável com *logo* nessa variedade do português, como se verá adiante.

O cruzamento dos fatores Comutação com *logo* e Coocorrência com elemento conjuntivo não acrescenta informações novas aos resultados já apresentados até aqui pelo fato de serem excludentes: a presença de uma conjunção junto a *então* ou *por isso* tira-lhes o valor conjuncional, a menos que tenham funções diferentes. E, conseqüentemente, havendo a presença de conjunção, não haverá possibilidade de comutação.

Contudo, é interessante analisarmos o resultado do cruzamento desses fatores e observamos como os itens *então* e *por isso* se distribuem em relação a eles. Observe-se o Gráfico abaixo:



De acordo com o Gráfico 14, do total de ocorrências de *então* com [-Coocorrência], apenas 26% apresentam possibilidade de comutar-ser com *logo*. Já com o item *por isso*, o percentual de [-Coocorrência] comutável com *logo* é de 23%.

Há dois aspectos relevantes nesta questão. O primeiro é que a conjunção que mais aparece no *corpus* precedendo esses dois itens é a aditiva *e*, seguida da conjunção *ou*, no caso específico de *então*. O segundo é que, embora o percentual que indica [+Coocorrência] de elemento conjuntivo junto de *por isso* não seja tão significativo, na grande maioria dos casos

essa expressão aceita ser precedida da aditiva *e*, o que revela sua característica adverbial. Esse aspecto foi também identificado por Pezatti (2001).

Observe-se o exemplo a seguir:

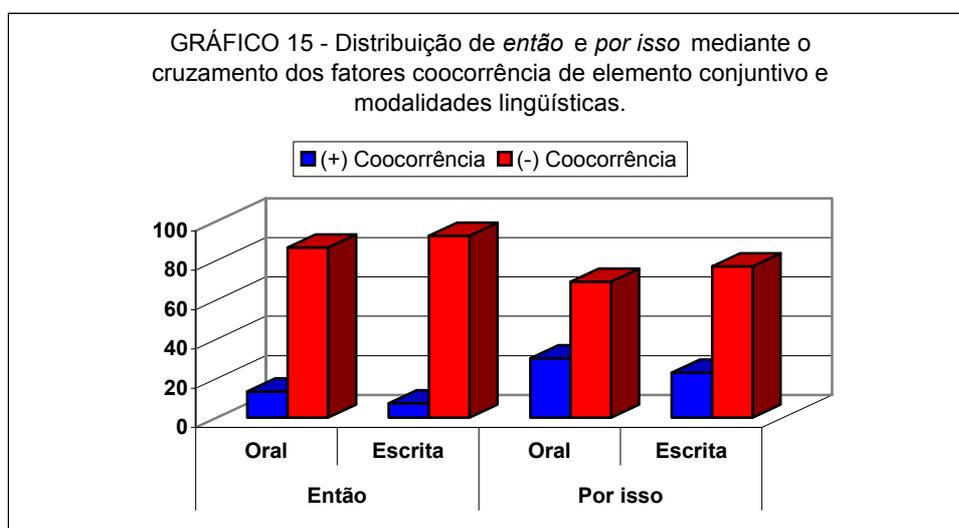
- (56) Educar é uma missão que começa em casa e continua na sala de aula. POR ISSO, pais e filhos devem ter muito critério escolha de uma escola. (V20-69-526)

Em (56) acima, é perfeitamente aceitável uma aditiva *e* antes de *por isso*:

- (56) a. Educar é uma missão que começa em casa e continua na sala de aula. E POR ISSO, pais e filhos devem ter muito critério na escolha de escola.

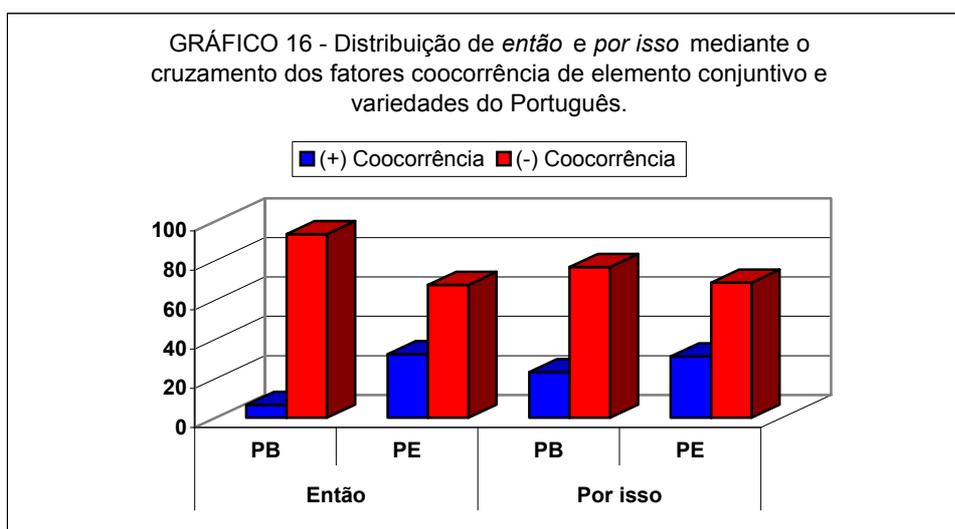
O exemplo (56) é um típico caso do comportamento ambíguo de *por isso*, apontado em páginas anteriores: ao mesmo tempo em que aceita comutar-se com *logo* é sensível também a clivagem e à presença de conjunção antecedente.

É interessante observamos como acontece a coocorrência de elemento conjuntivo em relação às modalidades da língua. Vejamos o Gráfico 15 a seguir:



A análise dos dados nos revela que *então* vem precedido de conjunção em 13,4% de suas ocorrências na língua oral e em 7,3% das ocorrências na língua escrita. O item *por isso*, sua vez aparece precedido de conjunção em 30,2% dos casos na língua oral e em 23% na língua escrita.

Esses dados reforçam o que vimos apontando: a maior predisposição que *por isso* apresenta para aceitar conjunção antecedente, traço que o aproxima da situação de advérbio. Um dado que chama a atenção é o fato de a ocorrência de elemento conjuntivo ter um percentual mais elevado no fala, tanto com *então* como com *por isso*. Observemos agora o Gráfico 16, que mostra essa questão por outro ângulo:



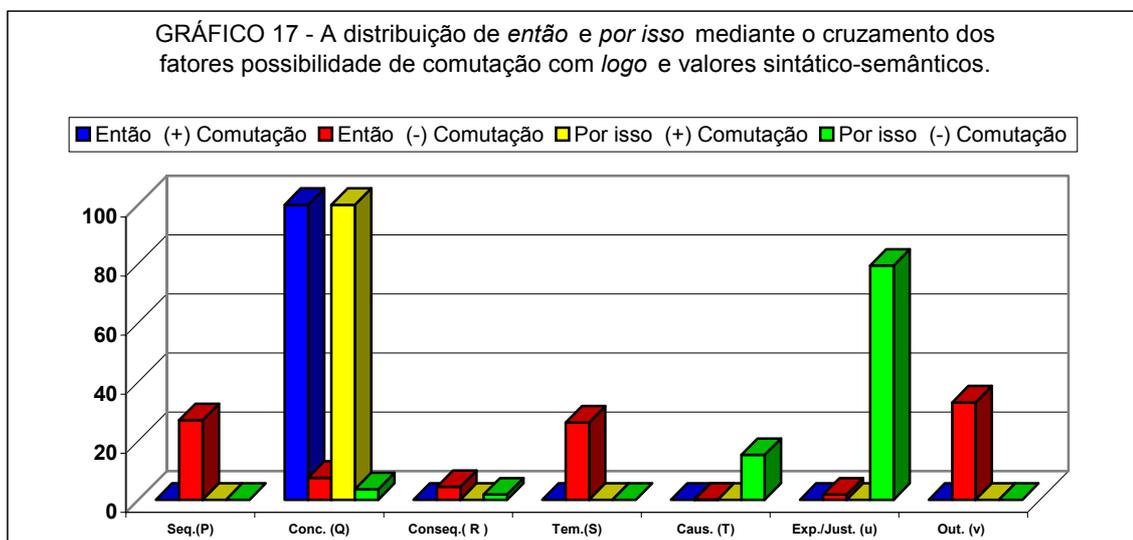
Comparando a ocorrência de elemento conjuntivo antes de *então* e de *por isso* nas duas variedades da língua, os resultados nos indicam que esses itens tomam caminhos diferenciados. Senão vejamos: no PB, o total de *então* que aparece no *corpus* precedido de conjunção apresenta o percentual de 6,6%, enquanto no PE esse percentual é de 32,4%. Esses números são significativos e indicam que *então* está mais próximo de um valor conjuncional no PB que no PE.

Também com o item *por isso* há divergências significativas, embora não tão acentuadas como as que se verificam com *então*: essa expressão aparece precedida de conjunção em 23,3% dos casos no PB e em 31,2% no PE.

Quanto ao cruzamento dos fatores comutação com *logo* e valor sintático-semântico, claro está que a comutação só foi possível nos casos em que *então* e *por isso* assumiam valor conclusivo. Isso não implica dizer, contudo, que em todas as situações que esses termos assumem valor conclusivo eles sejam comutáveis com *logo*. Como já se afirmou antes, a conjunção prototípica *logo* tem posição fixa no início da oração a que pertence e só pode comutar com ela o termo que se apresentar nesta posição. Assim, (57), a comutação não foi possível, embora o valor seja conclusivo.

- (57) O lobo recebeu votação consagrada, tornando-se ENTÃO oficialmente o animal símbolo de Brasília. (V1-44-257)

Dessa forma, conforme Gráfico abaixo, o item *então* apresenta um percentual de 100% em [+Comutação] com valor conclusivo. Já os casos, em que não foi possível a comutação, distribuem-se entre os variados valores sintático-semânticos. Observe-se:

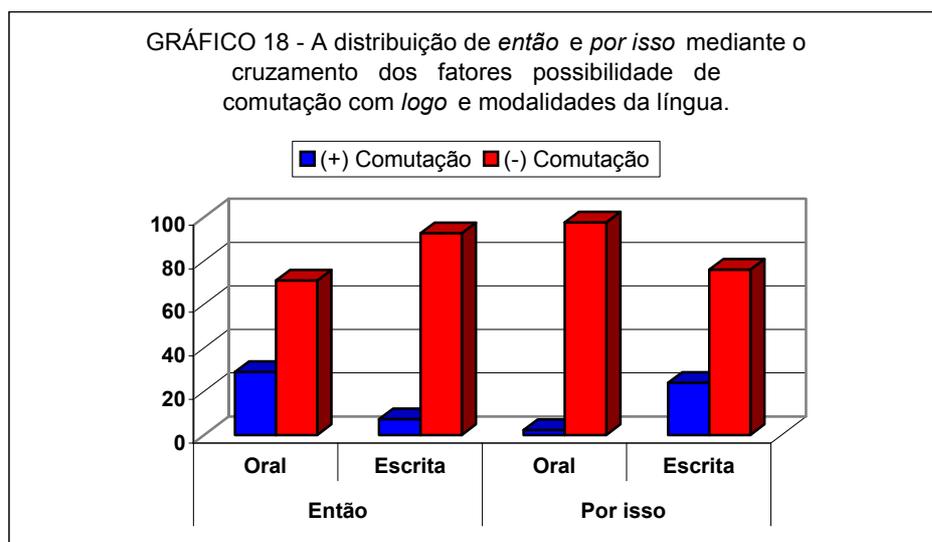


Com a expressão *por isso* a situação é a mesma: os casos de [+Comutação] realizam-se com o valor conclusivo. Dessa forma, as ocorrências em que foi possível a comutação apresentam o percentual de 100% no valor conclusivo. Porém, como revela o Gráfico 17, assim como ocorreu com *então*, também com *por isso* houve casos em que essa expressão apresenta valor conclusivo, mas a comutação como *logo* não é possível pela posição apresentada na oração. É o que ocorre em (58), a seguir:

- (58) A incidência de mortes intencionais nas favelas das mais violentas capitais brasileiras é seis vezes maior que a de outras regiões. Um dos grandes desafios do combate ao tráfico é, POR ISSO, cortar os canais de entrada de drogas e armas no país. (V14-94-422)

Atesta o valor conclusivo de *por isso*, em (58) a possibilidade de se realizar a sua comutação com *portanto*. Mas, como se vê, não basta que um item apresente valor conclusivo para que seja realizada a sua comutação com *logo*: a posição na oração é fator relevante para que essa comutação aconteça.

É interessante analisarmos como se distribuem nas modalidades lingüísticas os casos em que foi possível a comutação de *então* e *por isso* com *logo*. O Gráfico abaixo nos dá uma visão desse fato:



Observemos primeiramente os dados relativos ao item *então*. De acordo com o Gráfico 18, os casos de *então* comutável com *logo* são mais frequentes na língua oral, onde as ocorrências apresentam um percentual significativo: 29%. Já na língua escrita é praticamente nula a ocorrência de *então* comutável com *logo*: a análise dos dados mostra um percentual de apenas 7,3%. Esses números nos indicam que está concentrada na língua oral a tendência de emprego de *então* com valor conjuncional. As mudanças lingüísticas de fato iniciam pela língua oral, mas se estendem ao sistema como um todo. Ao exporem os princípios norteadores de uma mudança lingüística, Weinreich, Labov e Herzog (1968, p. 187-188) expõem que

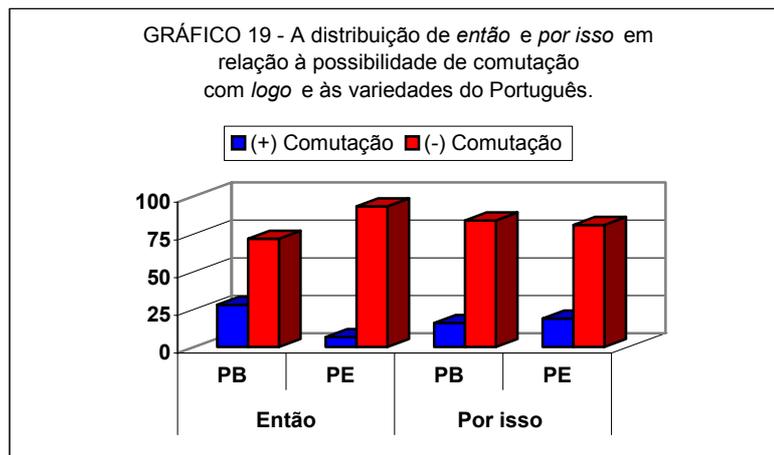
A mudança lingüística não deve ser identificada com a definição aleatória que resulte de variação inerente na fala. A mudança lingüística inicia-se quando a generalização de uma dada alternância em um certo subgrupo da comunidade de fala entra em ação e assume o caráter de diferenciação sistemática.<sup>10</sup>

O fato de o emprego de *então* com valor conjuncional na língua escrita apresentar percentuais baixos revela que a mudança não se encontra ainda em estágio muito avançado.

Se analisarmos esse fato em relação às variedades do português, veremos que os percentuais são bastante distintos: os casos de [+Comutação] de *então* com *logo* no PB atingiram 28%, enquanto no PE o índice foi de 6,7% , conforme Gráfico 19, a seguir:

---

<sup>10</sup> 1. Linguistic change is not to be identified with random drift proceeding from inherent variation in speech. Linguistic change begins when the generalization of a particular alternation in a given subgroup of the speech community assumes direction and takes on the character of orderly differentiation. (Tradução de Tarallo, 1990).



A análise de dos dados nos mostra que a baixa produtividade de *então* comutável com *logo* na língua escrita se deve a razões diferentes nas duas variedades.

No PB, a grande incidência de *então* se dá, nessa modalidade, com valor estritamente temporal, como se pode constatar nos exemplos abaixo:

- (59) Os principais discursos, no entanto, eram preparados por uma equipe e lidos obedientemente pelo ENTÃO candidato. (V6-47-234)
- (60) O ENTÃO governador Anthony Garotinho do PDT, havia sido eleito numa coligação com o PT. (V6-51-236)
- (61) Maria Madalena aparece, no evangelho do Lucas, como a mulher de quem Jesus tinha expulsado sete demônios, e que a partir de ENTÃO passou a segui-lo. (V15-162-435)
- (62) [...] o ator Reynaldo Gianecchini, 29 anos e a apresentadora Marília Gabriela, 54, que se conheceram em 1998 em Paris, onde ele trabalhava como modelo, e desde ENTÃO não se desgrudaram [...]. (V16-54-507)

Casos como os relacionados acima constituíram a grande maioria nos dados, o que nos mostra que, na língua escrita do PB o emprego de *então* está distante de definir-se como conjunção.

Essas situações também ocorreram com frequência nos dados do PE, como se vê nos casos a seguir:

- (63) Dez anos após a morte do marido, a personagem que Nicole encarna, Anna, está decidida a reconstruir a vida com Joseph-Danny Huston, filho do realizador John Huston. É ENTÃO que surge um jovem, interpretado pelo inquietante Cameron Bright [...] (JN-A200-794).
- (64) Vargas Gomes fez de uma fundação criada por Armando Vara, ENTÃO secretário de Estado da Administração Interna [...]. (JN-A143-783)
- (65) Segundo um dos refêns, os seqüestradores abriram fogo, das janelas do primeiro andar, sobre os furtivos. A partir de ENTÃO foi o caos e a carnificina. (JN-A161-784)

Porém outras situações impediram também a possibilidade de comutação de *então* com *logo*. Uma delas, e bastante recorrente, é a cumulação de valores, situação a que Risso (1996) já se referiu. De acordo com essa autora, uma dessas características de *então* é ele apresentar dupla atuação: ao mesmo tempo em que indica seqüenciação de fatos no tempo, pode indicar uma idéia conclusiva, como se vê em (66) abaixo:

- (66) [...] crise diplomática entre Paris e Telavive, depois do primeiro ministro ter apelado aos judeus franceses que, segundo ele, se instalou em França. O Estado hebreu declarou-se ENTÃO disponível pra receber os judeus franceses [...]. (JN-A38-751)

Outro fato que, na nossa interpretação, impede a comutação de *então* com *logo*, no PE escrito, é a preferência manifestada, nesta variedade do português, pela posição, ou pós-verbal, como ocorreu em (66) acima, ou intercalado como em (67):

- (67) O problema com a acidificação é que ela está a acontecer ao mesmo tempo em que os oceanos aquecem. Os organismos precisam, ENTÃO, de lidar com duas grandes mudanças. (JN-A64-764)

O valor conclusivo de *então* é incontestável no texto acima, como se pode constatar pela sua substituição por *portanto*: “[...] os organismos precisam, *portanto*, de lidar com duas grandes mudanças [...]”; no entanto a comutação com *logo* não é possível pela posição que *então* está ocupando no texto.

Com o item *por isso* deu-se o contrário. A possibilidade de comutação com *logo*, apesar de ocorrer num percentual muito baixo, manifestou-se apenas na língua escrita. Na língua oral essa ocorrência foi nula, como mostrou o Gráfico 18 (p. 98).

Observando-se a distribuição de *por isso* comutável com *logo* em relação às variedades do Português, o Gráfico 19 nos mostra que a ocorrência foi maior no PB. Porém, se analisarmos os índices percentuais, veremos que são maiores em relação ao PE, vejamos: *por isso* apresenta, no PB, 16% de ocorrências em que a comutação com *logo* foi possível, enquanto no PE esse percentual foi de 19%. Ou seja, a incidência de *por isso* no *corpus* do PE foi pequena, mas o percentual de emprego dessa expressão com valor conclusivo foi maior.

Vejamos alguns exemplos de uma e outra variedades do português:

- (68) A passagem só poderá ser observada nas primeiras horas depois do nascer do sol. POR ISSO, quanto mais ao sul se estiver, menor o tempo de observação do fenômeno. (V2-130-280)
- (69) Penso que a afinação do elenco governativo, cinquenta e tal dias depois, tem de estar concluída. POR ISSO, é a partir de agora que temos de analisar com mais atenção e menos complacência o que o governo fizer [...]. (JN-A229-798)

Observe-se que nas duas amostras acima, representantes do PB e do PE respectivamente, há a possibilidade de comutação com *logo*, mas paralelamente, há também a possibilidade de clivagem, como já se discutiu antes. Além disso, num e noutro caso, a expressão *por isso* aceita ser precedida da aditiva *e*. Isso significa que, nas duas variedades, esta expressão ainda mantém muito forte seus traços adverbiais.

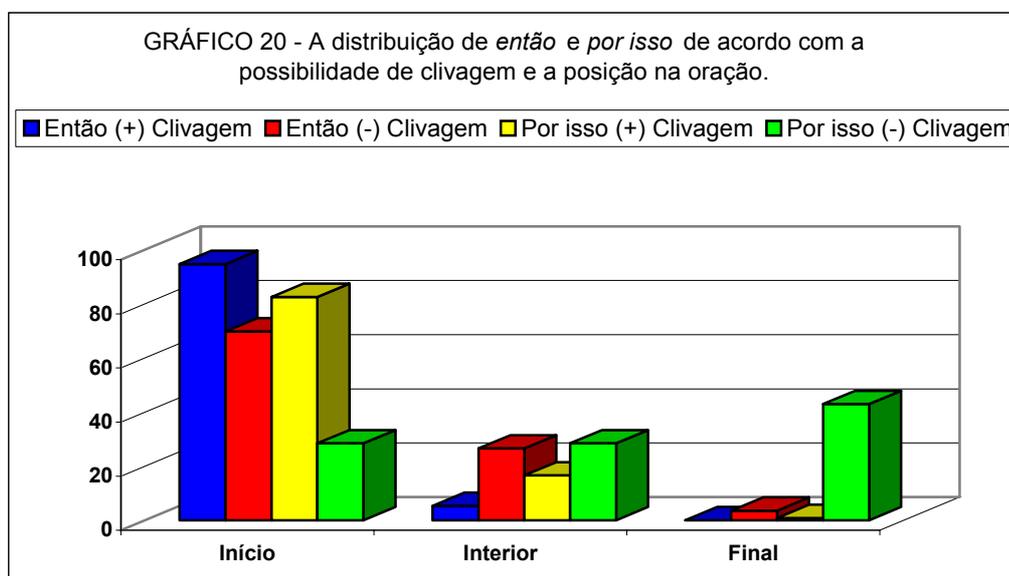
Optamos por não arrolar e discutir aqui exemplos em que a comutação de *por isso* com *logo* não foi possível porque esse ponto reaparecerá na seção seguinte, em que focalizaremos nossa atenção na discussão da posição de *então* e *por isso* na oração e sua implicação com outros fatores.

### 3.5 A posição de *então* e *por isso* na oração e sua implicação com outros fatores internos

A posição na oração constituiu, no nosso trabalho, um dos fatores mais relevantes, uma vez que ela é um dos parâmetros definidores de um item como conjunção, conforme propõe Pezatti (2000; 2001).

Vimos, na seção anterior, que em muitos casos, a posição que *então* ou *por isso* ocupavam na oração foi o único obstáculo para que esses itens pudessem ser classificados como conjunção, uma vez que, em muitos ocorrências, eles apresentaram valor conclusivo, mas a comutação com *logo* não foi possível, pelo fato de essa conjunção prototípica ter função fixa no início da oração a que pertence. Nesta seção faremos o confronto desse fator com outros, igualmente relevantes, com o fim de analisar como se comportam em suas relações uns com os outros.

Consideremos, primeiramente, o cruzamento dos fatores Posição na oração e Clivagem.



De acordo com o Gráfico 20, acima, o maior índice de clivagem concentra-se na posição inicial. Isso se explica, em parte, por ser esta a posição em que se concentra o maior número de ocorrências, sobretudo de *então*.

Vimos, em seção anterior, que *então* apresenta grande resistência à clivagem, sendo o índice de aceitação bem pouco significativo. Porém, dentre os casos em que houve possibilidade de clivagem, 94,7% concentram-se na posição inicial.

Já a expressão *por isso*, com apontamos anteriormente, é bastante sensível à clivagem e o maior percentual de ocorrência também se concentra na posição inicial: 82,5%. Chamamos a atenção para um ponto importante: dentre os números de *por isso* que resistem à clivagem, 28,5% encontram-se no início da oração, 28,5% no interior e 43% no fim. Situações como (70) e (71) abaixo ocorrerem tanto no PB quanto no PE:

(70) De maneira que, às vezes vou daqui para os arredores, chego já cansada e às vezes não tenho disposição de voltar a sair e às vezes perco assim umas coisas um bocadinho POR ISSO. (PF-710-1123)

(71) Tem toda uma chance aumentada quando o sexo é anal POR ISSO. (Mel-14-187)

Veja-se, que nesta posição essa expressão não aceita clivagem. No entanto, pode ser focalizada, o que também reforça o caráter adverbial.

(70) a. De maneira que, às vezes vou daqui para os arredores, chego já cansada e às vezes não tenho disposição de voltar a sair e às vezes perco assim umas coisas um bocadinho POR ISSO MESMO.

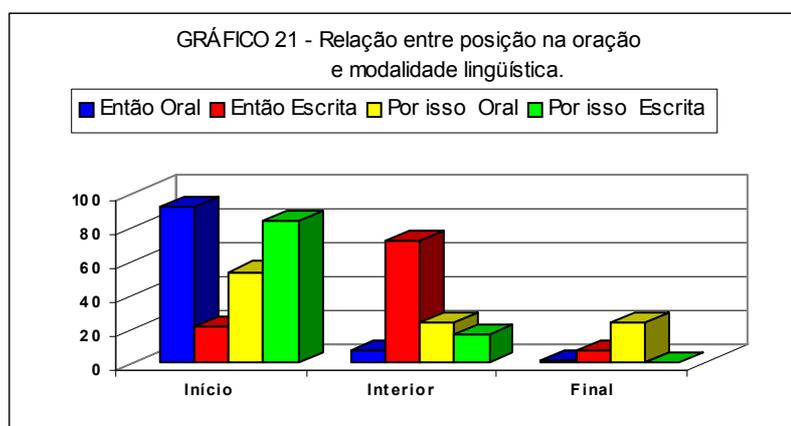
(71) a. Tem toda uma chance aumentada quando o sexo é anal POR ISSO MESMO.

Quando se situa no interior da oração, *por isso* também não aceita clivagem, mas igualmente é passível de focalização. Sabemos que a focalização, que ocorre geralmente por meio de advérbios de inclusão ou exclusão, é um traço [-conjuncional] Observe-se o exemplo a seguir:

(72) Espero é que não se confirmem os nossos receios sobre as dificuldades colocadas aos veículos dos bombeiros e que operações de socorro não sejam, POR ISSO, postas em causa. (JN-A77-767)

- (72) a. Espero é que não se confirmem os nossos receios sobre as dificuldades colocadas aos veículos dos bombeiros e que operações de socorro não sejam, POR ISSO MESMO, postas em causa.

Ao analisarmos a posição de *então* e *por isso* na oração, buscamos verificar se há alguma distinção entre a língua oral e a língua escrita quanto à distribuição desses itens nas variadas posições. Vejamos o Gráfico 21, a seguir:



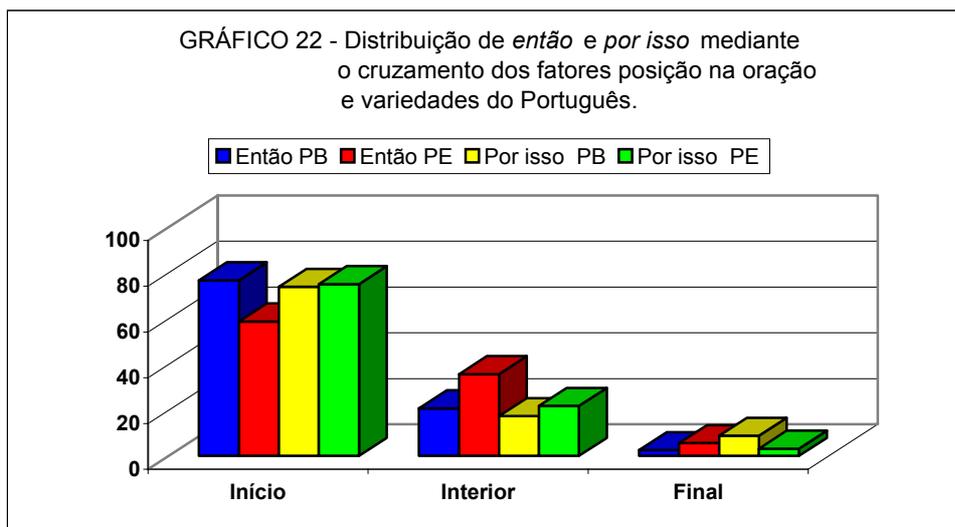
A análise dos dados indicou que, na língua oral, *então* é empregado preferencialmente na posição inicial, ao contrário da língua escrita, em que a ocorrência dessa palavra se deu de forma significativa no interior da oração. A leitura horizontal do Gráfico 21 revela que o emprego de *então* no início da oração foi de 91,6%, enquanto na língua escrita os resultados mostram uma nítida preferência pela colocação desse item no interior da oração, posição em que o percentual foi de 71,8%.

Esses dados reforçam nossas reflexões anteriores e reiteram o caráter conjuncional que *então* vem assumindo na língua oral, enquanto na escrita esse termo ainda se mantém com fortes traços adverbiais.

Já a expressão *por isso*, apesar de apresentar índices significativos de emprego na posição inicial na língua oral – 53,5%, manifesta-se em outras posições de forma mais significativa que *então*: 23,25% no interior da oração e 23,25% no fim. Na língua escrita o emprego dessa expressão no início da oração foi de 83,7% e no interior de 16,3%.

Confrontando-se esses dados com as variedades do português, obtivemos o seguinte resultado: 76,7% do emprego de *então* ocorrem no PB no início da oração, 20,8% no interior, 2,5% no fim.

No PE o índice de ocorrência de *então* foi de 58,7% na posição inicial, 35,7% no interior e 5,6% no fim. O Gráfico 22 abaixo ilustra essa situação:



Em linhas anteriores, quando tratamos da distribuição de *então* e *por isso* nas modalidades da língua, apontamos o fato de *então* apresentar um índice significativo de emprego no interior da oração na modalidade escrita, o que revela um forte traço adverbial. Retomando essa questão e confrontando-a com o fato de o percentual de ocorrência de *então* no interior da oração ser significativo no PE, é conveniente que retomemos aqui um dado já apontado antes: a produtividade no PE de *então* pós-verbal, com valor conclusivo.

Em muitas dessas ocorrências, o único obstáculo à comutação com *logo* foi a posição; em situações assim, não se pode afirmar que os traços adverbiais sejam os predominantes.

Nesta seção procuramos mostrar como a posição que *então* e *por isso* ocupam na oração influenciou a definição desses itens como advérbio ou como conjunção. Na seção seguinte trataremos da clivagem, com o objetivo de definir suas implicações com alguns fatores específicos.

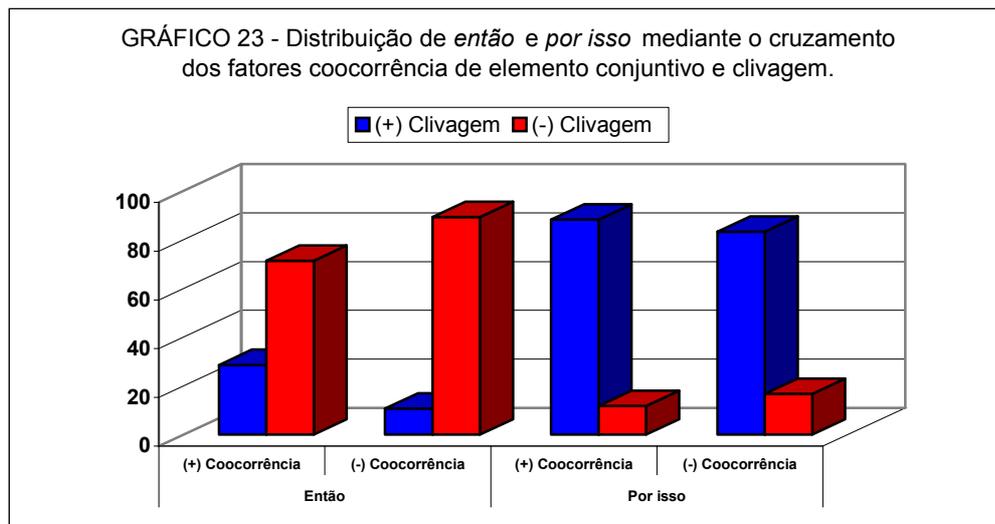
### 3.6 A clivagem e sua relação com outros fatores internos

Ao longo desse capítulo falamos reiteradas vezes de clivagem e de sua importância para a definição de um item como conjunção ou advérbio. Apontamos, também, a sensibilidade de *por isso* a esse fenômeno e destacamos que, na maioria dos casos, *então* não aceita ser clivado. Resta-nos abordar a ocorrência desse fenômeno em relação a três outros: Coocorrência de elemento conjuntivo, Modalidade lingüística e Variedades do Português. Considerando, em primeiro lugar, o cruzamento dos fatores Clivagem e Coocorrência de elementos conjuntivo, os resultados nos revelam que, com relação ao item *então*, 28,6% dos casos em que ocorreu a clivagem, tal fato se deu em presença de um elemento conjuntivo, o que significa que, em situações como essas, esse item cumula dois traços que o afastam do caráter conjuncional. O exemplo abaixo ilustra essa questão:

- (73) E começou o povo a dizer que o meu pai devia um jantar e que era devido a essa promessa, porque os outros todos tinham ... mas o meu pai nunca o disse a minha mãe. Ele nunca lhe tinha dito isto ... mas o povo a dizer e, ENTÃO a gente deu-se o jantar e ficou melhor (DP-01-438).

De acordo com os resultados, o percentual que indica as situações em que *então* apareceu precedido de conjunção, mas não aceitou clivagem é bastante significativo: 71,4%. Esse resultado reitera outros anteriores.

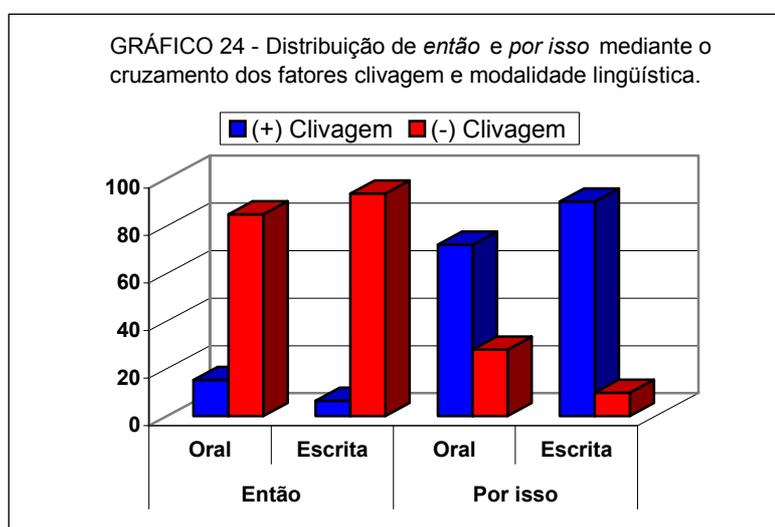
Quanto aos casos em que não se tinha a coocorrência de elemento conjuntivo, 10,7% foram sensíveis à clivagem e 89,3% resistentes a ela. O Gráfico 23, a seguir, ilustra essa situação:



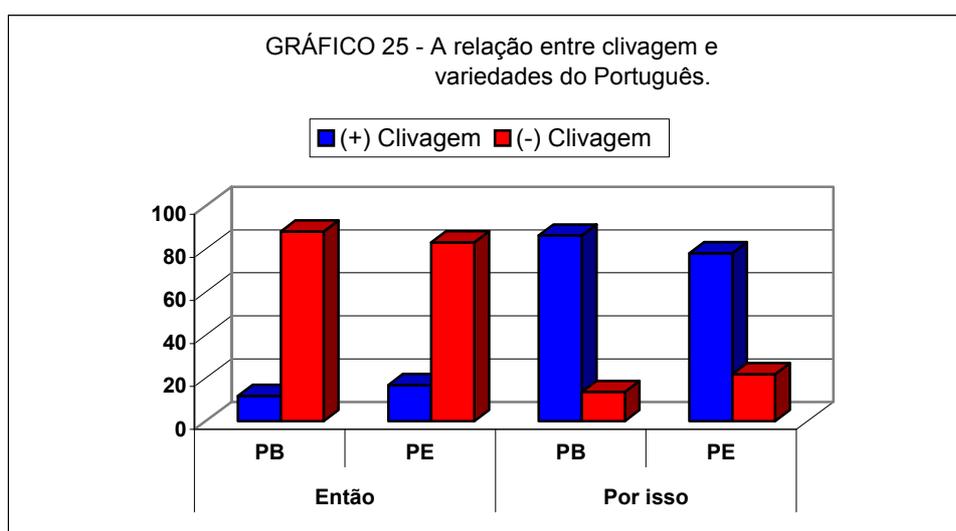
Com relação a *por isso*, os dados apenas confirmam os resultados anteriores, que apontaram a grande sensibilidade dessa expressão à clivagem. Em presença de elemento conjuntivo, o índice de clivagem foi de 88,2% e, na ausência de outra conjunção, a clivagem também teve percentuais significativos: 83,2%.

Referentemente às modalidades lingüísticas, a análise dos dados mostra que *então* aceita a clivagem em apenas 15,1% das ocorrências na língua oral e em 6,4% na língua escrita.

Já com *por isso*, o índice de possibilidade de clivagem foi de 72,1% na língua oral e 90,2% na língua escrita, resultados que confirmam outros anteriores. Essa situação fica mais clara com o Gráfico abaixo:



Considerando-se, por fim, a clivagem em relação às variedades do português, os resultados mostram que a clivagem com *então*, embora pouco significativa nas duas variedades do português, apresentou um índice levemente maior no PE. Vejamos o Gráfico 25, a seguir:

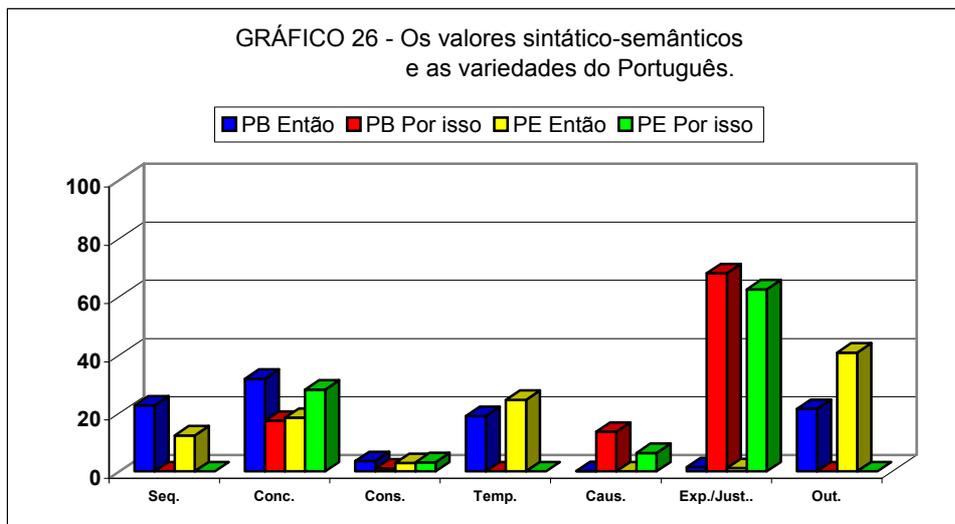


A leitura horizontal do Gráfico 25 mostra que, no PB, a clivagem ocorreu com um percentual de 11,8%, enquanto no PE esse índice foi de 16,8%. Como se vê, neste aspecto não há diferenças significativas entre as duas variedades do português.

Com a expressão *por isso*, os percentuais apresentam-se equilibrados nas duas variedades: a clivagem ocorreu em 86,4% dos casos no PB e em 78,1% no PE, o que nos indica que, nas duas variedades lingüísticas, é acentuado o aspecto adverbial desse item.

### 3.7 Algumas singularidades

Nas seções anteriores, apresentamos os resultados de nossa pesquisa. Embora nosso objeto de investigação tenha sido o processo de mudança pelo qual *então* e *por isso* estariam passando, alguns aspectos singulares referentes, sobretudo, aos valores sintático-semânticos desses itens nos chamaram a atenção. Observemos, inicialmente, o Gráfico 26, a seguir:



O que nos interessa de perto, na nossa pesquisa, são as ocorrências, tanto de *então* como de *por isso*, com valores conclusivos. O Gráfico 26 nos mostra que o emprego de *então* com esse valor atingiu o percentual de 31,8% no PB e 18,4% no PE.

Quanto a *por isso*, o percentual de ocorrências dessa expressão com esse valor foi 17,4% no PB e 28,1% no PE, valores pouco significativos. O curioso é que, nas duas variedades, *por isso* apresenta um percentual elevado de ocorrências com o valor de explicação/justificativa, o que sinaliza para uma especialização dessa expressão com esse valor, fato apontado por Pezatti (2000), com relação ao Português do Brasil. Apesar de o objetivo de nossa pesquisa ser outro, não se pode deixar de registrar que nossos resultados confirmam e ampliam os dessa autora, na medida em que estende essas conclusões para o PE.

O Gráfico 26 nos revela também que em Outros Valores, o percentual de ocorrências de *então* foi bastante significativo: 21,5% no PB e 40% no PE. É preciso esclarecer que, foram considerados como Outros, aqueles casos em que *então* apresentava mais de um valor amalgamado ou em que a identificação desse valor se tornava difícil. Câmara Júnior (1976), conforme já mencionamos em capítulo anterior, afirma ser próprio do advérbio apresentar grande mobilidade semântica e funcional. Risso (1996), analisando a palavra *então*, aponta

nela a singularidade de conjugar, às vezes, mais de uma idéia. Conforme os dados do Gráfico acima nos indicam, esse fato ocorreu com relativa freqüência nos dados que compuseram a base empírica de nossa pesquisa. Observe-se o caso a seguir:

(74) O Procópio Ferreira esteve em Uberlândia fazendo a apresentação de *As mãos de Eurídice* ... nós fomos assistir ... é claro ... Aí o diretor dessa peça lá de Uberlândia é ... convidou o Procópio Ferreira para assistir um dos ensaios da peça e ele foi no ensaio ... ENTÃO eu tive a oportunidade de conversar ... observar o que ele falava ... (Mag-11-150).

Na ocorrência acima, ao mesmo tempo em que *então* atribui ao trecho que inicia, um teor resultativo, consecutivo, mantém presente a idéia de temporalidade. É curioso que apesar de a palavra *então* poder ser clivada, essa clivagem provoca restrição no sentido: a duplicidade desaparece e permanece apenas a idéia de temporalidade.

Situações como (74) aconteceram com bastante freqüência, tanto no PB, como no PE, como se pode ver abaixo:

(75) Em eles vendo meter a cortiça debaixo de água, já sabem que há peixe preso. Pois. E ENTÃO começam a enrolar a roca. (DP-09-457)

No exemplo (75) acima, amostra do Português Europeu, *então* estabelece relações de seqüenciação, resultado, ao mesmo tempo em que mantém em si o traço temporal.

Esse comportamento multifacetado de *então* é um dos principais obstáculos à realização desse termo como conjunção. Em diversas ocorrências do *corpus*, esse item relacionava idéia de conclusão, mas por trazer outras idéias amalgamadas, a comutação com *logo* não se realizava plenamente.

Vejamos a situação abaixo:

(76) A vontade de fumar é como se fosse uma fome ... uma coisa assim ... comia mais

ENTÃO engordei cinco quilos”. (CLEB-09-112)

Observando o exemplo acima, podemos identificar nele a estrutura que caracteriza as relações de conclusão, nas quais, segundo Koch (2000, p. 67), por meio de operadores adequados,

introduz-se um enunciado de valor conclusivo em relação a dois (ou mais) atos de fala anteriores que contêm as premissas, uma das quais, geralmente, permanece implícita, por tratar-se de algo que é voz geral, de consenso em dada cultura, ou, *então*, verdade universalmente aceita.

Parece-nos não ser precipitado afirmar que a primeira frase do falante (que está explicando por que engordou muito) corresponde à premissa a que Koch se refere e que, segundo ela, geralmente permanece implícita por ser *voz geral, de consenso em dada cultura, ou, então, verdade universalmente aceita*. Ora, dizer que a vontade de fumar corresponde à vontade de comer ou, melhor, que ficar sem fumar faz a pessoa comer mais, se não é uma verdade *universalmente aceita*, ninguém questiona que é consenso na nossa cultura.

O fato de o texto encaixar-se nessa estrutura silogística assegura a *então* o valor conjuncional. Porém, essa palavra, no texto, é sensível à clivagem que, uma vez realizada, especializa o sentido em outra direção que não a conclusão, e a palavra *então* assume traços adverbiais.

Já em (77), abaixo, tem-se uma situação curiosa: não há acúmulo de sentidos na palavra *então*, que tem a função exclusiva de assegurar a argumentatividade, mas o texto se apresenta numa estrutura difusa, quase circular:

(77) ... eu nunca faço nada que não seja científico e baseado pelo referencial ... porque se a gente se deixar levar pela intuição da gente ... cê acaba se desgastando porque caso não dê

certo você se culpa né ... ENTÃO a ciência ... eu sou grudada nos livros ... (MEL-14-190).

Há, sem dúvida, em (77) um raciocínio conclusivo, embora seja difícil resgatar as etapas do pensamento do falante. Uma primeira hipótese seria: Todo profissional deve guiar-se pelo científico (premissa maior). (Ora) [...] eu nunca faço nada que não seja científico, *então (logo)* a ciência (me dá sustentação?...). Mas nesse ponto o falante corta o pensamento e não apresenta a conclusão. Uma outra possibilidade seria considerar a premissa maior implícita e estruturar da seguinte forma o pensamento: Todos que não adotam postura científica e se deixam levar pela intuição se desgastam e se culpam. (Ora) eu nunca faço nada que não seja científico, *então (logo)* a ciência me protege do desgaste e da culpa.

De qualquer forma é incontestável o valor conclusivo que *então* assume no texto. Situações como essa, apresentada em (77), tiveram relativa frequência no *corpus*, sobretudo entre falantes da classe A.

Em (78) temos um outro caso de relação conclusiva truncada:

(78) Religião é uma coisa ... medicina é outra. ENTÃO ... portanto ... nessas coisas que fala assim ... ah ... fulano opera e tal e benzição ... igual essas que fala assim que é pra cobreiro ... aí nessa até que vai ... (Luz-29-737)

O que se percebe é que o falante apresenta um fato e se prepara para lançar sua conclusão. O indicativo de que sua intenção é concluir é a reiteração de *então* por meio de *portanto*. O total de sua exposição nos faz perceber o que está implícito e nos permite reconstruir as etapas que não apareceram em sua fala.

(78) a. Religião é uma coisa ... medicina é outra. *Então*, portanto não se pode acreditar que benzições e operações (espirituais) curem.

Restabelecidas as etapas do pensamento do falante, as quais estavam implícitas, a estrutura conclusiva aparece e a comutação com *logo* se faz possível.

(78) b. Religião é uma coisa ... medicina é outra ... LOGO ... não se pode acreditar que benzições e operações (espirituais) curem.

Freqüentes foram também as ocorrências em que a estrutura conclusiva, embora presente no texto, não se manifestou tão claramente por estar amalgamadas a outras idéias. Em situações assim o texto aceitava a comutação de *então* com outro termo conclusivo, mas não com *logo*.

(79) ... ela já me chamou pelo nome ... Oi ... mas precisa andar de cadeira de rodas? Desse jeito ... ENTÃO lá é totalmente o oposto de Goiânia ... (ALE-17-601)

No texto acima, em que *então* imprime um nítido valor de arremate, de síntese à oração que encabeça, a comutação com *logo* não é possível, mas se realiza com *portanto*. A nossa interpretação para esse fato é que a conjunção *logo* não faz remissão anafórica ao que foi dito antes, pois apresenta-se esvaziada semanticamente e, por isso, não se encaixa onde a remissão é necessária. Tal não ocorre com *portanto*, que ainda conserva em si vestígios da antiga forma livre *tanto*, que entrou na sua formação. É esse vestígio que o mantém semanticamente mais cheio e lhe permite encaixar-se onde a retomada é necessária, como ocorre em (79) acima.

Um aspecto que nos chamou a atenção na análise dos dados foi a tendência de, no PE, *então* apresentar-se em posição pós-verbal, como (80) e (81) a seguir:

(80) Amanhã começa ENTÃO a despertar após uma maratona de conversas e músicas. (JN-A48-756)

- (81) De acordo com os registros históricos, tratava-se de uma embarcação de madeira, movida a remo por 12 homens, que desapareceu nas águas do rio Tâmsa, no primeiro dia do ano de 1621. Ao que tudo indica, a tripulação remou sob as águas entre Westminster e Greenwich. Cardine Baillie e Chris Wise foram ENTÃO desafiados a construir uma réplica do prototípico (JN-A129-775).

Essa construção, conquanto tenha representatividade no PB escrito, manifesta-se de forma bastante recorrente no PE, tanto na língua oral como na escrita. Esse fato, que mostra um distanciamento entre as duas variedades lingüísticas em termos de preferências estruturais, impede que *então*, mesmo quando assume valor exclusivamente conclusivo, seja comutável com *logo*.

Como já dissemos antes, foram freqüentes, tanto no PB como no PE, os casos em que *então* apresentou valor sintático-semântico inusitado, alguns bastante difíceis de serem definidos, como em ( 82 ) e ( 83 ) abaixo:

- (82) Temos cá uns ENTÃO – são os Algarvos – o quarto deles é, é um, é uma ... exatamente como a feira-da-ladra, agora entramos noutros que não é a mesma coisa; os brasileiros por exemplo têm o quarto muito arranjadinho ... (PF-1377-1079)
- (83) Há ventos que prejudica na Madalena que é bom aqui e há, às vezes vão para São Mateus, é distante daqui a quinze quilômetros e às vezes vão para a prainha que é vinte quilômetros e outras vezes vão para o cais do pico que ENTÃO é duas horas de viagem do Faial lá (PF-757-1111).

Tanto em (82) como em (83) o sentido de *então* escapa-nos. Apesar de parecer que nos dois casos eles não estabelecem relações sintáticas, é difícil definir os matizes semânticos que eles imprimem ao texto. Situações como a mencionada acima foram bastante comuns no PE. Não é, porém, o caso de (84) abaixo, onde nos deparamos com uma situação singular.

- (84) ... a gente programou mais ou menos as perguntas ... não foi é ... já começar perguntando... Fiz as perguntas no papel já imaginando a resposta dela por conhecê-la há muito tempo ... ENTÃO já conheço a vida ... tenho noção das respostas. (PAR-28-719)

A possibilidade de comutarmos *então* com *como* nos autoriza a afirmar que esse item assume no texto acima o papel de uma conjunção causal. Vejamos:

- (84) a. ... a gente programou mais ou menos as perguntas ... não foi é ... já começar perguntando ... Fiz as perguntas no papel já imaginando a resposta dela por conhecê-la há muito tempo ... COMO já conheço a vida ... tenho noção das respostas.

O mesmo acontece no texto abaixo, onde *então* assume igualmente o valor de conjunção causal:

- (85) ... cê pega um rabo de tatu e dá umas correias nele pra ele voltar a correr ... eu vou passar pra ele uns fortificantes que é a única coisa que cê vai usar ... ENTÃO ele não tem nada vai voltar a ficar normal .... (LAM-22-647)
- (85) a. cê pega um rabo de tatu e dá umas correias nele pra ele voltar a correr ... eu vou passar uns fortificantes que é a única coisa que cê vai usar ... COMO ele não tem nada vai voltar a ficar normal ...

Bastante comuns no *corpus* foram também as ocorrências de *então* com valor adversativo.

Vejamos alguns casos:

- (86) Achamos que aquilo é um pouco de ciúme talvez ... ENTÃO como a gente não está por dentro da questão a gente não pode fazer uma avaliação verdadeira né .... (Mag-11-145)
- (87) É difícil fazer os caras arrumar os instrumentos assim ... aí fica improvisando ... a banda era pra ser de rock só que aí a gente tem que ficar improvisando com o violão ao invés da guitarra porque os caras não coisa ... não conseguem arrumar a guitarra até hoje ... ENTÃO apesar desses problemas assim ... uma hora eu tenho certeza que vai dar certo (FAL-21-633).
- (88) A mãe foi muito severa e conversava muito: pode isso ... não pode aquilo ... ENTÃO sempre conversando com a gente ... briga jamais .... (Cel-33-817)
- (89) A gente nunca foi pra roça não ... porque assim ... somos sete mulheres e só três homens ... ENTÃO meu pai graças a Deus nunca levou a gente pra roça .... (LUZ-29-735)

Em todos os casos acima é possível comutar *então* com *mas* sem nenhum prejuízo de sentido. Observe-se:

- (86) a. Achamos que aquilo é um pouco de ciúme talvez .... MAS como a gente não está por dentro da questão a gente não pode fazer uma avaliação verdadeira ....
- (87) a. É difícil fazer os caras arrumar os instrumentos assim... aí fica improvisando ... a banda era pra ser de rock só que aí a gente tem que ficar improvisando com o violão ao invés da guitarra porque os caras não coisa ... não conseguem arrumar a guitarra até hoje... MAS apesar desses problemas assim ... uma hora eu tenho certeza que vai dar certo [...]
- (88) a. A mamãe foi muito severa e conversava muito: pode isso ... não pode aquilo ... MAS sempre conversando com a gente ... briga jamais ...
- (89) a. A gente nunca foi pra roça não ... porque assim ... somos sete mulheres e só três homens ... MAS meu pai graças a Deus nunca levou a gente pra roça ...

Essas diversas possibilidades de emprego de *então*, esse seu caráter multifacetado, nos faz indagar se isso não seria um reflexo do processo de mudança que esse item vem enfrentando. A nossa hipótese é que a diversidade de valores que a palavra *então* apresenta no português contemporâneo pode ser conseqüência de seu gradativo desligamento da condição de advérbio e direcionamento rumo a uma definição como conjunção. Essa diversidade que hoje a palavra *então* apresenta pode se redefinir e se canalizar para um único sentido. Essa hipótese parece ousada, mas tem precedentes históricos. Conforme Said Ali (1971, p. 187), já mencionado noutro momento desse trabalho, as formas *porende* e *porém*, ambas filiadas ao advérbio latino *proinde*, usaram-se simultaneamente, ambas com o valor de *por isso*, até o fim da Idade Média. No início da Renascença, a palavra *porém* já aparece com o sentido alterado para o valor adversativo que tem hoje. Retomando aqui as palavras de Said Ali (Ibid.), a palavra *porém* “Deixa de expressar a noção de causa determinante de um certo ato para denotar oposição de idéias ou pensamentos. *O primitivo advérbio transmuda-se em conjunção adversativa*” (grifo nosso).

Os resultados apontados no PB parecem já sugerir o caminho que essa palavra deverá assumir.

No capítulo seguinte apresentaremos as considerações finais.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluída a análise dos dados, retornamos às questões que motivaram e nortearam esta pesquisa: os itens *então* e *por isso* se encontram em um processo de mudança em andamento? A situação desses itens é a mesma nas duas variedades lingüísticas enfocadas? Os fatores apontados condicionam de fato essa mudança?

A resposta a estas e a outras questões nelas imbricadas podem ser resgatadas aqui a partir das discussões desenvolvidas ao longo do capítulo anterior.

Em primeiro lugar, pode-se afirmar que parece que estamos diante de um processo de mudança, sobretudo com relação ao item *então*. Os resultados revelaram que essa palavra apresenta alguns traços comportamentais que caracterizam um termo como conjunção. O mais importante deles, tomado aqui como parâmetro definidor de uma palavra como conjunção conclusiva, é a possibilidade de comutação com *logo*. Na análise dos dados, *então* aceitou essa comutação em 23,5% das ocorrências.

Analisando os índices que indicam a possibilidade de comutação com *logo* dentro de cada variedade lingüística, pode-se afirmar que o processo de mudança está mais acentuado no PB que no PE. Os resultados nos indicam que, do total de ocorrências de *então* no PB, 28% aceitaram a comutação, enquanto no PE o índice de aceitação de comutação foi de apenas 6,7%.

Esses resultados nos sugerem que, nas duas variedades do português, esta palavra está assumindo direções diferentes e análise dos dados nos permitiu localizar alguns pontos que explicam os rumos diferentes apresentados pela palavra *então* nas duas variedades lingüísticas. O principal deles é a nítida preferência, apresentada no PE, pela colocação de *então* no interior da oração, ou numa estrutura pós-verbal (Verbo + Então + Restante da oração) ou interverbal (Verbo + Então + Verbo), situações que impedem a comutação com

*logo* mesmo quando esse item apresenta na frase valor semântico conclusivo, uma vez que *logo* tem posição fixa no início da oração.

Um outro fato que marca o distanciamento entre as duas variedades lingüísticas é o alto índice de aceitação de elemento conjuntivo precedente, apresentado pela palavra *então* no PE, o que não ocorreu no PB. Os resultados mostram um percentual de coocorrência de elemento conjuntivo de 32,4% no PE, enquanto no PB esse percentual foi de apenas 6,6%. Como se discutiu no decorrer deste trabalho, a presença de um elemento conjuntivo, junto a um item, descaracteriza-o como conjunção e acentua seu valor adverbial, a menos que tenham funções diferentes.

É interessante notar, contudo, que, nas duas variedades analisadas, o índice de aceitação de clivagem por essa palavra foi pequeno – 11,8% no PB e 16,8% no PE, o que é um ponto favorável ao caráter conjuncional.

Os resultados indicaram também uma maior produtividade de *então* na língua oral, tanto no PB como no PE e seu emprego com valor conjuncional está mais acentuado também na língua oral, onde o percentual de possibilidade de comutação é 29%, enquanto na língua escrita esse percentual é de 7,3% apenas, o que revela que, nesta modalidade, ainda se mantêm acentuados os traços adverbiais desse termo.

Já o item *por isso* aceitou a comutação com *logo* em 17% das ocorrências. Analisando o desempenho dessa expressão em relação às variedades do português consideradas, vê-se que os percentuais não são muito diferentes: *por isso* aceitou comutar-se com *logo* em 16% das ocorrências no PB e em 19% do PE.

Diferentemente do que ocorre com *então*, *por isso* revelou-se mais sensível à comutação com *logo* na modalidade escrita, em que o percentual de ocorrências foi de 24%, enquanto na língua oral o índice não foi significativo. Os resultados mostraram também que *por isso* apresenta grande sensibilidade à clivagem, que ocorre mesmo nos casos em que essa

expressão é comutável com *logo*. Além disso, *por isso* não manifesta rejeição a outra conjunção: na grande maioria das ocorrências foi possível antepor-lhe a aditiva *e*.

Esse conjunto de traços evidencia que *por isso* ainda está longe de assumir estatuto conjuncional, tanto no PB como no PE e, se se pode considerar a comutação com *logo* apresentada por esse item em algumas situações, como indício de mudança, esta ainda parece ser incipiente.

Os resultados apontam também para uma íntima relação entre os fatores internos, sobretudo a classe social, e a seleção de *então* e *por isso* como advérbio ou conjunção.

O emprego de *então* revelou-se mais produtivo entre os falantes da classe A, onde o índice de ocorrências foi de 44,8%, caindo para 34% na classe B e 21,2% na classe C. A ocorrência de *então* com valor conjuncional também se distribuiu num índice equivalente: os casos de *então* comutáveis com *logo* têm um índice de 52% na classe A, enquanto na B é de 29% e na C 19%. Nesse ponto, é necessário que se façam algumas reflexões: sabe-se que as mudanças lingüísticas principiam pela classe média. Assim sendo, nossos resultados, que indicam um processo de mudança sendo iniciado na classe A apresentam-se, num primeiro momento, como incoerentes. Porém, conforme esclarecemos no Capítulo 2, ao realizarmos a distribuição dos informantes em classes sociais, fizemos uma adaptação da proposta apresentada pelo Critério Brasil e, ao invés de trabalharmos com as cinco classes – A, B, C, D, E –, com as duas primeiras se subdividindo em duas outras, refizemos a distribuição dos pontos que determinam a distribuição das pessoas em classes, de acordo com posse de bens e escolaridade, e trabalhamos com três classes apenas: A, B, C. Tomamos tal medida pelo fato de os sujeitos de nossa estarem localizados numa cidade pequena, onde as camadas mais altas não se fazem tão presentes. Dessa forma, os informantes que, dentro da nossa estratificação, encaixam-se como representantes da classe A, de acordo com a proposta original encaixar-se-

iam na B, já que esta classe, assim como a classe A, apresenta subdivisões, o que a torna mais abrangente. Tal fato explica, a nosso ver, a aparente incoerência.

Quanto ao segundo fator externo considerado, a análise dos dados indica haver também uma relação entre eles e a seleção de *então* e/ou *por isso* como advérbio ou conjunção. O emprego de *então* conjuncional é maior pelos falantes pertencentes ao segundo grupo etário. Já o item *por isso*, de baixa produtividade no português contemporâneo, teve seu emprego circunscrito aos falantes das classes B e C, e esse uso se deu, sobretudo, entre os falantes pertencentes ao segundo e terceiro grupos etários.

Concluindo nosso trabalho, queremos chamar a atenção para um fato importante. Ao investigarmos o papel da classe social na seleção de *então* e/ou *por isso* como advérbio ou conjunção, os resultados nos sugeriram que a Escola parece interferir no processo de mudança que o item *então* vem enfrentando: a análise dos dados indicou que a seleção de *então*, como conjunção conclusiva, ocorre entre pessoas com mais escolaridade. Qual o verdadeiro papel que caberia à Escola neste processo é um ponto que merece ser investigado.

E, finalmente, uma última reflexão: fechamos o capítulo anterior apresentando a hipótese de haver, na diversidade de valores semânticos assumidos por *então*, na atualidade, uma perspectiva de unidade, e mencionamos os estudos de Said Ali (1971, p. 187) a respeito da transformação dos advérbios *porende* e *porém* na conjunção adversativa *porém*. Esse autor apresenta um fator lingüístico para explicar o fenômeno ocorrido. De acordo com ele, a alteração semântica ocorrida entre *porende* e *porém* principiou-se e foi favorecida pelas frases negativas, nas quais os dois valores semânticos – justificativa e oposição –, se igualavam.

A nossa indagação é se não se encontraria na atual tendência do PE, de empregar *então* conclusivo em posição pós-verbal, um indicativo de mudança. Esse ponto, a nosso ver, merece também a atenção para futuras pesquisas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes. **Gramática metódica da Língua Portuguesa**. 30. ed. São Paulo: Saraiva, 1964. 580 p.

ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victorio de Oliveira. **Contribuição à gramática do Português falado: estudo dos marcadores conversacionais então, aí, daí**. 1990. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1990.

BALLY, Charles. **Linguistique générale et linguistique française**. 4. ed. Berne: Francke, 1965. p. 53-75.

BARRETO, Terezinha Maria Melo. **Gramaticalização das conjunções na história do português**. 1999. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador: UFBA, 1999.

BARROS, E. M. de. **Nova gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Atlas, 1985. 389 p.

BECHARA, Evanildo. **Gramática escolar da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002a. 715 p.

\_\_\_\_\_. **Lições de Português pela análise sintática**. 16. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002b. 285 p.

\_\_\_\_\_. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. 671 p.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Princípios de Lingüística geral**. 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1964. 332 p.

\_\_\_\_\_. **História e estrutura da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1976. 387 p.

\_\_\_\_\_. **Dicionário de Lingüística e Gramática**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1977. 266 p.

CARONE, Flávia de Barros. **Coordenação e subordinação: confrontos e contrastes**. 6 ed. São Paulo: Ática, 2003. 86 p.

CHOMSKY, N. **Lectures on government and binding**. Dordrecht: Paris, 1981.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976. 357 p.

CRITÉRIO BRASIL. Disponível em: <<http://www.anep.org.br>>. Acesso em: 20 nov 2003.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do Português contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. 748 p.

DIALETOS PORTUGUESES. **Dialetos portugueses** – registros sonoros – geografia da língua portuguesa. Disponível em: <[http://www.instituto\\_camoes.pt/cvc/hlp/geografia/som76.html](http://www.instituto_camoes.pt/cvc/hlp/geografia/som76.html)>. Acesso de: 10 nov. 2003 a 28 jan. 2004.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. **A Sociolingüística Paramétrica**: definição, retrospectiva e perspectivas. Trabalho apresentado no I Simpósio Nacional de Estudos Lingüísticos, João Pessoa, 1997. Não publicado.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de Lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1973. 616 p.

GUIMARÃES, Eduardo. **Texto e argumentação**: um estudo de conjunções do português. 3. ed. Campinas, 2002. 195 p.

JORNAL DE NOTÍCIAS. Disponível em: <<http://jn.sapo.pt>>. Acesso de: 11 ago 2004 a 11 set. 2004.

KATO, Mary; TARALLO, Fernando. Anything you can do in Brazilian Portuguese. In: JAEGGLI, O.; SILVA-CORVALÁN, C. (Orgs.). **Studies in romance linguistics**. Dordrecht: Foris, 1986.

KOCH, Ingedore V. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 2000. 75 p.

KURY, Adriano da Gama. **Novas lições de Português pela análise sintática**. 8. ed. São Paulo: Ática, 1999. 275 p.

LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia University of Pennsylvania Press, 1975. p. 183-259.

\_\_\_\_\_. **Sociolinguistique**. Paris: De Minuit, 1976. p. 258-260.

\_\_\_\_\_. **Principles of Linguistic Change**. Internal Factors. Blackwell: Oxford UK / Cambridge USA, 1994. p. 11-27.

MATTOS, Shirley Eliany Rocha. **Sujeito coletivo singular em Português: concordância e referencialidade**. 2003. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília: UnB, 2003.

MENDONÇA, Jerônimo de. Jornada de África. In: SAID ALI, M. **Gramática histórica da Língua Portuguesa**. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1971. 373 p.

MORAES, L. C. D. **Nexos de coordenação na fala urbana culta de São Paulo**. 1987. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo: USP, 1987.

NUNES, José Joaquim. **Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa**. Fonética e Morfologia. 7. ed. Porto: Imprensa Portuguesa, 1969. 397 p.

OSTHOFF, H; BRUGMANN, M. Morphologische Untersuchungen auf dem Gebiete der Indogermanischen, I Leipzig. (878). In: KATO, Mary; TARALLO, Fernando. **Harmonia trans-sistêmica: variação intra e inter-lingüística**. Preed. 5. Campinas: Unicamp, 1989.

PAIVA, Dulce de Faria. **História da Língua Portuguesa II**. Século XV e meados do Século XVI. São Paulo: Ática, 1988. 97 p.

PEZATTI, Erotildes Goreti. Por isso: conjunção e ou expressão adverbial? In: **Letras & Letras**, Uberlândia: EdUFU, 16, p. 61-74, jul./dez. 2000.

\_\_\_\_\_. O advérbio “então” já se gramaticalizou como conjunção? **Revista Delta**, ano 17, n.1, p. 81-95, 2001.

RISSO, Mercedes Sanfelice. O articulador discursivo *então*. In: CASTILHO, A. T.; BASÍLIO, M. (Orgs.). **Gramática do Português Falado**. Campinas: Unicamp, vol. 1, 1996.

SAID ALI, M. **Gramática histórica da Língua Portuguesa**. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1971. 373 p.

SANKOFF, David. Variable rules. In: AMON, Ulrich; DITTMAR, Norbert; MATTHEIER, Klaus J. (Eds.). **Sociolinguistics** – an international handbook of the science of language and society. Berlim / New York: Walter de Gruyter, 1988. p. 984-998.

SANKOFF, G; TARALLO, F Relativization and anaphora in spoken language.  
**Documentação de Estudo em Lingüística Teórica e Aplicada**, v. 3, n. 2, p. 197-214, 1987.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de lingüística geral**. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 1970. 279 p.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. São Paulo: Ática, 1986. 96 p.

\_\_\_\_\_. **Tempos lingüísticos**: Itinerário histórico da língua portuguesa. São Paulo: Ática, 1990. 105 p.

TARALLO, Fernando; KATO, Mary. **Harmonia trans-sistêmica**: variação intra e inter-lingüística. Preed. 5. Campinas: Unicamp, 1989. 41 p.

TAVARES, Maria Alice. Aí, daí, então e e: condicionamentos extra – lingüísticos. In: TAVARES, M. A. **Um estudo variacionista de aí, daí, então e e como conectores seqüenciadores retroativo-propulsores na fala de Florianópolis**. 1999. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: [s.n.], 1999. (Mimeo).

VAN DIJK, Teun A. **Studies in the pragmatics of discourse**. Berlim / New York: Mouton, 1981. p. 45-82.

WEINREICH, U; LABOV, W, HERZOG, M. Empirical Foundations for a Theory of Language Change. In: Directions for Historical Linguistics. **A Symposium** – Edited by W. P. Lehmann and Yakou Malkiel. University of Texas Press, Austin of London, 1968. p. 97-139.

ZURARA, Gomes Eanes de. **Crônica do descobrimento e conquista de Guiné [...]** dada à luz por diligência do Visconde da Carreira, precedida de uma introdução e ilustrada com algumas notas pelo Visconde de Santarém. Paris: [s.n.], 1841.

## **ANEXOS**

## ANEXO A – Tabelas

TABELA 1

Distribuição de *então* e *por isso* nas variedades do português. (Referente ao Gráfico 1, p. 64).

Variedades do Português	Então		Por isso		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
PB	711	87%	103	13%	814	100%
PE	179	85%	32	15%	211	100%
Total	890	87%	135	13%	1025	100%

TABELA 2

Distribuição de *então* e *por isso* nas modalidades da língua. (Referente ao Gráfico 2, p. 65).

Modalidades da língua	Então		Por isso		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Oral	656	94%	43	6%	699	100%
Escrita	234	72%	92	28%	326	100%
Total	890	87%	135	13%	1025	100%

TABELA 3

Distribuição de *então* e *por isso* de acordo com classe social e faixa etária. (Referente ao Gráfico 3, p. 66).

Faixa etária	Variáveis	Classe A		Classe B		Classe C		Total	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
20 - 29 anos	Então	58	100%	80	100%	14	67%	152	96%
	Por isso	0	0%	0	0%	7	33%	7	4%
	Total	58	37%	80	50%	21	13%	159	100%
30 - 49 anos	Então	88	96%	55	86%	74	96%	217	93%
	Por isso	4	4%	9	14%	3	4%	16	7%
	Total	92	40%	64	27%	77	33%	233	100%
50 anos em diante	Então	95	100%	48	96%	26	74%	169	94%
	Por isso	0	0%	2	4%	9	26%	11	6%
	Total	95	53%	50	28%	35	19%	180	100%
Total	Então	241	98%	183	94%	114	86%	538	94%
	Por isso	4	2%	11	6%	19	14%	34	6%
	Total	245	100%	194	100%	133	100%	572	100%

**TABELA 4**

O emprego de *então* e *por isso* pelos falantes, de acordo com a faixa etária e classe social. (Referente ao Gráfico 4, p. 67).

Faixa Etária	Variáveis	Classe A		Classe B		Classe C		Total	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
20 - 29 anos	Então	58	38,2%	80	52,6%	14	9,2%	152	100%
	Por isso	0	0%	0	0%	7	100%	7	100%
30 - 49 anos	Então	88	40,6%	55	25,3%	74	34,1%	217	100%
	Por isso	4	25%	9	56,2%	3	18,8%	16	100%
50 anos em diante	Então	95	56,2%	48	28,4%	26	15,4%	169	100%
	Por isso	0	0%	2	18,2%	9	81,8%	11	100%

**TABELA 5**

Distribuição de *então* e *por isso* nas classes sociais. (Referente ao Gráfico 5, p. 71).

Variáveis	Classe A		Classe B		Classe C		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Então	241	44,8%	183	34%	114	21,2%	538	100%
Por isso	4	11,8%	11	32,4%	19	55,8%	34	100%

**TABELA 6**

Possibilidade de comutação com *logo* e classe social. (Referente ao Gráfico 6, p. 72).

Comutação com logo	Variáveis	Classe A		Classe B		Classe C		Total	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
(+) Comutação	Então	94	52%	53	29%	35	19%	182	100%
	Por isso	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
(-) Comutação	Então	147	41,3%	130	36,5%	79	22,2%	356	100%
	Por isso	4	12%	11	32%	19	56%	34	100%

**TABELA 7**

*Então* e *por isso* em relação à classe social e à possibilidade de clivagem. (Referente ao Gráfico 7, p. 76).

	Variáveis	Classe A		Classe B		Classe C		Total	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
(+) Clivagem	Então	38	52%	23	32%	12	16%	73	100%
	Por isso	1	4%	8	32%	16	64%	25	100%
(-) Clivagem	Então	203	44%	160	34%	102	22%	465	100%
	Por isso	3	33,33%	3	33,33%	3	33,33%	9	100%

**TABELA 8**

Distribuição de *então* e *por isso* face ao cruzamento dos fatores Classe Social e Coocorrência de outro elemento conjuntivo. (Referente ao Gráfico 8, p. 78).

Variáveis	Classe A		Classe B		Classe C		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
(+) Coocorrência Então	10	28%	16	44%	10	28%	36	100%
Por isso	0	0%	3	30%	7	70%	10	100%
(-) Coocorrência Então	231	46%	167	33%	104	21%	502	100%
Por isso	4	17%	8	33%	12	50%	24	100%

**TABELA 9**

Distribuição de *então* e *por isso* de acordo com a relação entre faixa etária e possibilidade de comutação com logo. (Referente ao Gráfico 9, p. 81).

Faixa etária	Variável	(+ ) Comutação		(-) Comutação	
		Nº	%	Nº	%
20 - 29 anos	Então	58	31,9%	94	26,4%
	Por isso	0	0%	7	20,6%
30 - 49 anos	Então	71	39%	146	41%
	Por isso	0	0%	16	47%
50 anos em diante	Então	53	29,1%	116	32,6%
	Por isso	0	0%	11	32,4%
Total	Então	182	100%	356	100%
	Por isso	0	0%	34	100%

**TABELA 10**

A distribuição de *então* e *por isso* de acordo com a possibilidade de clivagem e faixa etária. (Referente ao Gráfico 10, p. 82).

Faixa etária	Variáveis	(+ ) Clivagem		(-) Clivagem		Total	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%
20 - 29 anos	Então	19	26%	133	28,6%	152	28,3%
	Por isso	7	28%	0	0%	7	20,6%
30 - 49 anos	Então	23	32%	194	41,7%	217	40,3%
	Por isso	8	32%	8	88,9%	16	47%
50 anos em diante	Então	31	42%	138	29,7%	169	31,4%
	Por isso	10	40%	1	11,1%	11	32,4%
Total	Então	73	100%	465	100%	538	100%
	Por isso	25	100%	9	100%	34	100%

**TABELA 11**

A relação entre faixa etária e coocorrência com outro elemento conjuntivo. (Referente ao Gráfico 11, p. 84).

Faixa etária	Variáveis	(+ Coocorrência		(-) Coocorrência		Total	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%
20 - 29 anos	Então	13	36,1%	139	27,7%	152	28,3%
	Por isso	0	0%	7	29,2%	7	20,6%
30 - 49 anos	Então	11	30,6%	206	41%	217	40,3%
	Por isso	3	30%	13	54,1%	16	47%
50 anos em diante	Então	12	33,3%	157	31,3%	169	31,4%
	Por isso	7	70%	4	16,7%	11	32,4%
Total	Então	36	100%	502	100%	538	100%
	Por isso	10	100%	24	100%	34	100%

**TABELA 12**

Distribuição de *então* e *por isso* mediante cruzamento dos fatores comutação e posição na oração. (Referente ao Gráfico 12, p. 86).

Posição na oração	Variáveis	- Comutação		+ Comutação		Total	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%
Início (i)	Então	441	67,8%	209	32,2%	650	100%
	Por isso	78	77%	23	23%	101	100%
Interior (j)	Então	212	100%	0	0%	212	100%
	Por isso	24	100%	0	0%	24	100%
Final (k)	Então	28	100%	0	0%	28	100%
	Por isso	10	100%	0	0%	10	100%

**TABELA 13**

Distribuição de *então* e *por isso* mediante o cruzamento dos fatores possibilidade de clivagem e de comutação com 'logo'. (Referente ao Gráfico 13, p. 90).

Variáveis	Elemento conjuntivo	(+ Comutação		(-) Comutação		Total	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%
Então	(-) Clivagem	200	25,8%	576	74,2%	776	100%
	(+) Clivagem	0	0%	114	100%	114	100%
Por isso	(-) Clivagem	1	4,8%	20	95,2%	21	100%
	(+) Clivagem	22	19,3%	92	80,7%	114	100%
Total	(-) Cliv. e (+) Cliv. Então	200	22,5%	690	77,5%	890	100%
	(-) Cliv. e (+) Cliv. Por isso	23	17 %	112	83%	135	100%

**TABELA 14**

Emprego de *então* e *por isso* em relação aos fatores possibilidade de comutação com '*logo*' e coocorrência com outro elemento conjuntivo. (Referente ao Gráfico 14, p. 94).

Variáveis	Elemento conjuntivo	(+ Comutação		(-) Comutação		Total	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%
Então	(-) Coocorrência	202	26%	583	74%	785	100%
	(+) Coocorrência	0	0%	105	100%	105	100%
Por isso	(-) Coocorrência	23	23%	78	77%	101	100%
	(+) Coocorrência	0	0%	34	100%	34	100%
Total	(-) Cooc.e (+) Cooc. Então	202	23%	688	77%	890	100%
	(-) Cooc. e (+) Cooc. Por isso	23	17%	112	83%	135	100%

**TABELA 15**

Distribuição de *então* e *por isso* mediante o cruzamento dos fatores coocorrência de elemento conjuntivo e modalidades lingüísticas. (Referente ao Gráfico 15, p. 95).

Variáveis	Modalidade lingüística	(+ Coocorrência		(-) Coocorrência		Total	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%
Então	Oral	88	13,4%	568	86,6%	656	100%
	Escrita	17	7,3%	217	92,7%	234	100%
Por isso	Oral	13	30,2%	30	69,2%	43	100%
	Escrita	21	23%	71	77%	92	100%
Total	Oral e Escrita Então	105	11,8%	785	88,2%	890	100%
	Oral e Escrita Por isso	34	25%	101	75%	135	100%

**TABELA 16**

Distribuição de *então* e *por isso* mediante o cruzamento dos fatores coocorrência de elemento conjuntivo e Variedades do Português. (Referente ao Gráfico 16, p. 96).

Variáveis	Variedades do Português	(+ Coocorrência		(-) oocorrência		Total	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%
Então	PB	47	6,6%	664	93,4%	711	100%
	PE	58	32,4%	121	67,6%	179	100%
Por isso	PB	24	23,3%	79	76,7%	103	100%
	PE	10	31,2%	22	68,8%	32	100%
Total	PB e PE Então	105	11,8%	785	88,2%	890	100%
	PB e PE Por isso	34	25%	101	75%	135	100%

TABELA 17

A distribuição de *então* e *por isso* mediante o cruzamento dos fatores possibilidade de comutação com *logo* e valores sintático-semânticos. (Referente ao Gráfico 17, p. 97).

Variáveis	Possibilidade de comutação	Seq.(P)		Conc. (Q)		Conseq.( R )		Tem.(S)		Caus. (T)		Exp./Just. (u)		Out. (v)		Total	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Então	(+) Comut.	0	0%	209	100%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	209	100%
	(-) Comut.	182	27%	51	7,5%	30	4,4%	179	26,2%	1	0,1%	12	1,8%	226	33%	681	100%
Por isso	(+) Comut.	0	0%	23	100%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	23	100%
	(-) Comut.	0	0%	4	3,6%	2	1,8%	0	0%	17	15,2%	89	79,4%	0	0%	112	100%

TABELA 18

A distribuição de *então* e *por isso* mediante o cruzamento dos fatores possibilidade de comutação com *logo* e modalidade da língua. (Referente ao Gráfico 18, p. 98).

Variáveis	Modalidades	(+ )Comutação		(-)Comutação		Total	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%
Então	Oral	192	29%	464	71%	656	100%
	Escrita	17	7,3%	217	92,7%	234	100%
Por isso	Oral	1	2,3%	42	97,7%	43	100%
	Escrita	22	24%	70	76%	92	100%
Total	Oral e Escrita (Então)	209	23%	681	77%	890	100%
	Oral e Escrita (Por isso)	23	17%	112	83%	135	100%

TABELA 19

A distribuição de *então* e *por isso* em relação à possibilidade de comutação com '*logo*' e às variedades do português. (Referente ao Gráfico 19, p. 100).

Variáveis	Variedades do português	(+ )Comutação		(-) Comutação		Total	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%
Então	PB	197	28%	514	72%	711	100%
	PE	12	6,7%	167	93,3%	179	100%
Por isso	PB	17	16%	86	84%	103	100%
	PE	6	19%	26	81%	32	100%
Total	PB e PE Então	209	23%	681	77%	890	100%
	PB e PE Por isso	23	17%	112	83%	135	100%

**TABELA 20**

A distribuição de *então* e *por isso* de acordo com a possibilidade de clivagem e a posição na oração. (Referente ao Gráfico 20, p. 103).

Variáveis	Possibilidade de clivagem	Início		Interior		Final		Total	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Então	(+) Clivagem	108	94,7%	6	5,3%	0	0%	114	100%
	(-) Clivagem	542	69,8%	206	26,6%	28	3,6%	776	100%
Por isso	(+) Clivagem	94	82,5%	19	16,6%	1	0,9%	114	100%
	(-) Clivagem	6	28,5%	6	28,5%	9	43%	21	100%

**TABELA 21**

Relação entre posição na oração e modalidade lingüística. (Referente ao Gráfico 21, p. 105).

Variáveis	Modalidade lingüística	Início		Interior		Final		Total	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Então	Oral	601	91,6%	44	6,7%	11	1,7%	656	100%
	Escrita	49	20,9%	168	71,8%	17	7,3%	234	100%
Por isso	Oral	23	53,5%	10	23,25%	10	23,25%	43	100%
	Escrita	77	83,7%	15	16,3%	0	0%	92	100%

**TABELA 22**

Distribuição de *então* e *por isso* mediante o cruzamento dos fatores posição na oração e variedades do Português. (Referente ao Gráfico 22, p. 106).

Variáveis	Variedades do português	Início		Interior		Final		Valor	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Então	PB	545	76,7%	148	20,8%	18	2,5%	711	100%
	PE	105	58,7%	64	35,7%	10	5,6%	179	100%
Por isso	PB	76	73,8%	18	17,4%	9	8,8%	103	100%
	PE	24	75%	7	21,9%	1	3,1%	32	100%

**TABELA 23**

Distribuição de *então* e *por isso* mediante o cruzamento dos fatores coocorrência de elemento conjuntivo e clivagem. (Referente ao Gráfico 23, p. 108).

Variáveis	Elemento conjuntivo	(+) Clivagem		(-) Clivagem		Total	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%
Então	(+) Coocorrência	30	28,6%	75	71,4%	105	100%
	(-) Coocorrência	84	10,7%	701	89,3%	785	100%
Por isso	(+) Coocorrência	30	88,2%	4	11,8%	34	100%
	(-) Coocorrência	84	83,2%	17	16,8%	101	100%

**TABELA 24**

Distribuição de *então* e *por isso* mediante o cruzamento dos fatores clivagem e modalidade lingüística. (Referente ao Gráfico 24, p. 108).

Variáveis	Modalidade Lingüística	(+ Clivagem		(-) Clivagem		Total	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%
Então	Oral	99	15,1%	557	84,9%	656	100%
	Escrita	15	6,4%	219	93,6%	234	100%
Por isso	Oral	31	72,1%	12	27,9%	43	100%
	Escrita	83	90,2%	9	9,8%	92	100%
Total	Oral e Escrita Então	114	12,8%	776	87,2%	890	100%
	Oral e Escrita Por isso	114	84,4%	21	15,6%	135	100%

**TABELA 25**

A relação entre clivagem e variedades do Português. (Referente ao Gráfico 25, p. 109).

Variáveis	Variedades do português	(+ Clivagem		(-) Clivagem		Total	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%
Então	PB	84	11,8%	627	88,2%	711	100%
	PE	30	16,8%	149	83,2%	179	100%
Por isso	PB	89	86,4%	14	13,6%	103	100%
	PE	25	78,1%	7	21,9%	32	100%
Total	PB e PE Então	114	12,8%	776	87,2%	890	100%
	PB e PE Por isso	114	84,4%	21	15,6%	135	100%

**TABELA 26**

Os valores sintático-semânticos e as variedades do Português. (Referente ao Gráfico 26, p. 110).

Variedades do português	Variáveis	Seq.		Conc.		Cons.		Temp.		Caus.		Exp./Just.		Out.		Total	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
PB	Então	161	22,7%	226	31,8%	25	3,5%	135	19%	1	0,1%	10	1,4%	153	21,5%	711	100%
	Por isso	0	0%	18	17,4%	1	1%	0	0%	14	13,6%	70	68%	0	0%	103	100%
PE	Então	22	12,3%	33	18,4%	5	2,8%	44	24,6%	0	0%	2	1,1%	73	40,8%	179	100%
	Por isso	0	0%	9	28,1%	1	3,1%	0	0%	2	6,3%	20	62,5%	0	0%	32	100%

## ANEXO B – Informações gerais sobre os informantes

Número da entrevista	Código do informante	Classe social	Faixa etária em que se enquadra
01	MB	B	30-49
02	RFE	C	50 em diante
03	ELO	C	20-29
04	BN	C	50 em diante
05	FAJ	C	20-29
06	NAM	B	20-29
07	JOL	C	50 em diante
08	MAC	C	30-49
09	CLEB	C	30-49
10	THAS	C	20-29
11	MAG	A	50 em diante
12	DOB	B	30-49
13	JUM	B	40-49
14	MEL	A	30-49
15	IVS	C	20-29
16	TAM	C	20-29
17	ALE	A	20-29
18	DOM	C	50 em diante
19	VEF	B	50 em diante
19	AFE	B	50 em diante
20	ROB	B	30-49
21	FAL	B	20-29
22	LAM	B	50 em diante
23	MAM	C	30-49
24	MAS	C	50 em diante
25	MAY	A	20-29
26	MLI	A	20-29
27	VAT	A	50 em diante
28	PAR	B	20-29
29	LUZ	C	30-49
30	MAG	C	50 em diante
31	ARC	A	20-29
32	DOC	C	30-49
33	CEL	B	30-49
34	JOC	C	30-49
35	ERC	B	50 em diante
36	COL	A	30-49
37	TAG	A	30-49
38	ACLA	A	20-29
39	MACR	B	30-49
40	ANIG	A	50 em diante
41	ROH	B	50 em diante
42	LEF	A	30-49
43	MAP	A	50 em diante
44	GEB	A	50 em diante
45	FEH	B	20-29
46	ELIB	A	30-49
47	BEB	B	20-29
48	MAR	A	20-29
49	LAR	A	20-29

**ANEXO C – Critério Brasil**





